

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

RAFAEL VIEIRA DE ARAÚJO

JUDÔ: DA HISTÓRIA À PEDAGOGIA DO ESPORTE

Goiânia
2005

RAFAEL VIEIRA DE ARAÚJO

JUDÔ: DA HISTÓRIA À PEDAGOGIA DO ESPORTE

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, sob a orientação do Prof^o. Ms. Alcir Horácio da Silva.

Goiânia
2005

RAFAEL VIEIRA DE ARAÚJO

JUDÔ: DA HISTÓRIA À PEDAGOGIA DO ESPORTE

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, aprovada em ____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Renato Sampaio Sadi – FEF-UFG.

Prof. Ms. Walter Celestino Junior – FEF-UFG.

Prof. Ms. Alcir Horácio da Silva – CEPAE - UFG

DEDICATÓRIA

In memoriam: Urbano Vieira de Jesus + 2002 (tio materno).

Manoel Pereira de Araújo +2003 (avô paterno).

Inês Alves Vieira +2004 (avó materna).

SAUDADES SIM, TRISTEZA NÃO!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que ilumina todos os dias meus caminhos.

Um sonho se concretizou, o esforço, a dedicação, a luta dos meus pais para nossa educação a cada dia que passa está se materializando, ganhando forma, formando engenheiros e professores.

À minha família, meus pais, irmãos(Rildo e Dalton) e sobrinhos (Ricardo e Gabriel) que são tudo para mim e que sempre estiveram ao meu lado nas horas boas e ruins da minha vida.

A verdadeira humanização começa com um colo quente de uma mãe amorosa (Maria de Lourdes Vieira Araújo), com a mão de um pai interessado (Roberto da Silva Araújo) e com professores sonhadores e idealistas.

Quebramos uma grande barreira a de formar em um curso superior federal em que a elite domina em nosso país. Somos humildes, mas somos guerreiros. Superamos dificuldades inauditas e desafiamos limites. Passamos por momentos difíceis no decorrer desse caminho de formação acadêmica, pois pessoas importantes nos deixaram e partiram para a “Universidade de Deus”. O que os grandes momentos têm de bom é que depois de senti-los ainda nos resta a felicidade de recordá-los...”Eu não posso esquecer-los desses entes queridos: Minha avó Inês (+2004) que tanto me deu apoio e sabedoria para vencer com suas palavras sábias; Meu tio Urbano (+2002) que nos deixou de herança: o amor e a perseverança; e meu avô Manoel (+2003) de quem herdamos: a fibra, a raça e vontade de vencer na vida”.

A todos os funcionários da Biblioteca Cora Coralina (localizado no Setor Campinas, Goiânia –Goiás), que com dedicação possibilitaram o meu caminho para a Universidade.

Agradeço a todos os meus familiares principalmente minha avó Gercina, que me ensinaram os valores humanos e a perseverança de viver, minha madrinha Albertina, que nos ajudou bastante nesse caminho, juntamente com meu tio Zezinho que foi o primeiro da família dos Araújo a fazer parte das camadas dos intelectuais (tenente coronel e formado em direito), passando sua sabedoria de vida, de força de vontade, honestidade, de busca pela vitória, nos mostrando o que é certo ou errado. Ele foi o “espelho” da família juntamente com sua mulher tia Aland e seus filhos que considero primos irmãos para mim (Daniel e Angélica). Eles que nos proporcionaram

fé e auto-estima. Agradeço ainda a todos da imensa família da minha mãe, os do Vieira. Faço parte dos Araújo e Vieira, simples, humildes, mas ricos em sabedoria intelectual e valores da vida.

Aos meus professores que participaram da construção dessa monografia: orientador prof. Ms. Alcir Horácio da Silva, o sensei prof. Ms. Walter Celestino Junior com toda sua sabedoria e o prof. Dr Renato Sampaio Sadi, juntamente com o Grupo de Pesquisa Pedagogia do Esporte: em busca de novos caminhos. E a discente que participou como voluntária no projeto do Prolicen Bárbara Torres Sacco, me apoiando com sua dedicação e fibra. E os conselhos amigos de uma irmã amiga que eu ganhei Regiane de Ávila Chagas.

Agradeço a turma da Fef de Jataí e de Goiânia que favoreceu um caminho cheio de esplendor, saudades, alegria e triunfos. Formei uma grande família: com meus alunos de judô; com meus amigos da FEF e, por fim, agradeço a todos os docentes e servidores do CAJ (Campus Avançado de Jataí) e da FEF de Goiânia.

Não poderia esquecer da comunidade judoística. Lá vai meu Arigatô Gozaimasu (Obrigado)!

É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se a derrota, do que formar fila com os pobres de espírito que nem gozam muito nem sofrem muito porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota.

Theodore Roosevelt.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar, verificar e traçar novos caminhos para o ensino-aprendizagem do judô, tendo como objeto de estudo o judô na formação humana. O interesse pelo tema partiu da minha experiência pessoal com este esporte antes e durante o estudo acadêmico. Na reflexão dialética-histórica-crítica do judô na sua realidade concreta verificou-se a necessidade de esboçar uma pedagogia que favoreça a unidade de ensino desta modalidade de forma a (re) significar o ensino-aprendizagem desta atividade humana na sua essência, ou seja, no seu aspecto histórico-filosófico, cultural, social e educacional, a fim de proporcionar uma práxis pedagógica adequada.

Dentro dessa concepção viu-se a necessidade de não fragmentar o judô enfatizando somente a competição. Esta monografia vinculou-se ao Projeto de Pesquisa Pedagogia do Esporte: em busca de novos caminhos, elaborado, desenvolvido e contextualizado na Faculdade de Educação Física (FEF) Universidade Federal de Goiás (UFG). Tal projeto busca também uma nova significação de prática-pedagógica para o Esporte, ou seja, a formação humana, e uma metodologia de ensino para o Esporte por meio de jogos. Nessa perspectiva, elaboramos jogos para a iniciação esportiva do judô. Analizando a esportivização, a utilização do jogo como prática pedagógica e estratégia de ensino nas aulas e a importância do componente lúdico como eixo facilitador da aprendizagem dos fundamentos essenciais dessa modalidade de luta.

ABSTRACT

The present work search to analyze, to verify and to draw new roads for the teaching-learning of the judo, tends as study object the judo in the human formation. The interest for the theme left before of my personal experience with this sport and during the academic study. In the dialectics-historical-critical reflection of the judo in his/her concrete reality the need was verified of sketching a pedagogy to favor the unit of teaching of this modality so that it looks for (reverse) to mean the teaching-learning of the judo in his/her essence, in other words, in his/her aspect historical-philosophical, cultural, social and education and that he can provide with an appropriate pedagogic práxis.

Inside of those possibilities he/she saw himself the need to sketch a new Pedagogy of the Judo to look for to work him/it pedagogicamente for the human formation through the social totality and no fragmented seeking only the competition. This project monográfico also adhered to the Projeto Pedagogia of the Sport: in search of new roads, elaborated, developed and contextualizado in the Federal University of Goiás. THE Project Pedagogy of the Sport also looks is the new significance of practice-pedagogic goes the Sport, in other words, the human formation, proposing the teaching methodology goes the Sport the work with love in the sporting initiation. In that perspective, it is also relevant to propose games for sporting initiation of the judo. This work monográfico has as objectives the analysis of the esportivização of the judo, the use of the game as pedagogic practice and teaching strategy in the classes and the importance of the component lúdico as facilitative axis of the learning of the essential foundations of that fight modality.

This work is, therefore, of great contribution and social relevance for the education and pedagogic development of the judo.

SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
INTRODUÇÃO.....	10
1.0 ASPECTOS TEÓRICOS DO JUDÔ.....	15
1.1 A ESSÊNCIA DO JUDÔ.....	15
1.2 ESPORTIVIZAÇÃO DO JUDÔ.....	27
1.3 PEDAGOGIA DO ESPORTE E O JUDÔ: EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS.....	33
1.4 O JOGO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO JUDÔ.....	40
1.5 LUDICIDADE NO JUDÔ.....	46
2.0 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO JUDÔ.....	51
2.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
2.2 ANÁLISE DE DADOS.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68
ANEXOS.....	72

INTRODUÇÃO

Um dos principais desafios para desenvolver este trabalho monográfico “Judô: da História à Pedagogia do Esporte” foram as situações e fatores que estão ligados à minha vida judoística e acadêmica. Como sou graduado na faixa preta 1ºdan e praticante de judô Confederado e Federado há dezoito anos, no transcorrer dessa prática e experiências vivi vários momentos no judô: Como aluno (criança), judoca inferior em graduação ou conhecimento (Kohai), judoca superior em graduação ou conhecimento (Sempai), atleta, acadêmico e como Professor de Judô (Sensei) dentro do Projeto de Extensão Festival de Lutas realizado pela UFG (Universidade Federal de Goiás) na Faculdade de Educação Física no Campus Avançado de Jataí e nas academias da cidade de Jataí e no decorrer deste ano (2005) no projeto “Ludicidade no Judô” do Programa Bolsa de Licenciatura (PROLICEN) da Universidade Federal de Goiás em Goiânia.

Com os conhecimentos empíricos e epistemológicos, vivências e práticas desenvolvidas por meio do judô e da universidade, verifiquei a necessidade de elaborar uma pedagogia que favorecesse a unidade de ensino do judô. Para isso é importante conhecer a realidade concreta da academia e da escola a fim de se observar como se sistematiza os conhecimentos desta prática corporal japonesa dentro de cada realidade. Compreendendo essas realidades, tanto da academia, como da escola, é relevante esboçar uma pedagogia que busque a re-significação ou reconstrução dos princípios filosóficos e culturais que norteiam as aulas de judô e que possa favorecer seu entendimento visando a formação humana em seus aspectos da totalidade, não fragmentando o judô, mas estudando e intervindo com uma nova proposta de ensino, ou seja, realizando a fusão do tradicional com alternância das atividades lúdicas por meio de jogos com os fundamentos essenciais do judô. Esse processo poderá ocorrer se houver uma prática pedagógica adequada ao processo ensino-aprendizagem dessa modalidade de luta esportiva educacional dentro da iniciação esportiva.

Este estudo monográfico tem como método a compreensão do judô pela totalidade social, cuja idéia central do texto é a discussão de questões gerais e não específicas do judô para não abrir mão de elementos importantes que constituem o

conhecimento de todo o conceito educacional, social, filosófico e esportivo do judô como prática social evitando assim sua fragmentação.

O processo de construção da totalidade concreta implica eliminar aspectos específicos do fenômeno para “ver” o essencial (universal). Não se pode pedir, portanto, que a totalidade concreta tenha todos os elementos específicos (singular) de um particular (objeto). Ela é totalidade, como essência, exatamente porque deixou de lado aspectos específicos. Mas, o essencial (universal) está presente em cada momento do particular, na síntese entre o universal e o singular (ESCOBAR, 2002, p.5).

Por isso é interessante entender e analisar quais as mudanças ocorridas no mundo que influenciaram no processo de desenvolvimento do judô desde sua fundação no Japão em 1882. Analisando esses processos ocorridos na história da humanidade e do judô desde o século XIX, é fácil identificar quais aspectos que o judô ganhou e perdeu com esse desenvolvimento da sociedade de um sistema feudal para um mundo globalizado.

O propósito também é focar o judô e as suas raízes filosóficas sob o ponto de vista das suas possibilidades educacionais.

A intenção aqui é saber porque os senseis (professores) de judô mais antigos se preocuparam em manter as tradições e os aspectos filosóficos que estão sendo desvirtuados no meio judoístico.

Nesse intuito, o estudo do Judô não pode ser abordado superficialmente. É preciso entender como os princípios filosóficos podem contribuir para a formação humana de seus praticantes. Segundo Robert (1976, p.492), “O judô é um todo que deve ser estudado, compreendido e dominado. Mestre Kano, ao criá-lo, fê-lo um sistema de educação integral da personalidade”.

Nesse todo está a formação do aluno enquanto ser social e de todos os conceitos, conteúdos que o judô proporciona através da sua filosofia e de sua práxis pedagógica.

Este trabalho investiga a importância da essência do judô no processo educativo, assim como a busca da unidade de ensino, aderindo ao Projeto Pedagogia do Esporte: Descobrendo novos caminhos¹ que enfoca os seguintes

¹ Desenvolvido pelo professor doutor Renato Sampaio Sadi, docente na Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. Esse Grupo de pesquisa tem como objetivo central: Construir uma educação física e um esporte escolar de qualidade no Brasil. A pedagogia do esporte

objetivos: Re-significar e investigar o judô no seu contexto histórico, filosófico e sua tradição e seu processo de esportivização; verificar e analisar a existência de metodologias de ensino aplicadas na prática do judô; discutir o judô como instrumento pedagógico em busca de uma unidade de ensino; relacionar e analisar o ensino do judô no esporte escolar através da pedagogia do esporte; identificar a importância do componente lúdico nas aulas de judô; avaliar o jogo como estratégia de ensino nas aulas de judô.

Para o cumprimento destes objetivos é necessário repensar e analisar o referencial teórico-prático do judô, bem como sua realidade da prática social em seus princípios básicos e sua relação com as dimensões pedagógicas e tendo como estratégia de ensino nas aulas de judô para crianças o emprego do lúdico para tentar resgatar os valores culturais, sociais, e educacionais do judô. Com isso diferencia-se o esporte alto-rendimento do esporte-formação. Assim o projeto tem por objetivo: Analisar e Re-significar as aulas de judô para esboçar uma nova pedagogia que busque a unidade de ensino dessa modalidade de luta para a formação humana dentro do Esporte Escolar.

O presente estudo está dividido em dois capítulos. O primeiro capítulo, que trata sobre os aspectos teóricos do judô, foi dividido em subtítulos para uma seqüência lógica e compreensível que engloba: A essência filosófica do judô que busca nas raízes da tradição, costumes, cultura e aspectos filosóficos do mundo oriental entender os princípios que orientaram Jigoro Kano ao fundar um novo sistema de luta voltado para a educação; O processo de esportivização do judô, ou seja, qual foi a função do judô no decorrer da história e quais características e representações que ele obteve (arte marcial, educação e modalidade olímpica) durante um determinado fato histórico ao buscar novos caminhos através da Pedagogia do Esporte que pode contribuir para construção da Pedagogia do Judô sendo que as duas pedagogias têm a mesma preocupação da educação esportiva que é a formação humana; Ao esboçar essa pedagogia do judô, houve a

reformulada implica em novas conceituações e práticas. Tanto no campo profissional como no acadêmico, a pedagogia do esporte será desenvolvida a partir das experiências locais de Goiânia e, posteriormente, de outras localidades brasileiras. Objetivos específicos: Ensinar esportes por meio de jogos; sintonizar-se com o debate mundial sobre o tema; mapear referências importantes na literatura; mapear práticas esportivas de duas escolas públicas; promover o intercâmbio, a cultura e o conhecimento sobre o assunto; apresentar produtos finais listados no projeto.

necessidade de discutir o jogo no processo de ensino-aprendizagem do judô e o lúdico como ferramenta facilitadora nas aulas dessa arte suavizante.

O capítulo 2 trata da Prática Pedagógica que expõe o procedimento metodológico do trabalho e aborda a análise de dados, com as entrevistas e os relatórios de observação do projeto Prolicen. Nessa análise pode-se perceber as opiniões dos senseis de Goiânia que tiveram grande relevância para diagnosticar a realidade do atual judô e a construção dos jogos no ensino-aprendizagem do projeto –Prolicen pelo professor e pelos próprios alunos que tiveram um ganho riquíssimo de valor pedagógico para as aulas de judô.

Judô é uma palavra japonesa que compõe-se de dois termos: "JU"que significa princípio da suavidade e da gentileza; "DO" que significa a via, o caminho. Por isso o judô é a "via ou caminho da suavidade e do conhecimento". Sua origem é oriental, sendo fundado pelo professor Jigoro Kano que percebeu a necessidade da ética e da moral no processo pedagógico para ensinar o judô. Sendo este fundador das primeiras escolas modernas desse esporte, em 1882, o professor Jigoro Kano se deteve em três princípios básicos para o aprendizado do judô: Ju-Suavidade (no sentido de flexibilidade); Jita Kyoie – Bem estar e benefícios mútuos e Seryoku Zenyo- O melhor uso da energia. Segundo Kano *apud* Sugai (2000, p. 217, vol. 1), Jigoro Kano, ao discorrer sobre o Judô e seus princípios básicos, assim o definia: "Eu dei a todos esses princípios o nome de Judô. Então, Judô no seu maior e mais completo significado, é o estudo de um método de treinamento da mente e do corpo, de maneira a regular a vida e os afazeres".

As competições e outros assuntos como o componente lúdico que deve marcar a pedagogia do judô, os jogos, as metodologias de ensino nas aulas de judô, as características do Esporte Escolar, a formação de professores no ensino do judô, pedagogia do esporte e outros conhecimentos que são pertinentes para a compreensão do ensino do judô são temas arrolados nesta monografia. Os conhecimentos epistemológicos adquiridos em seminários, congressos, palestras e suporte teórico bibliográfico são importantes para fazer um paralelo com as aulas de judô, buscando e refletindo uma nova metodologia para o ensino e aprendizagem dos fundamentos dessa modalidade, principalmente aqueles relacionados às crianças de uma forma geral, tendo a realidade como interpretação de problematizar os dados através dos referenciais teóricos e da pesquisa empírica.

A utilização do lúdico para os fundamentos iniciais do judô (“amortecimentos de quedas, os princípios filosóficos, equilíbrio, noção de espaço e tempo, solidariedade, golpes iniciais, etc.) é característica central num processo de iniciação que leve em conta a autonomia do sujeito”. Assim, toda a atividade que estiver ao alcance das crianças e adolescentes, de forma adequada e progressiva, torna possível a adequação de escolhas dentro do esporte. O desenvolvimento de metodologia de ensino na iniciação esportiva é um processo que envolve mais do que o ensino-aprendizagem de gestos motores, isto é, envolve uma pedagogia esportiva ainda pouco explorada pela pesquisa e intervenção profissional. Justifica-se então o presente projeto por se tratar de um tema exploratório e atual e relevante para o campo da Licenciatura em Educação Física.

CAPÍTULO 1

ASPECTOS TEÓRICOS DO JUDÔ

1.1 A “essência do judô”

O objetivo deste tópico é apresentar alguns aspectos gerais da evolução histórica do judô no Japão bem como sua base dos princípios filosóficos e culturais. Não se trata de um estudo detalhado, pois alguns fatos menos relevantes podem ter sido omitidos para entendimento mais fácil do contexto em que o judô foi desenvolvido e fundado. Também monografias da Universidade Federal de Goiás do curso de Educação Física da cidade de Goiânia já abordaram consideravelmente a evolução sócio-histórica do judô, principalmente a monografia do autor Orozimbo Cordeiro Junior². Nesse caso, é mais relevante partir do que já foi analisado para refletir sobre aspectos ainda não abordados como a essência da doutrina filosófica que Jigoro Kano considerou para construir os princípios filosóficos do judô.

No oriente, a filosofia está centrada na concentração interior, na comunhão entre o espírito, corpo e mente sendo difícil separar a noção de religião e filosofia; princípios e vida diária; o eu e o todo. Por isso é diferente da cultura lógica ocidental, no qual o oriental desafia essa lógica pela essência do que ela é formada enquanto que no ocidente o indivíduo não é incentivado a conhecer-se e trabalhar sua energia interna.

Portanto, a longa história do Japão produziu uma cultura significamente diferente de outras nações, em geral por uma mistura indissociável da tradição autóctone (nativo) com formas chinesas e ocidentais. Entretanto, as maiores contribuições dos princípios filosóficos japoneses vieram da cultura filosófica milenar da Índia e da China. Entre os representantes da doutrina filosófica oriental destacam-se a sabedoria e o pensamento dos intelectuais chineses como Confúcio (Confucionismo) e Lao-Tsé (Tao). A união do Xintoísmo (religião natural do Japão) que significa “O Caminho dos Deuses” com o Budismo, o Taoísmo, o Confucionismo, formam a arte Zen. Somada essa união com o idealismo dos samurais e a sistematização do jiu-jitsu, pesquisada e analisada pelo professor Jigoro Kano que era um estudioso incansável e nunca se mostrava satisfeito com os

² Cf: Cordeiro Júnior (1999).

resultados obtidos, há uma compreensão dos aspectos culturais filosóficos que formaram a essência da filosofia do judô com os princípios de ética e moral que tanto seu fundador preocupava, por ter um valor educativo enfatizando a disciplina e a educação. Todo esse conhecimento pode ser abordado na arte Zen. Segundo Sugai (2000, p.47, vol.1), "As artes Zen, como as artes marciais, podem ser de grande valor quando usadas para uma finalidade educacional, pois cada uma delas tem como objetivo descontração física e espiritual que conduz a uma mudança interior".

Pode-se analisar o valor educativo através da etimologia e significado dos termos como, por exemplo, as palavras jiu-jitsu e judô que são escritas com dois caracteres chineses cada uma. O "ju" em ambas é o mesmo e significa "suavidade" ou "via de ceder". O significado de jiu-jitsu é "arte, prática". "Do" significa "princípio ou caminho", entendendo o conceito de caminho como sendo a própria vida. O jiu-jitsu pode ser traduzido como "arte suave" e com a implicação de ter significado final, unicamente, de vencer o oponente. Judô é interpretado como o "caminho da suavidade" e mais que uma arte de ataque e defesa, é, portanto, um estilo de vida.

Provavelmente essa era a idéia de Jigoro Kano quando ousou transformar o jiu-jitsu, uma arte guerreira, em instrumento educativo e, posteriormente, em caminho de autoconhecimento. Em 1898, em uma de suas primeiras palestras, o fundador do judô pronuncia sua idéia ao sistematizar os conhecimentos do jiu-jitsu e fala do processo de evolução e de transformação do jiu-jitsu em judô, pautando duas razões pelos quais ele evitou o termo jiu-jitsu:

O Jiu-Jitsu era algo que não poderia ser usado por jovens ou por homens inexperientes. Eu desejava mostrar que o que eu ensino não é perigoso e não necessariamente iria machucar uma pessoa. Não é o Jiu-Jitsu como era ensinado. Isso é o Judô, uma coisa totalmente diferente.

A segunda razão é que os mestres de Jiu-Jitsu ganharam a vida organizando tropas que eram compostas pelos seus seguidores, colocando as brigas em exibição, e ainda cobravam ingresso para as pessoas assistirem. Outros foram mais longe, aos estágios de lutas profissionais de Sumo e Jiu-Jitsu. Tais práticas degradantes de prostituição das artes marciais são repugnantes para mim. Então resolvi evitar o termo Jiu-Jitsu e adotei o Judô (KANO *apud* SUGAI, 2000, p.211, vol.1).

De fato, Jigoro Kano acreditava que todo problema poderia ser resolvido pelo melhor ou mais eficiente uso da energia física ou mental. Acreditava que as

técnicas desenvolvidas pelo Judô colaborariam para o homem melhorar os aspectos de sua vida, ajudando-o a viver mais racionalmente e enfatizou que o judô é o caminho do autoconhecimento e da formação integral do ser humano.

O Judô foi concebido pautado em valores éticos e humanitários profundos, os quais buscam uma prática de equilíbrio entre o corpo e a mente, esboçado na disciplina, nos movimentos harmoniosos da física comosmológica, no esquecimento do “eu individual”, na superação do aspecto marcial, na fraternidade, no desenvolvimento interior, na estética e eficiência, na superação da força, dentre outros princípios antigos e firmemente alicerçados na cultura milenar japonesa, por que não dizer dos mestres orientais (BORGES, 2005, p.2).

Pelo exposto acima, o judô, cuja definição é o caminho da suavidade, possui valores humanitários, morais, éticos e educacionais oriundos das raízes culturais e filosóficas das tradições orientais. Portanto, a filosofia do judô é fortemente influenciada pela filosofia de vida oriental, a qual transforma a disciplina e o equilíbrio em formas de viver e encarar o semelhante, ou seja, ensina aos praticantes dessa arte suavizante: o equilíbrio do corpo e da mente, respeito às pessoas mais velhas, saber perder e ganhar, conter a ansiedade, agilidade, reflexo, pensamento rápido, coordenação motora, espírito de coletividade, amizade e prosperidade mútuas, eficiência no uso da energia e outras características. Isso proporciona o desenvolvimento do aprendizado humano dos judocas conscientizando-os em utilizar as técnicas de forma correta com a finalidade de promover um melhor desempenho tanto no Dojô (sala de treinamento) como no dia-dia em todos os afazeres cotidianos.

O Zen, um produto da mente oriental, é a base da vida oriental e de quase todas as artes marciais, principalmente o judô, que na formação dessa palavra tem toda uma essência filosófica, no qual o prefixo “*ju*” significa suavidade e “*dô*” o caminho, ou seja, o judô é o caminho da suavidade, do autoconhecimento que contribui para a formação do cidadão.

O “do” é o caminho ou, simplesmente, o método de ensinamento que permite o judoca amadurecer e compreender a “natureza” da própria existência e da consciência de si mesmo, do seu papel histórico e da dimensão filosófica e política da prática dialética na e da qual é sujeito e objeto. O judô, na verdade, é o caminho que conduz, quem sobre ele caminha, ao descobrimento do ego adormecido (o pequeno eu, o “eu” limitado) em sua dinâmica relação com o alter, maneira de construção da personalidade maior, mais completa, saudável (CARVALHO, 2003, p.11).

A sabedoria de Confúcio influenciou muito na organização da sociedade japonesa que com certeza nele se inspirou, principalmente no que tange à educação. O Budismo, juntamente com o Confucionismo, foi uma das filosofias que ajudaram a fertilizar o solo japonês para bem acolhê-la. O Tao foi outra influência muito importante na formação da cultura e da mentalidade japonesas, contribuindo muito na concepção do Zen.

Conforme Sugai (2000), Zen significa meditação que se refere a um grau de consciência elevado, um estado de ser íntegro, da transcendência e elevação do espírito, num estado tranqüilo e desperto. Não só o judô, mas todas as artes marciais dō (caminho) têm o objetivo de trabalhar o zen, como o Aikidô, por exemplo.

Para compreender a arte Zen é necessário conhecer brevemente as correntes filosóficas que formam essa arte:

Correntes

Taoísmo - Tao originalmente significa "o Caminho". É o caminho do Universo. Buscando através das polaridades Yin (o nebuloso e sombrio) e Yang (o que brilha ou o luminoso) a solução dos conflitos. Qualquer que seja o ângulo sob o qual se considera o judô: arte, treinamento físico, mental ou espiritual predomina sempre o princípio do equilíbrio dos fatores opostos. Assim ocorre, na realidade, em todas as coisas do Universo.

Confucionismo - Doutrina de Confúcio nascido na China em 551 a.C, é uma filosofia de natureza não religiosa. É um sistema de cunho moral, político e social mostrando a razão do viver individual e social; tendo como base a família.

Budismo - Doutrina filosófica da Índia fundada por Buda nascido em 563 a.C e constituída por dois grandes instrumentos o Prajna - sabedoria transcendental ou inteligência intuitiva - e o Kuruna - o amor e a compaixão; com objetivo de buscar sabedoria iluminada ou a verdade. (SUGAI, 2005).

Todas essas correntes influenciaram sistematicamente o conteúdo da formação filosófica do judô. Sem essas concepções, o judô não seria o judô na sua essência, pois o ideograma é todo embasado nessas correntes filosóficas.

O Judô tem muito dos princípios taoístas, como ceder para poder vencer, procurar utilizar a força do adversário (SEI RYOKU ZEN YO – o melhor uso da energia), puxar quando se é empurrado, empurrar quando se é puxado, saber cair para poder se levantar. Todos esses preceitos estão contidos na palavra Ju (suave), que devem ser levados para nossa vida cotidiana (HIRATA, 2005, p.1).

O professor Jigoro Kano, ao discorrer sobre o judô e seus princípios básicos, foi definindo a parte filosófica do judô: “judô é a máxima eficiência do uso da mente e do corpo para o benefício e o bem-estar mútuos”, ou seja, tudo é unidade.

Segundo Kano *apud* Sugai (2000, p. 218, vol.1),

Examiná-lo como um conceito único, posso ver que o objetivo do benefício e do bem-estar mútuo deve ser incluído no objetivo da máxima eficiência. Embora pareça ter duas faces, em essência, esse objetivo tem como base apenas uma única doutrina, permeando todo o preceito. A máxima eficiência é aplicada a todas as atividades e afazeres da vida humana. E não existe nada mais.

O espírito do Judô é composto por duas máximas e nove princípios extraídos de um documento mimeografado sem data que, segundo Virgílio, 1986, são:

Seryoku Zenyô (Máxima eficácia com o menor desprendimento energético) e Jita Kyoei (Prosperidade e benefícios mútuos) afirmam que deveriam ser praticados e levados para a sociedade, os nove princípios:

1. “Conhecer-se e dominar-se é triunfar”
2. “Quem teme perder já está vencido”
3. “Somente se aproxima da perfeição, quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade”
4. “Quando verificares com tristeza que nada sabes, terás feito teu primeiro progresso no aprendizado”.
5. “Nunca te orgulhes de haver vencido um adversário. O que venceste hoje, poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância”.
6. “O judoca não se aperfeiçoa para lutar, luta para se aperfeiçoar”.
7. “O judoca é o que possui inteligência para compreender aquilo que lhe ensinam, paciência para ensinar o que aprendeu aos seus semelhantes, e fé para acreditar naquilo que não compreende”.
8. “Saber cada dia um pouco mais e usá-lo todos os dias para o bem, é o caminho do verdadeiro judoca”.
9. “Praticar Judô é educar a mente com velocidade e exatidão, bem como o corpo a obedecer com justiça, o corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência”.

Foi nessa perspectiva de formação humana que Jigoro Kano, em 1882, fundou sua escola que deu o nome de Kodokan que significa, literalmente, "escola para estudar o caminho", marco da fundação do Judô. Este templo budista foi construído pelo fundador para nortear todo o ensinamento filosófico e prático do Judô. Englobando o sistema de autodefesa dos samurais, uma disciplina que educa o corpo e o espírito. Nesse ponto de vista de toda filosofia (autoconhecimento) Jigoro Kano, através do Bushidô ou Caminho do Samurai, se inspirou para fundar uma nova arte da suavidade e do conhecimento.

Além dos princípios filosóficos que nortearam os estudos de Jigoro Kano, outros elementos básicos se unem para a concretização do que venha a ser o judô, ou seja, o caminho para formação humana em seus aspectos gerais, tanto práticos

como teóricos. Os conteúdos fundamentais que dão forma e identificam essa luta como sendo o caminho da suavidade são os seguintes: o local de treinamento e estudos(Dojo), a vestimenta (judogi), as saudações(a forma de cumprimentar-se), a ética e etiqueta, a hierarquia, a disciplina,a importância dos rolamentos e amortecimentos de quedas, a finalidade das técnicas, o verdadeiro sentido da competição e a conscientização de ser judoca.

O primeiro elemento é entender a importância do local de treinamentos e estudos (Dojo) para os judocas sendo relevante ressaltar alguns pontos: O termo “Do” significa caminho ou via e o termo “Jô” designa um lugar preciso, donde dojo é o caminho essencial e preciso para a prática do judô. Segundo Robert (1976, p.27), Dojo é um termo de proveniência budista. A sala de meditação de certos templos budistas chama-se dojo. É também o nome da sala onde se estuda uma arte marcial.

No Dojo são fixados um ou mais emblemas simbólicos: a flor de cerejeira, um sabre de samurai, a foto de Jigoro Kano, bandeira do Japão e da nacionalidade. Esse local deve ser tranquilo, no qual proporciona paz, harmonia e concentração para os judocas.

Conforme Lasserre (1951, p. 36), “O Dojo, para os praticantes de Judô, é um oásis no deserto do tumulto extenuante da vida, livre de distinções e formalidades, tanto do ponto de vista social, racial, nacional, como do ponto de vista político e religioso”.

A vestimenta é de suma importância para a prática do judô , ou seja, além da proteção que possibilita, é a “alma do judoca” , pois o Judogi (quimono) é a expressão do próprio judoca formando uma unidade para a ação de ser judoca . Deve sempre estar limpo e vestido de maneira correta, com a faixa (obi) amarrada adequadamente.

O Judogi deve ser sempre de cor branca, pois esta cor representa a pureza de espírito. No Japão feudal era comum o uso do Kimono preto. O sensei Jigoro Kano, porém, introduziu o uso do Judogi branco para os treinamentos de Judô com o objetivo de atrair boas vibrações e boas energias. Por este motivo não se deve usar Judogi de outras cores durante os treinamentos de Judô (MORANDINI NETO, 2003, p.08).

Entretanto, por causa da esportivização e ocidentalização do judô aderiu-se ao judogi azul para diferenciar os competidores durante a luta, ou seja, para facilitar a arbitragem e o público que assiste, tornando essa modalidade mais elitizada.

As saudações e as reverências são as que mais caracterizam as tradições orientais, ou seja, no ato de inclinar-se de frente para a pessoa sem nenhum contato físico.

Existem duas maneiras básicas de saudação: o Ritsu-Rei (em Tyoku-Ritsu - em pé) e o Za-Rei (em seizá - sentado). Ambas sempre devem ser realizadas com a melhor postura e o máximo respeito. Além disso, elas devem ser feitas da forma mais natural possível, sem tensão muscular, porém com convicção e firmeza. A maneira correta de fazer o Ritsu-Rei e o Za-Rei são: Ritsu-Rei - Em Tyoku-Ritsu (calcanhares juntos, pontas dos pés ligeiramente afastadas e corpo ereto) posicione as mãos junto à lateral do corpo, incline o corpo a partir da cintura com as costas retas deslizando as mãos em direção aos joelhos (na frente do corpo) soltando a respiração. O olhar deve ser fixado em um ponto imaginário no solo a cerca de dois metros à sua frente. Após tocar a linha dos joelhos com a ponta dos dedos, volte vagarosamente à posição inicial com as mãos posicionadas ao lado do corpo, junto às pernas.

O Ritsu-Rei é normalmente usado quando se entra no Dojo, quando se sobe no Tatame, no início ou encerramento de algum treinamento com um companheiro e nos Shiais (Competições). Além disso, também deve ser usado para cumprimentar os professores, faixas pretas e colegas.

Uma observação é que os homens deverão fazer a posição Za-Rei mantendo uma distância de dois punhos cerrados entre os joelhos. Já as mulheres podem manter os joelhos juntos.

Os cumprimentos não devem ser um ato mecânico, porque seu simbolismo é profundo. As várias formas de cumprimentos fazem parte de um só ato, a integração com todos e com o Todo; é um gesto de reverência á essência única em cada um de nós (OIDE *apud* SUGAI, 2000, p.52, vol.2).

Considerando os fundamentos técnicos, os amortecimentos de quedas (ukemis) e os rolamentos são de importância primordial para saber cair de várias formas corretamente, tanto no judô como na “vida” em geral.

Durante os treinamentos, o judoca está sempre caindo e levantando, porque se a vida te derrubar, saiba cair e amortecer, refletindo o que aconteceu de errado e, em uma rapidez, conscientemente dê um ippon (golpe máximo no judô) nessas dificuldades diárias, buscando sempre o equilíbrio.

Aprender a cair não constitui somente a base das projeções, mas de todas as técnicas do Judô”. Saber cair é indispensável para saber projetar. De fato, somente através de inúmeras quedas se consegue escalar os degraus do equilíbrio e, conseqüentemente, toda a eficácia do Judô (LASSERRE, 1951, p.30).

Depois dos amortecimentos de quedas e rolamentos, a parte técnica é de fundamental importância na prática do judô. O ensino-aprendizagem das técnicas é a condição essencial que esses movimentos, ainda que assimilados perfeitamente, não se limitem a uma repetição mecânica e sim à conscientização “do que fazer”. Portanto, a ciência e a filosofia se unem para o desenvolvimento do judô, ou seja, atualmente existem estudos ou pesquisas riquíssimas na área de biomecânica, cinesiologia, fisiologia e nutrição para o judô, pois essa arte elenca vários aspectos da física como: equilíbrio e desequilíbrio, alavancas, centro de gravidade etc. Não obstante, o judô possui um conhecimento vasto que precisa ser explorado, estudado e pesquisado em todas as áreas do conhecimento: biológicas, exatas e principalmente humanas.

O mais importante não é o domínio da técnica em si, mas a verdadeira comunhão corpo, mente e espírito. Em relação à parte técnica do judô Kodokan que ficou pronta em meados de 1887, Jigoro Kano enfatizou: O princípio da máxima eficiência do corpo e da mente é o princípio fundamental que governa todas as técnicas de judô.

A “arte do judô” não pode ser entendida a partir dos estreitos limites de um mero manejo de suas técnicas. As virtudes éticas postas no Bushidô, guardadas as proporções, são importantes á afirmação desta “arte de educar” como “arte de enfrentar”. Pois, salvo melhor juízo, as virtudes éticas têm na prática social o meio de construção de um corpo forte, fundamental para o caminho em construção, de um espírito aguerrido, intemerato, acostumado a arrostar os perigos postos pela vida em dada sociedade (CARVALHO, 2003, p.12).

A ética e a etiqueta dentro do Judô estão diretamente associadas à sua expressão máxima: a educação, a prosperidade e o respeito mútuo. Como instrumento de educação, o Judô é formado por um conjunto de atitudes e posturas, que tem sua prática associada tanto à técnica quanto à filosofia. Do respeito a esse conjunto de atitudes e posturas é que depende a sobrevivência da essência e do verdadeiro espírito do Judô. Normalmente o judoca aprende a se conduzir dentro do Dojo de forma intuitiva, vendo e repetindo posturas e atitudes. A Etiqueta vem sendo transmitida, muitas vezes informalmente, de geração para geração, dentro dos princípios que deram origem ao Judô.

A verdadeira ética está na responsabilidade, sensibilidade e no espírito do Judoca. A verdadeira filosofia está na amizade, no relacionamento com os amigos, com a família, com os superiores, e com os subordinados. Ela está na humildade, no respeito e no reconhecimento dos limites de cada um (acima de tudo dos nossos próprios limites). Nosso entendimento autêntico dessa filosofia será da medida certa e da forma exata com que olhamos nossos semelhantes. De como vivemos a vida. De como encaramos o próprio mundo (MORANDINI NETO, 2003, p.6).

Retomando os principais pontos apresentados pelo autor em relação à filosofia e à ética do judô, fica claro que o princípio do judô é contribuir com o processo de formação humana dos judocas, conscientizando-os em relação às atitudes que levem à prosperidade de desenvolvimento do grupo como o respeito, disciplina, organização e método para conseguir lutar e construir sua cidadania de forma participante e útil para a sociedade através de suas ações pensantes e prática no cotidiano.

Assim, foi elaborado um breve manual de conduta para uniformizar a postura dos judocas e orientar os visitantes sobre as normas básicas dentro do Dojo. Com o título de Dojo Etiquette, este pequeno 'guia' traz algumas orientações do que é e do que não é permitido ou aconselhável fazer. Toda essa norma, conduta e o código moral foram embasados na filosofia oriental e nos padrões de organização e desenvolvimento da sociedade (Ver Anexo 1).

Os judocas, conscientizados sobre o exposto acima, facilitam o ensino-aprendizagem das técnicas na luta propriamente dita, pois os alunos sabem que

para haver a luta precisa do outro companheiro e isso denota responsabilidade de ambos para que ocasione o aprendizado de forma consciente no qual o judoca respeite o limite e a integridade física de seu oponente.

Essas características são identificadas na realização do aperfeiçoamento da técnica em pé através do Randori (prática livre), ou seja, é a forma de treinamento durante a qual se procura desenvolver a rapidez de ação e habilidade. O Randori é uma "prática livre", os praticantes, aos pares, disputam um contra o outro como se estivessem em competição. Eles podem projetar, imobilizar, estrangular e aplicar chaves de braço, mas não podem dar pancadas, chutes e empregar outras técnicas apropriadas somente nos combates reais. As principais condições no randori são que os participantes tomem cuidado de não causar lesões um ao outro e que sigam a etiqueta do Judô, que é obrigatória para quem deseja obter o máximo benefício de randori.

Em randori, a noção de derrota ou vitória desaparece. Trata-se, acima de tudo, para cada um, de progredir. A arte do tai-sabaki, o emprego superior da energia, a posse do kiai (grito) são de enorme importância.

Praticar o randori é conhecer as complexas relações físico-mental existentes entre os companheiros. Centenas de valiosas lições podem ser extraídas deste estudo. No randori, aprendemos a empregar o princípio da máxima eficiência, mesmo quando podemos, facilmente, sobrepor um oponente. Naturalmente, é muito mais precioso vencer um oponente com a técnica adequada do que com a força bruta. Essa lição é igualmente aplicável na vida diária: o praticante deve compreender que a persuasão suportada por argumentos lógicos (bom senso) é, no final das contas, mais efetivo do que o uso da força.

Jigoro kano colocou o judô como luta no solo quando um formidável ju-jitsuka, chamado Tanabé, derrotou regularmente todos os campeões do kodokan. Especialista no combate no solo, ele conseguia atirar os seus adversários ao chão e aproveitando as suas posições "deitadas", estrangulavam-nos num relâmpago. Dessas derrotas, Kano tirou uma lição: precisava aperfeiçoar o judô no solo e todo judoca deveria conhecer a luta tanto na posição de pé como deitado.

Os shiais (competições) são desejáveis para aqueles que podem percorrê-los, mas somente uma elite chegará ao fim. O judô de competição é endereçado somente a uma minoria. No shiai, visa-se a vitória pela habilidade adquirida no Randori. Qualquer que seja o resultado, vitória ou derrota, deve ser considerado

como matéria de experiência para o estudo, um passo para escalar os degraus do progresso.

Na realidade, Jigoro Kano não concebeu o Judô competitivo. Pensou no Shiai, que tem o conceito totalmente diverso, conduzido pelo espírito reverente de teste de habilidades em que o praticante deve refletir acerca de suas emoções (efeitos da tensão nervosa), acertos e erros. Portanto, a filosofia do Shiai, em que perder e ganhar têm o mesmo sentido pedagógico. Contudo, nossa maior glória não está em nunca cair, mas em nos levantarmos cada vez que cairmos'.

Em relação aos termos japoneses utilizados no judô, eles devem ser conservados, pois, é a linguagem oficial do judô que conserva sua identidade oriental e filosófica, tão banalizada atualmente no ocidente.

Com certeza, buscar o Judô nas suas raízes, além de ser o caminho certo para se obter autonomia, seria uma valiosa contribuição ao processo de aprendizagem da arte. Por isso é importante conservar a essência do judô: sua filosofia, tradição, normas e hierarquias que o judoca tem que seguir no Dojô (Local de treinamento) ou em qualquer local que estiver. Porque é assim que funciona o sistema de uma sociedade democrática que procura o desenvolvimento, ou seja, no judô há a questão da hierarquia, do respeito, cumprir o horário, da disciplina, higiene, da amizade etc.

Contudo, a arte Zen chamada judô, o caminho da delicadeza ou caminho suave, decididamente não é conhecida pela sociedade leiga e até mesmo pelos próprios judocas porque o judô é visto meramente como valor competitivo.

1.2 Esportivização do Judô

O enfoque aqui não é discutir se o judô é um esporte, uma luta ou arte marcial, mas sim relatar e analisar os fatos históricos que institucionalizaram o judô, enquanto uma modalidade esportiva e olímpica.

O processo de esportivização do judô deve ser analisado em dois fatores: no foco das idéias do professor Jigoro Kano em relação ao judô competitivo, no qual sua principal meta era divulgar o judô pelo mundo na perspectiva educacional e de formação humana; o outro foco a ser analisado é o contexto dos fatos históricos, tanto do Japão como do mundo que o judô transcorreu, ou seja, entender como o judô se configurou no momento das duas guerras mundiais, os primeiros campeonatos de judô até chegar como uma modalidade esportiva olímpica nos jogos olímpicos em 1964 no Japão e quais as mudanças que ocorreram com influências políticas, econômicas e culturais até o momento atual pelo seu processo de institucionalização.

Primeiramente, é relevante compreender a carreira profissional de Jigoro Kano, pois foi o primeiro japonês a fazer parte do Comitê Olímpico Internacional para entender qual o objetivo que ele divulgava para o mundo, principalmente o ocidental.

O professor Jigoro Kano era formado em Letras, falava o idioma inglês de forma impecável, em 1893 foi nomeado conselheiro do Ministério da Cultura, diretor da Escola Superior da Educação, em 1909 foi convidado pelo barão Pierre de Coubertin (professor francês, idealizador e presidente do Comitê Olímpico Internacional), para ser o primeiro delegado japonês e oriental dos Jogos Olímpicos. Segundo Robert (1976), em 1937, o próprio Kano anuncia, pela rádio do Cairo, que o Japão seria em 1940, a sede dos Jogos Olímpicos entretanto, quando voltava para o seu país, faleceu aos 78 anos.

Voltando a fevereiro do ano de 1882, quando Jigoro Kano com 22 anos de idade instalou e fundou a primeira academia de Judô (o Kodokan), o Japão passava por uma abertura política, educacional, econômica com o ocidente, por isso é relevante fazer um paralelo de como era a função do judô naquela época para a sociedade japonesa. O fundador do judô tinha como um dos seus objetivos, o de mostrar para o povo japonês, que o judô era uma luta em que nela estava inserida todo um bojo cultural. A importância deste objetivo foi pelo fato de o Japão ter vivido

um período de mudanças dramáticas e conturbadas, tanto no aspecto social como no político, e as lutas, mesmo com todas as suas tradições, estarem sendo relegadas a um segundo plano pelas pessoas mais intelectualizadas na época.

Pelo fato de o fundador do judô ter um conhecimento catedrático, tanto universitário como das artes marciais, viu-se a possibilidade de inserir o judô no processo educativo para aumentar o patriotismo dos jovens incrementando a disciplina e a moral desses educandos. Assim, melhorava-se para o desenvolvimento da nação exercendo a cidadania em busca da autonomia.

Pela influência do Professor Jigoro Kano, que chegou a ser alto funcionário do Ministério da Educação, judô foi incluído dentro do currículo escolar, tornando-se aos poucos o centro das artes marciais do Japão. Lançou ainda no 31 Meiji (1898) a revista educativa para jovens kokushi. O objetivo desta revista foi definido como: "Após a revolução de Meiji, Japão modernizou-se rapidamente com a introdução de culturas estrangeiras. No entanto, urge ainda igualarmos com a Europa e as Américas o nível cultural, político, econômico e recursos a ponto de não nos sentirmos inferiores a eles. Para isso, é necessário investirmos na educação dos infante-juvenis, formando o maior número possível de kokushi, ou seja, jovens capazes de conscientizar-se da situação atual e do futuro da nação, e que lutam para a concretização do ideal". Depositou sua esperança nos jovens para colocar o Japão como um país do primeiro mundo, numa época anterior à guerra sino-japonesa e russo-japonesa, em que o ocidente desprezava aquele país como sendo do terceiro mundo. Dessa forma, judô não era somente mais uma arte marcial, visava também a formação de uma elite patriota (SONOO, 2005, p. 1).

O judô é, por fim, ensinado oficialmente nas escolas. Uma síntese harmônica começa fazer sentido nos costumes nipônicos. O público sente a necessidade de se fortalecer numa arte de viver, sóbria e disciplinada. A cultura do corpo e do espírito passa a ser uma necessidade; O judô parece ser a solução indicada. Contribui assim por seu valor interno, para a restauração de muitas das artes marciais e como currículo nas escolas japonesas. Nessa ótica, o judô é caracterizado com valor educativo.

Centrado na política de que "judô é educação", erigiu-se os três seguintes métodos:

- 1.Método de luta: renovar o método didático tradicional de jiu-jitsu que é o da transmissão de pensamento, explicando cientificamente a força da gravidade,

segundo rigorosas leis da dinâmica, advertindo contra golpes baseados na força que contrariem tais leis.

2. Método de educação física: treinar para se ter um desenvolvimento harmonioso de cada parte do corpo, evitando golpes perigosos.

3. Método de Desenvolvimento Moral: dar importância à postura de respeito entre os aprendizes e transmitir a relação entre os ensinamentos da Moral e o judô.

Portanto, Jigoro Kano tinha como objetivo definir melhor a finalidade da Educação Física, aprofundando o estudo de suas metas: Saúde, Força, Utilidade e Treinamento Espiritual, incluindo o que ele denominou de fases moral e estética.

O Kodokan é dotado de associações culturais, de comissões de pesquisas, encontro de diversas escolas de ju-jitsu e para verdadeiros concursos em que os vencedores se tornavam professores da polícia. Em 1897, o governo japonês instituiu uma escola nacional de todas as artes marciais, o Butokukai, transformando em rival do Kodokan. As escolas Superiores e Profissionais, patrocinadas pela Universidade Imperial de Tóquio, formaram outra federação: o Kosen, também rival do Kodokan.

No final da década de 1870 e início de 1880, Jigoro Kano inicia um estudo sistemático das artes marciais, já com a iniciativa de montar sua própria escola o Kodokan . Notava o empirismo das escolas e dos métodos da época, estas estando muito mais preocupadas com seus segredos e em ignorar os valores de outras, que propriamente progredir na busca da perfeição técnica e moral. A rivalidade entre escolas foi tão grande que uma procurou destruir outra a qualquer meio. Kano preocupou-se com a falta de ética e moral do Jiu-Jitsu e também a inexistência de princípios pedagógicos e científicos e ainda mais os perigos que essas técnicas representavam. Assim retirou-se com alguns alunos para o templo budista de Eishosi onde estudou e analisou as técnicas mais evidenciadas na época, separando o que havia de bom, criando novas quando necessário e surgindo então, um novo método para fusão de técnicas do antigo Jiu-Jitsu e dos princípios pedagógicos, morais e éticos (MURABAC; TAMBUCCI, 1955, p.).

Contudo, o Kodokan continua sua ascensão. Em 1909, o Kodokan torna-se uma instituição pública.

Em 1938, o clima político deixa pressentir a guerra e os militaristas reabilitam as virtudes guerreiras. O Butokukai torna-se “todo poderoso” e forma em todas as camadas da população o espírito de bushido, é ensinado em verdadeiro espírito guerreiro.

Depois da 2ª. guerra mundial, o Japão sofre intervenção pelos norte-americanos quando esses mesmos interditaram todas as atividades inspiradas no bushidô. Os judocas não podiam treinar senão nas escolas.

Em 1946, os professores do Kodokan foram autorizados a ensinar judô (...) às tropas americanas. Depois o judô foi permitido na condição de se apresentar, não como uma arte marcial, mas como um desporto (ROBERT, 1976, p. 23).

Jigoro Kano fez numerosas demonstrações e conferência na Europa e na América, mas obteve um êxito muito limitado. Nos Estados Unidos, o mestre Yamashita chegou a ter como aluno o presidente Teodoro Roosevelt.

Entretanto, o judô espalhou-se pelo mundo (Estados Unidos, França, Inglaterra, etc). Foi na França que o judô sofreu algumas mudanças como incremento das cores das faixas que incluiu o processo de esportivização, ou seja, melhor arrecadação financeira para as federações e confederações.

Após a segunda Guerra Mundial, a hostilidade do povo inicia o período mágico do judô. A fórmula “A defesa do fraco contra o agressor” fez furor.

O período desportivo começava. Cada país organizava a sua própria federação nacional; os primeiros campeonatos foram realizados, em Paris teve, lugar em 1951, o primeiro campeonato da Europa, ao qual assistiu Risei Kano, filho do fundador do judô, e que foi nomeado, presidente da Federação Internacional.(ROBERT, 1976, P.26)

Em 1956 o Japão organiza os primeiros campeonatos do mundo, em Tóquio.

Em 1964, o Judô torna-se uma modalidade olímpica nos jogos olímpicos do Japão.

Com o incremento da popularidade do Judô, principalmente com o advento de competições esportivas, surgiram algumas interpretações errôneas sobre a prática. Esta deturpação do Judô normalmente é ocasionada por uma visão distorcida ou de total ausência do conhecimento das tradições que o impregnam.

A vinda do judô ao Brasil não foi diferente e ainda não possui dados precisos, ou seja, trabalhos elaborados sobre a História do Judô dentro do Brasil são muito raros, sendo poucas publicações específicas.

O que se identifica na literatura dessa arte marcial é que o judô veio com a imigração japonesa, em 1908. O personagem que mais possui crédito para ser considerado o precursor do judô no Brasil é o Conde Koma, cujo nome seria Mitsuyo Maeda, que ofereceu seus serviços à academia militar, ensinando judô aos integrantes do exército nacional.

A partir dessa imigração, o judô é divulgado e espalhado em todo o país no qual culminou na fundação da primeira Federação de Judô a Federação Paulista em 1958, começando o processo de esportivização dessa arte marcial no Brasil. Como esporte, surgiu a necessidade de aglutinar as diversas federações espalhadas pelo país. Assim, em 1969, foi fundada a Confederação Brasileira de Judô, cuja sede é no Rio de Janeiro. Portanto, o judô ganha um caráter competitivo cujos treinamentos dos judocas são centrados em competir esquecendo-se da essência filosófica de que o judô é formado.

A preocupação dos senseis em relação à perda da essência do judô, seus costumes, suas tradições é significativa. Desta forma, globalizada como o judô vem sendo praticado, os seus valores tradicionais passaram a fazer parte de uma cultura também globalizada, em que o seu ensino e seus valores culturais são vistos apenas dentro de um aspecto histórico. Atualmente os “estilos” de judô se misturam nas competições internacionais, com atletas, das mais distantes e diferentes partes do mundo, adaptando ao judô algumas técnicas de lutas típicas de seus países, tornando-o desta maneira, uma prática muito diferente daquela dos seus primórdios, em que os princípios teóricos e técnicos do judô estão ficando cada vez mais distantes dos ideais firmados por Jigoro Kano.

Portanto, o judô é visto como uma mercadoria em busca de um lucro que o produto final é “fazer campeões” aderindo ao esporte institucionalizado que é ganhar de qualquer forma, mesmo excluindo grande parte da população judoística. Isso que ocorre com o judô e outros esportes visa o alto-rendimento e esquece os princípios que consolidaram e restringe a oportunidade para todos praticarem. No caso do judô, como uma arte do autoconhecimento e da formação humana.

Não relacionar o desempenho no judô com as desigualdades sociais ou com a posição que cada indivíduo ocupa no processo produtivo, reforça a apologia que a própria burguesia erigiu para justificar sua condição de classe hegemônica (CARVALHO, 2003, p. 11).

Dentro dessa esportivização, os treinamentos enfatizam o modelo do tecnicismo, ou seja, tradicionalmente, o ensino tem sido baseado na pura repetição (ou imitação) de movimentos. Nas aulas, verificam-se os aprimoramentos de um ou dois golpes esquecendo-se dos quarenta golpes propostos pelo seu fundador que foram estudados e analisados, ou seja, nem aperfeiçoamento de técnica não é, pois não há uma conscientização no que está fazendo, há sim o aprimoramento de treinamento de forças, cujo objetivo é jogar o adversário no tatame de qualquer forma, desvirtuando outro conceito que Jigoro Kano colocava “ceder para vencer” usando a força do seu adversário para somar com a sua, ou seja, a utilização da energia de forma eficiente e com mínimo de dispêndio.

Segundo Sugai (2000, p.48, vol. 2), “Na ânsia de aprender cada vez mais rápido, os jovens atletas não percebem os detalhes sutis de cada técnica, e é isso que faz a diferença, comprometendo assim o desenvolvimento mais harmonioso de seus movimentos”.

Por essa institucionalização o Judô torna-se elitizado e a minoria não tem condições de praticar, pois tem de pagar mensalidades, e quando há projetos esses não são incentivados para prosseguir.

Conforme Carvalho (2003, p.9), ” Em tese, sugerir “vença quem jogar melhor” é escamotear o fato de que a falta de igualdade de condições são o obstáculo principal e determinante do ‘sucesso’ na escola, no trabalho e no judô”.

O próximo assunto a ser abordado são as metodologias de ensino para o judô, no qual foram retirados dados de uma Pesquisa do Rio de Janeiro que mostrou predominância do estilo comando aulas de judô. Logo em seguida esboçar-se novos caminhos e contribuições em relação à práxis –pedagógica do judô, através da Pedagogia do Esporte que tem como princípio a formação humana, entender a função dos jogos no ensino do judô e o lúdico como ferramenta essencial em qualquer aula, principalmente esportiva.

1.3 Pedagogia do Esporte e o judô: em busca de novos caminhos

Os setores tradicionalistas tendem a valorizar a função educativa do judô e seus princípios pedagógicos simbolizados, em sua ótica, pelos rituais e pela etiqueta, a fim de preservar a distinção entre o “verdadeiro judô” e o esporte, em que as concepções de certos judocas traduzem de forma distinta: O judô esportivo, se não for rigorosamente re significado, circunscrito, limitado, enquadrado e controlado, pode constituir um perigo “mortal” para o verdadeiro judô.

O judô deverá ser ensinado, em seus primeiros passos, dentro de uma proposta em que o aluno aprenda a formar convicções dentro de uma prática conscientizadora, em que o mais importante será entender os princípios filosóficos, os movimentos e aprender a desenvolver estratégias para vencer a resistência de seu companheiro que está se movimentando e oferecendo resistência à sua frente durante todo o treinamento. Estas aulas deverão ser promovidas dentro de um clima prazeroso, em seus aspectos de coletividade e amizade, em que o bem estar comum deve ser sempre o ponto convergente de toda programação didática.

No dojo, a criança aprende a conhecer-se, a discernir os seus defeitos e as suas qualidades. Aprende, sobretudo a disciplina e o gosto pelo esforço. Aprende a estimar os companheiros, a progredir com eles; encontra um escape para a sua energia, e sua turbulência e a sua agressividade. (ROBERT, 1976, p.488).

O judô integral é suficiente para dar a todos o que eles procuram. Todavia, os judocas que visualizam somente as competições não conhecem mais do que uma ínfima parte do judô e ignoram o seu aspecto filosófico.

Jigoro Kano propõe, através do Judô, uma "via de ceder", um "caminho suave" no sentido de aperfeiçoamento moral e espiritual, além de físico e intelectual, preconizando a Paidéia - formação integral do ser humano.

Nas metodologias de ensino aplicadas ao judô, verificam-se a predominância do estilo comando. Isso pode ser verificado por meio de uma pesquisa feita no Rio de Janeiro que teve como autor Ricardo Ruffoni (2005)³, na qual categorizou os estilos de ensino em: estilo comando, estilo descoberta guiada,

³ Professor Ricardo Ruffoni, mestre em Ciência da Motricidade Humana, Especialista em judô 6º dan- Especialista em Marketing Esportivo.

estilo descoberta convergente. Na sua pesquisa, que teve como tema: Análise Metodológica na Prática do Judô, ele verificou a predominância de um estilo de ensino baseado em questionários e série de 10 filmagens. A metodologia empregada foi de natureza quali-quantitativa e a amostra compreendeu 28 professores graduados em judô, licenciados em Educação Física ou registrados junto ao CREF (Conselho Regional de Educação Física) do Estado do Rio de Janeiro. Na pesquisa, os resultados apresentaram a predominância do estilo comando com 39,3% que tem por características: o imediatismo do gesto esportivo, a hierarquização dos valores e a padronização no movimento do grupo, denotando uma ausência de diálogo entre o professor e o aluno, com todas as decisões tomadas pelo professor. Isso evidencia a prática de uma tendência metodológica tradicionalista. Tais considerações estão presentes na textualidade das afirmações sobre a metodologia de ensino do judô.

As aulas tornaram-se objetivas, em que o aluno faz nenhuma ou quase pouca relação do Judô aprendido com a vida diária. Mas logo todo judoca se conscientizará. No judô, culturalmente isso acontece cedo. Ainda como o praticante não aprendeu que inexiste a derrota e que a vitória é passageira como a vida, logo abandonará os tatames (até certo ponto desprezado).

As raízes do ensino tecnicista sustentam um ideário conservador, uma concepção de esporte para poucos e por isso torna o ensinar e o aprender um processo desgastante e penoso, já que a realização objetiva do esporte é a vitória (a incessante busca pela vitória nesse processo desgasta) Historicamente o esporte se associa a processos de trabalho repetitivos, reforça a alienação e o estranhamento (relação trabalhador-produto) e camufla o sofrimento por meio dos êxitos nas competições (SADI, 2005, p. 4).

Nessa perspectiva, busca-se novo caminho para a pedagogia do judô em que favoreça a formação humana dos alunos e a consciência da essência filosófica dessa arte, que vem perdendo seu significado pela institucionalização em virtude de fundação e organização de Federação e Confederação que tem como objetivo central: os resultados de competições em detrimento do processo pedagógico que o judô pode oferecer em sua totalidade. Assim, o judô foi fragmentado em função do interesse do esporte de alto rendimento: competir sem nenhum significado educacional em função dos interesses capitalistas.

Segundo Sugai (2000, p.161, vol. 2), “O ‘Judô força’ que se estabelece ganha apreciadores, é um produto genuíno da mente ocidental e serve aos fins a que se propõe: fabricar vencedores nas competições”.

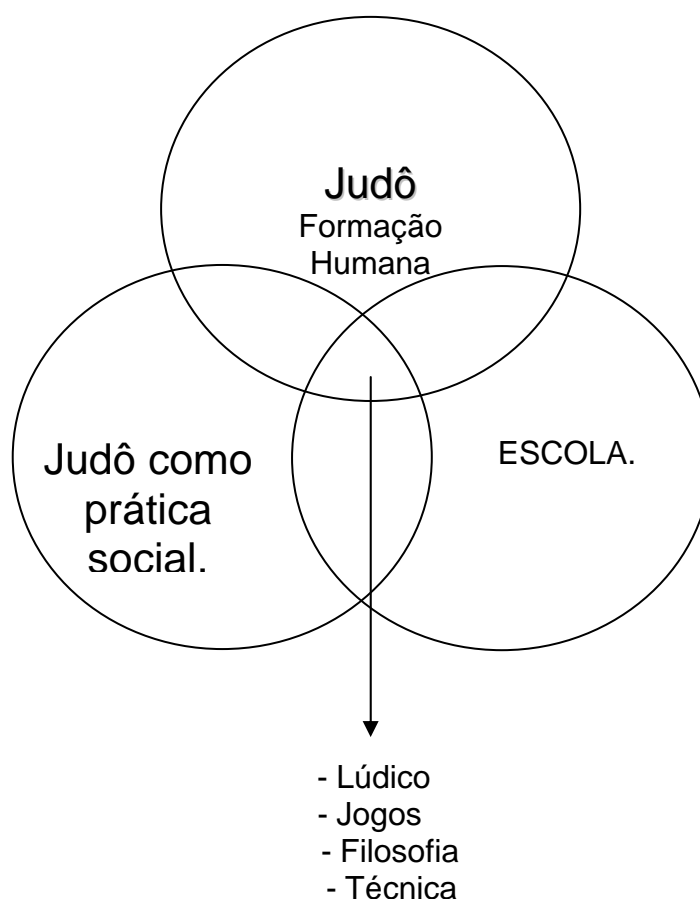
Portanto, o judô esportivo deve ser re-significado, pois favorece pequena parcela da sociedade, no qual, quem tem condições financeiras de pagar uma academia ou clube, ou ganham bolsas pelos seus resultados em competições federadas estão incluídos e os outros desconhecem essa modalidade esportiva oriental. Mesmo na escola, quando o judô é sistematizado e seu ensino é rápido servindo às vezes como uma vivência que levam os professores a buscar em várias metodologias de ensino para desenvolver uma prática pedagógica que condiz com a realidade da escola, ou seja, o ensino-aprendizagem do judô nas escolas se aproxima de uma luta chamada judô, perdendo algumas características em sua totalidade.

Verificando essas duas realidades, tanto escolar como nas academias, foi que surgiu a proposta de uma unidade de ensino do judô para a formação humana. Nessa unidade seria necessário não apenas transmitir e ensinar técnicas do judô com vistas a competições, mas transformá-lo didaticamente. Isso inclui a compreensão e necessidade de mudança de significados, valores e objetivos. Esse caminho implica necessariamente a abordagem dialética do esporte, avançando-se em direção a uma concepção unitária do ensino-aprendizagem do judô, ainda inexistente.

Pensando o judô em sua totalidade e como esporte, viu-se a possibilidade de entrar como projeto escolar, ou seja, no Esporte Escolar, dando novos caminhos pedagógicos para o ensino do judô por intermédio dos interesses e contribuições da participação da sociedade para o desenvolvimento dessa arte suavizante. Desse modo, o processo educacional só ocorrerá se os professores e pais tiverem consciência de um processo pedagógico a médio e longo prazo, oferecendo escolhas para os judocas. Portanto, não ficando meramente em um discurso utópico e idealizador e sim na sua realização concreta da realidade superando barreiras e dificuldades.

O judô pode ser incluído na Pedagogia do Esporte, conforme Sadi et.al (2004, p.) “O Esporte escolar é um complemento da educação física escolar, sendo esta, digamos, de caráter mais regular”. Da mesma forma, jogo e esporte formam uma unidade de ensino. O judô, como iniciação esportiva para os estudantes, forma

junto com a sua prática social (academias, clubes, condomínios etc) e a Escola uma unidade de ensino e é essa a busca para a (re) significação do judô de uma forma geral. Como prática pedagógica, os jogos e o lúdico podem ser essenciais para o ensino-aprendizagem na iniciação do judô.



Compreendendo dessa forma a busca da valorização do ser humano e o esporte como função educativa e inclusiva, viu-se no Projeto Pedagogia do Esporte: descobrindo novos caminhos, desenvolvido na Faculdade de Educação Física, da Universidade Federal de Goiás, uma nova perspectiva de ensino para o esporte através dos jogos, que busque priorizar a formação humana, sendo essa pesquisa desenvolvida pelo professor Dr. Renato Sampaio Sadi ⁴. Nesse projeto há pontos comuns com a pedagogia do judô, ou seja, há preocupação da prática pedagógica do ensino do esporte e sua contribuição para a sociedade.

⁴ Renato Sampaio Sadi –Doutor em Educação pela PUC/SP e Docente da FEF/UFG.

Para a compreensão superficial o Projeto Pedagogia do Esporte: descobrindo novos caminhos, enfatiza algumas considerações relevantes a apontar, enumeradas e relacionadas com a pedagogia do judô:

- 1- A pedagogia do esporte, confundida com a educação física, ainda é uma área virgem com potencial para pleno desenvolvimento, para a *descoberta de novos caminhos*, a pedagogia do esporte decorre e se sustenta em uma educação física de qualidade, isto é, o componente curricular necessita de uma área de apoio, a área do esporte escolar; assim, o desenvolvimento se expressa em uma unidade educacional (educação física + esporte escolar).

Dessa mesma forma, a pedagogia do judô, também em nível de desenvolvimento e construção, acompanha esses princípios da pedagogia do esporte podendo contribuir de forma sistematizada com o ensino do Esporte como parte aliada e unificada da Educação Física.

Quando a pedagogia do esporte propõe a unidade de ensino educacional (educação física + esporte escolar), o judô, com todo seu embasamento cultural e educativo, pode ser uma das modalidades esportivas a compor esse quadro do esporte recebendo trato pedagógico no seu ensino-aprendizagem para iniciação esportiva dos alunos interessados a praticar o judô.

- 2- Os objetivos de rendimento, rendimento pessoal e rendimento profissional devem ser perseguidos pela pedagogia do esporte com o objetivo de poder contribuir com os estudantes que se destacam e se interessam pelo esporte. É preciso dar densidade ao conceito de rendimento, pois além da associação trivial ao trabalho desgastante, competitivo e de sofrimento para se alcançar resultado, o rendimento possui uma dimensão humana de busca consciente de realização plena, de esforço permanente da qualidade da atividade. Isto não significa privilegiar, segregar e selecionar a partir da educação física realizada na escola, mas criar novas oportunidades de ensino, de acesso e permanência no esporte.

O rendimento também é o resultado do aprendizado e da evolução de qualquer esporte, o judô pedagogicamente trabalhado enfatiza e valoriza o rendimento dos judocas na perspectiva da totalidade humana em seus aspectos

educacionais, sociais, e de aprimoramento das técnicas, aliando a todos os setores ou grupo sociais contribuindo para a formação da cidadania dos alunos. Não obstante, o rendimento não é caracterizado em formar “atletas máquinas”, programados para ganhar, mas sim atletas humanos, criativos, questionadores, conscientizadores da sua prática e de sua função na sociedade.

3- O esporte escolar não é um apêndice da educação física.

Aqui o autor vem explicar sobre a função que o esporte estrategicamente planejado pode contribuir para educação dos alunos do ensino básico com o projeto pedagógico unitário que busque a formação humana dos alunos. Considera também que o esporte não-escolar, praticado em clubes, academias e associações, também é educativo e pode ser incluído dentro da educação esportiva. Com essas possibilidades e fazendo o paralelo com o judô, é importante conscientizar tanto quem trabalha no meio escolar como em clubes ou academias que o judô pedagógico no qual busque a formação humana através do seu embasamento filosófico e prático que influencia e participa para a transformação da sociedade podendo ser incluído no ensino-aprendizagem dessa modalidade japonesa que busca o autoconhecimento e desenvolvimento dos valores humanos dos alunos. Portanto, o esporte pode ser ofertado em escala crescente para os alunos do ensino básico não como um apêndice da educação física, mas como um complemento essencial na formação humana.

A arte do judô e o esporte podem formar uma unidade que valorize os princípios dessa arte bem como o aspecto educativo que o esporte re-significado pode proporcionar para a formação humana. Contudo, no Ocidente o judô ganhou uma forma esportiva independente dos princípios que seu fundador sempre pautou, ou seja, os pilares éticos e morais do Suave Caminho. Segundo Sugai (2000), arte ou competição, em dado momento, se torna um conflito para quem se dedica a ensinar a arte do Judô.

Entendendo que dentro da área de educação física os conhecimentos relativos ao ensino dos esportes pertencem à pedagogia do esporte, essa pedagogia é responsável pelo desenvolvimento de metodologias adequadas para atividades individuais e / ou coletivas.

Nesse desenvolvimento, deve-se levar em consideração que as turmas são heterogêneas com finalidades e interesses diferentes, ou seja, nem todo aluno quer ser atleta, por isso o professor deve priorizar a totalidade da realidade.

Segundo Sadi (2005, p.8) “O objetivo do esporte escolar não é a formação de atletas, mas a formação humana de cidadãos”.

O judô, na perspectiva da Pedagogia do Esporte como modalidade, faria parte do currículo no âmbito escolar, sem ter seu processo de ensino fragmentado.

O caminho está no planejamento do projeto político pedagógico da escola partindo da iniciativa do professor de que o esporte escolar pode ser realizado fora do ambiente escolar, ou seja, em clubes, associações, espaços adequados para sua prática. Isso só pode ser feito se o professor tratar o esporte pedagogicamente e conscientizar a comunidade da educação esportiva, ou seja, convencer os donos de clubes que a iniciação esportiva pode ser dada para aquisição de conhecimentos para a formação humana, não desconsiderando o rendimento, mas tratando pedagogicamente o ensino-aprendizagem do esporte, no caso aqui a modalidade judô. Portanto, não é meramente só a prática do judô, mas o ensino e a compreensão dos alunos (do seu fazer), tornando judocas críticos, criativos e conscientizadores do mundo global, ou seja, ensinando esporte pela compreensão.

Portanto, o papel do professor é fundamental nesse processo. Sem a perspectiva de uma interferência ativa no campo metodológico não há como manter o vínculo do Esporte Escolar fora da instituição escolar.

Como complemento da educação física, o esporte escolar não pode ser um mero fazer por fazer nem tampouco o afunilamento para os alunos destacados nas aulas de educação física. Hoje, com a possibilidade de planejar a política social do esporte, esse formato, ainda que polêmico, faz parte de uma nova síntese, de um novo momento para a educação brasileira.

Na mesma direção cabe salientar que o caráter de currículo ampliado desdobrado a partir das ênfases citadas, ora na educação física, ora no esporte escolar deve ter continuidade no processo sob pena de se perder caso a fragmentação vença a perspectiva unitária. Isso implica na negação do esporte escolar como atividade extracurricular, pois nada pode ser considerado como extra, fora, exterior ao currículo quando se pensa em unidade, antes o currículo é o rumo das possibilidades concretas dos estudantes e como um bloco heterogêneo e amplo destas possibilidades só pode agregar se os temas educativos forem tratados de forma inclusiva, não exclusiva (SADI, 2005, p.14).

Dessa forma, o judô inclusivo é possível dentro desta perspectiva enfatizada acima, ou seja, poderia fazer parte do currículo escolar priorizando sua totalidade.

1.4 O jogo no processo de ensino-aprendizagem do judô

Propor jogos para o ensino-aprendizagem do judô depende do entendimento, da função, análise para uma determinada prática pedagógica.

Os jogos devem ser propostos nas aulas de judô sem perder o foco central dessas aulas, exigindo assim qualificação do professor, pois, o jogo vem pra facilitar a assimilação de desenvolvimento da aprendizagem. Contudo, o judô é ainda a parte principal e o jogo é a contribuição para formar a totalidade das aulas.

Os jogos devem ser utilizados como proposta pedagógica somente quando a programação das aulas possibilitar e quando puder se constituir em auxílio eficiente ao alcance de um objetivo sempre aproximando dos fundamentos do judô. De uma certa forma, a elaboração do programa deve ser precedida do conhecimento dos jogos específicos para cada fundamento do judô, e na medida em que estes aparecessem na proposta pedagógica é que deveriam ser aplicados, sempre com o espírito crítico para mantê-los, alterá-los, substituí-los por outros ao se perceber que ficaram distantes dos objetivos.

Assim, o jogo no processo ensino-aprendizagem somente tem validade se usado na hora certa, e essa hora é determinada pelo seu caráter desafiador, pelo interesse do educando e pelo objetivo proposto. Jamais deve ser introduzido antes que o educando revele maturidade para superar seu desafio e nunca quando o educando revelar cansaço pela atividade ou tédio por seus resultados.

Nas aulas de judô na perspectiva para o ensino, a utilização dos jogos é de suma importância, porque sua definição é complexa em seus termos conceituais, sendo importante considerar o jogo em sua significação primária. Segundo Huizinga (2004, p.10), “O jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos”.

Contudo, o jogo favorece funções importantes nas realizações das relações e atividades humanas em diferentes ocasiões como no trabalho, lazer, como estratégia ou conteúdo de ensino-aprendizagem no ambiente educacional e nas outras esferas do cotidiano, ou seja, o jogo relaciona-se com a cultura

acompanhando as transformações ocorridas no processo de desenvolvimento de um povo.

Conforme Huizinga (2004, p.6), “Encontramos no jogo na cultura, como um elemento dado existente antes da própria cultura, acompanhando-a e marcando-a desde a mais distante origem até a fase de civilização em que agora nos encontramos”.

O jogo despertou interesse de vários estudiosos que pesquisaram e pesquisam a natureza do jogo e suas características, pois a complexidade de teorizar os jogos foram fontes de várias pesquisas para importantes autores como Huizinga, Caillois, Henriot, Fromberg, Piaget, Vygotsky, João Batista Freire entre outros. Muitos questionamentos podem surgir a partir desses pensadores, como por exemplo: Por que se joga? Onde se joga? Quando se joga? Para que se joga? Como se joga? Etc. As respostas a estes questionamentos é que motivam e inquietam os pesquisadores que se situam nesse âmbito, pois cada nova descoberta nos obriga revisar uma série de conceitos até então predominantes em nossa cultura.

Segundo Freire (2002, p. 88), “O jogo tem a propriedade de trazer as experiências do mundo exterior para o espírito humano, de maneira que, jogando com elas, a cultura possa ser criada, revista, corrigida, ampliada, garantindo o ambiente de nossa existência”.

Por isso em trabalhos de vários estudiosos e peritos sobre a função dos jogos na sociedade há similaridades ou pontos comuns entre esses autores ao caracterizarem os jogos.

Segundo Kishimoto (1996, p.27), os autores Caillois, Huizinga, Brougère, Henriot, Fromberg, Christie e muitos outros assinalam pontos comuns como elementos que interligam a grande família dos jogos:

- 1.liberdade de ação do jogador ou o caráter voluntário, de motivação interna e episódica da ação lúdica; prazer (ou desprazer), futilidade, o “não-sério” ou efeito positivo;
- 2.regras(implícitas ou explícitas).
- 3.relevância do processo de brincar (o caráter improdutivo), incerteza de resultados.;
- 4.não-literalidade, reflexão de segundo grau, representação da realidade, imaginação e
5. contextualização no tempo e no espaço (KISHMOTO, 1996, p. 27).

São tais características que permitem identificar fenômenos que pertencem à grande família dos jogos.

Sendo o jogo utilizado como conteúdo ou estratégia de ensino para o desenvolvimento do conhecimento e do aprendizado, é de suma importância seu emprego nas aulas de iniciação esportiva do judô, principalmente na fase infantil, que pode despertar a essência do espírito lúdico dos alunos facilitando a assimilação epistemológica do conhecimento.

Em relação à metodologia de ensino de jogos para o judô, aderiu-se aos conceitos da Pedagogia do Esporte (Ministério do Esporte), que busca também a aquisição do conhecimento e da compreensão do esporte e não unicamente a execução da técnica.

As habilidades dos judocas devem ser vistas por meio de conhecimentos que eles já têm sobre o assunto a ser tratado, como, por exemplo, amortecimentos de quedas, rolamentos, giros, saltos, pegadas, lutas, filosofia etc. Logo, o jogo para a aprendizagem deve ser estimulado. Jogando se aprende. Na verdade, verifica-se que os alunos querem realmente jogar e os professores não necessariamente precisam ensinar primeiro a técnica e depois o jogo. Esta relação pode ser modificada pela aprendizagem através de jogos com regras adaptadas, muito próximas dos fundamentos do judô, que podem estimular a participação dos alunos por serem menos complexas e adequadas às suas possibilidades e nível de compreensão.

Através desta abordagem, “Ensinando Jogos para Compreensão”, acreditamos que os professores devam fazer o possível para estimular os alunos a pensarem o jogo e, posteriormente, valorizá-lo porque o compreendem (SADI et al. 2004).

Nessa compreensão, tem-se o jogo como o caminho de intervenção pedagógica para o desenvolvimento e aprendizagem do judô. Por isso o papel dos senseis (professores) é inicialmente conhecer a prática social de seus alunos para estimular o ensino-aprendizagem, valorizando o que os alunos já sabem para alcançar e superar novos conhecimentos através de mediadores do ensino, isto é, buscando aprender facilmente fundamentos novos para sua vida, com o aumento da sua assimilação. Esse é o papel dos jogos.

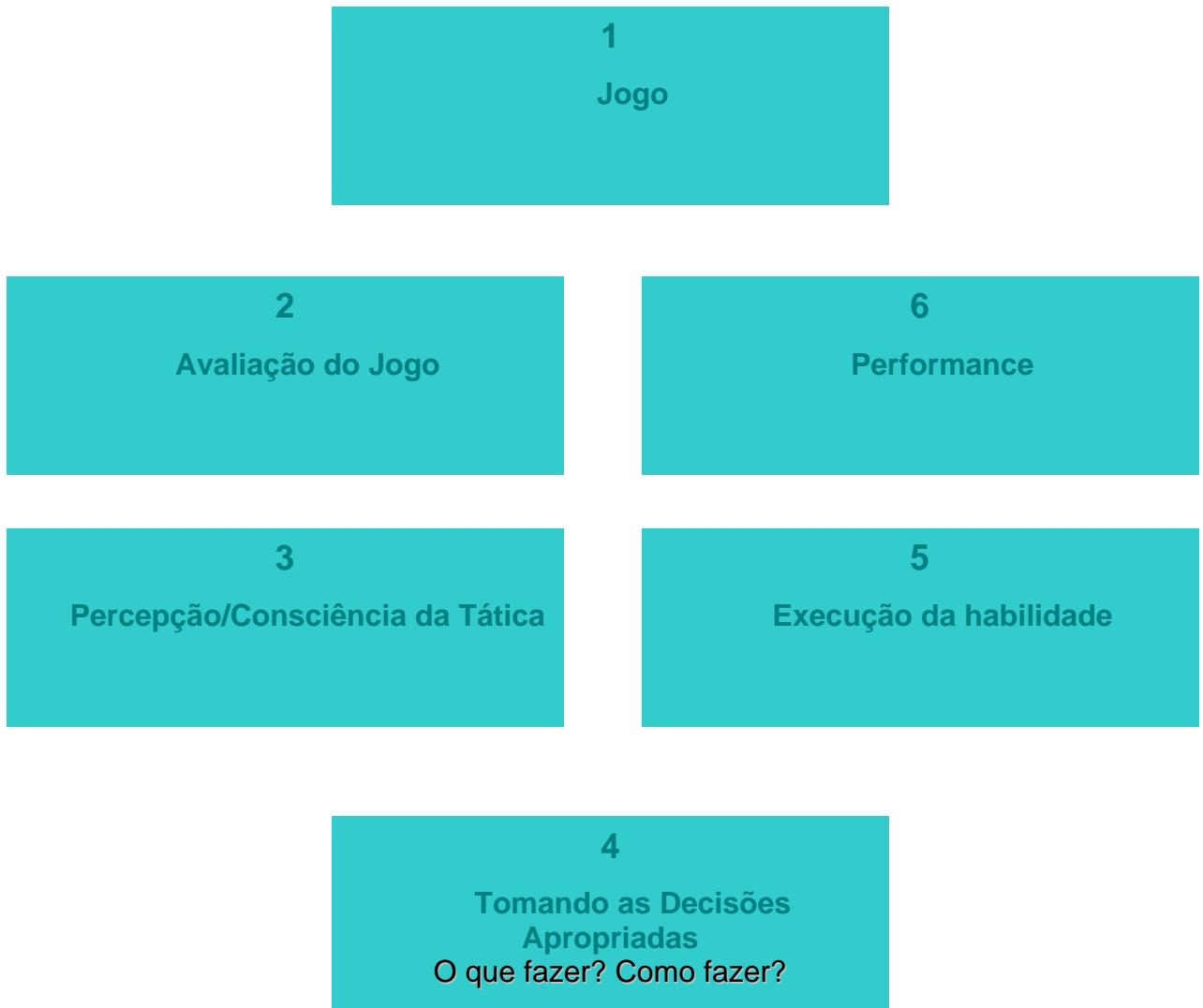
Esse papel que o jogo tem como meio interacional de desenvolvimento é chamado por Vygotsky de zona de desenvolvimento proximal.

A zona de desenvolvimento proximal refere-se ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real. Portanto a zona de desenvolvimento proximal é um domínio psicológico em constante transformação: aquilo que uma criança é capaz de fazer com assistência hoje, ele será capaz de fazer sozinho amanhã (VYGOTSKI, 2003, p.113).

O jogo favorece as situações propícias ao aprendizado do judô, pois utiliza o que os alunos gostam, aprender jogando, brincando.

Sendo assim, os jogos são um espaço privilegiado de interações sociais e contribuem para a promoção do aprendizado e para o desenvolvimento da criança se for tratada pedagogicamente no judô.

A Pedagogia do Esporte apresenta a seguir um quadro que visualiza o caminho da aprendizagem pela aproximação “Ensinando Jogos para a Compreensão através dos modelos dos jogos para Compreensão, segundo (Werner, Thorpe, Bunker 1996, p.29, *apud* Sadi et al.2004). Teaching Games for Understanding-Evolution of a Model, v.67, n.1,p.28-33, (Jorped,1996, *apud* Sadi et al.2004) cujos passos da aprendizagem do esporte/jogo podem ser analisados e propostos da seguinte forma:



Etapa 1- o jogo (modificado ou não) e suas regras são apresentados ao aluno;

Nessa fase faz o levantamento de jogos que se aproximam com os fundamentos iniciais do tema a ser trabalhado, no caso aqui o judô.

Etapa 2- Logo em seguida, o aluno faz uma avaliação do próprio jogo: São verificadas as dificuldades e facilidades dos alunos durante o jogo, buscando maneiras para superá-las para tornar o jogo dinâmico e interessante possibilitando o caminho do aprendizado.

Etapa-3- No decorrer do jogo procura-se compreender qual é a tática, o que leva ao próximo passo;

Os alunos criam passos para desenvolver melhor as atividades propostas buscando soluções desencadeadas durante os jogos.

Etapa-4 – É nessa passagem que os alunos questionam e decidem “o que fazer” e “como fazer”; que os professores devem saber como ajudar o aluno a superar suas dificuldades e saber quais e como forma as respostas que fizeram com que os alunos melhorassem seus desempenhos. O professor está ciente do jogo, os alunos desenvolvem estratégias e o professor organiza variações dos jogos.

Etapa-5 Depois das decisões anteriores, acontece a execução das habilidades dos fundamentos do esporte em questão.

Etapa-6 Este momento é o mais importante: após a percepção de “o que fazer” e “como fazer”, agora o aluno chega à sua performance, podendo melhorá-la cada vez mais, aprimorando sua técnica através de desafios táticos mais complexos.

Por isso os jogos têm papel fundamental no processo educativo auxiliando na construção do conhecimento. E é aqui que entra um aspecto bastante interessante do jogo como educação.

Conforme Freire (2002, p.82), a função dos jogos como educação pode separar em tópicos:

- a) O jogo ajuda a não deixar esquecer o que foi aprendido.
- b) O jogo faz a manutenção do que foi aprendido.
- c) O jogo aperfeiçoa o que foi aprendido.

d) Se, durante o jogo, as habilidades podem ser aperfeiçoadas pela repetição, isso certamente vai fazer com que o jogador se prepare para novos desafios, isto é, para assimilar conhecimentos de nível superior.

Os jogos podem vir a contribuir para o ensino-aprendizagem do judô, se sistematizado, organizado e tematizando os objetivos com os fundamentos do judô, ou seja, o jogo tem que ser direcionado para um dado objetivo e não ser aleatório para não perder o foco central da aula, alterando com o ensino das técnicas. Portanto, o jogo exige aplicação, conhecimentos, habilidade, coragem e força.

No projeto Prolicen “Ludicidade no Judô”, os jogos foram categorizados de forma a se aproximarem dos conteúdos propostos e os alunos também contribuíram para variações e criação de alguns jogos, fazendo adaptações de algumas regras. As brincadeiras vivenciadas foram Pique-pegue ukemi (amortecimentos de quedas), queimada com rolamento, elástico, randori com balões, pique-bandeira com ukemi e tubarão , tubarão , sempre dois nunca três, briga de galo, sempre 1,2 e 3,

aviãozinho, ne-waza com bolas, pique-rabo(elásticos), sumô, puxadas, futebol americano e outros jogos que estão sendo pesquisados e propostos por algumas contribuições de professores da área que estão presentes no próximo capítulo desta monografia.

Ao trabalhar ou propor jogos para o ensino-aprendizagem de qualquer área o profissional for atuar deve considerar o jogo, suas funções e sua importância no processo educacional, aqui no caso nas aulas de judô.

Segundo Huizinga (2004, p.5), “É legítimo considerar o jogo uma totalidade, no moderno sentido da palavra, e é como totalidade que devemos procurar avaliá-lo e compreendê-lo”.

Como o pensamento da forma global é a própria oportunidade de liberdade de escolhas para as necessidades de jogo; movimentos, estratégias, táticas, relações sociais e afetivas, dizemos que o jogo é o grande mestre, é ele quem ensina. Para que o professor comece a pensar e enxergar de forma global, é necessário adquirir uma postura de ouvitor e mentor, questionar suas soluções prontas e interferir na condução inteligente do processo pedagógico que também deve ser inteligente por parte dos alunos.

Em resumo, o propósito decide o jogo e justifica a atividade. Conforme Vigotski (2003, p.135), “Nos esportes, o propósito do jogo é um de seus aspectos dominantes, o qual ele não teria sentido -- seria como examinar um doce, colocá-lo na boca, mastigá-lo e então cuspi-lo”.

Não obstante, o jogo é essencial no ensino-aprendizagem de qualquer modalidade esportiva.

1.5 LUDICIDADE NO JUDÔ

Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae

O brincar é necessário para (levar uma) a vida humana

(Tomás de Aquino, *Suma Teológica* II-II, 168, 3, ad 3)

A essência do lúdico pode contribuir para o processo de desenvolvimento de ensino-aprendizagem do judô facilitando a aquisição de novos conhecimentos. O importante nessa discussão é que a ludicidade, vista até então como alguma coisa sem muita importância no processo de desenvolvimento humano, hoje é estudada

como fundamental no processo, fazendo com que cada vez mais se produzam estudos de cunho científico para entender sua dimensão no comportamento humano para que se busquem novas formas de intervenção pedagógica como estratégia favorecedora de todo o processo.

Qualquer que seja a atividade física, ela pode e deve ser lúdica, mas é de suma importância que oriente o aluno no sentido das descobertas de si mesmo, o que por si só é libertador, ao ampliar de forma considerável o seu mundo interno e sua existência.(SUGAI, 2000, p.115).

Entretanto, essa produção de estudos científicos em relação à ludicidade ainda é pouca explorada. Na esfera da sociedade, a compreensão do lúdico é muitas vezes incompreensível no meio educacional e em todos ambientes sociais (empresas, recreação, animadores etc.), pois o que vem a ser o lúdico e a sua importância para o ensino do judô e da sociedade? Brincar, alegria, prazer faz em parte da essência do lúdico? São perguntas assim que fazem com que o lúdico muitas vezes seja tratado de forma superficial, tanto pelas pessoas leigas, como pelo próprio profissional da área educacional, ou seja, o professor quando elabora o seu plano de aula, faz a utilização do lúdico como conteúdo e está correndo riscos metodológicos, pois o lúdico pode ser considerado uma ferramenta facilitadora de uma aula, não conteúdo, “vou dar uma aula lúdica”. Isto aparece nas várias expressões de pedagogos e professores. Mas como eles identificam se a aula é lúdica ou não? Dificilmente eles buscam as raízes de todas essas manifestações lúdicas. Portanto, a ludicidade é uma atividade que tem valor educacional intrínseco, mas, além desse valor que lhe é inerente, ela tem sido utilizada como recurso pedagógico.

Assim como no jogo, o lúdico, em termos conceituais, tem difícil definição, pois é tão complexo, quanto a própria cultura. A atividade lúdica é uma criação humana, e não apenas um determinismo puramente biológico. Conforme Santin (1994, p.28), “Não há como insistir em querer formar uma compreensão inteligível de ludicidade, porque ela a empobrece e, talvez, a negue”.

O lúdico tem sua origem na palavra latina "ludus" que, do ponto de vista etimológico, quer dizer "jogo". Mas se ficasse confinado somente à sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento

espontâneo. Bem, mas o que determina o sentido de uma palavra, por certo não é sua etimologia mas sim a sociedade em seu processo histórico.

Nosso ponto de partida deve ser a concepção de um sentido lúdico de natureza quase infantil, exprimindo-se em muitas e variadas formas de jogo, algumas delas sérias e outras de caráter mais ligeiro, mas todas elas profundamente enraizadas no ritual e dotadas de uma capacidade criadora de cultura, devido ao fato de permitirem que se desenvolvessem em toda a sua plenitude as necessidades humanas inatas de ritmo, harmonia, mudança, alternância, contraste, clímax etc. A este sentido lúdico está inseparavelmente ligado um espírito que aspira á honra, á dignidade, á superioridade e á beleza (HUIZINGA, 2004, p.85).

O homo sapiens foi, sem dúvida, a primeira caracterização, momento em que se julgou racional em relação aos demais seres vivos. Mais tarde foi substituído pelo homo faber, caracterizado pela relação com o trabalho. Huizinga revisou esta caracterização, denominando homo ludens, para proclamar que o jogo era considerado como uma das principais premissas básicas do ser humano.

Conforme Piaget *apud* Freire (2002, p.53) “o jogo integra o fenômeno lúdico mais geral, assim como este inclui na atividade humana como um todo, e só assim, no contexto da totalidade humana, poderia ser compreendido”.

Precisamos buscar motivação em nossos alunos através do lúdico, criatividade e variabilidade, entre outros. O judô que compõe uma cultura, mesmo oriental, deve ter a ludicidade como ponte facilitadora dessa aprendizagem se o professor de judô pudesse repensar e questionar-se sobre sua importância, possibilitando ambiente propício para que o “espírito lúdico” ocorra, sabendo-se que a ludicidade está ligada ao desenvolvimento da sociedade desde os tempos primitivos havendo o enriquecimento do conhecimento e do aprendizado de forma agradável.

Não se trata de dominar o fenômeno lúdico através de conceitos, definições ou violações da intimidade lúdica, mas de garantir-lhe o espaço necessário para continuar sendo uma fonte de inspiração e de liberdade para o potencial criador da imaginação e da fantasia, para continuar sendo o tempo da alegria (SANTIN, 1994, p.23).

No processo de ensino-aprendizagem, as atividades lúdicas ajudam a construir uma práxis emancipadora e integradora ao tornarem-se um instrumento de

aprendizagem que favorece a aquisição do conhecimento em perspectivas e dimensões que perpassam o desenvolvimento do educando. O lúdico é uma estratégia insubstituível para ser usada como estímulo na construção do conhecimento humano e na progressão das diferentes habilidades operatórias, além disso, é uma importante ferramenta de progresso pessoal e de alcance de objetivos institucionais.

O lúdico apresenta dois elementos que o caracterizam: o prazer e o esforço espontâneo. Ele é considerado prazeroso devido à sua capacidade de absorver o indivíduo de forma intensa e total, criando um clima de entusiasmo. É este aspecto de envolvimento emocional que o torna uma atividade com forte teor motivacional, capaz de gerar um estado de vibração e euforia. Em virtude desta atmosfera de prazer dentro da qual se desenrola, a ludicidade é portadora de um interesse intrínseco, canalizando as energias no sentido de um esforço total para consecução de seu objetivo. Portanto, as atividades lúdicas são excitantes, mas também requerem um esforço voluntário.

Sim, a ludicidade é fantasia, imaginação e sonhos que se constroem como um labirinto de teias urdidas com materiais simbólicos. A ludicidade é uma tecitura simbólica fecundada, gestada e gerada pela criatividade simbolizadora da imaginação de cada um. Brincar acima de tudo é exercer o poder criativo do imaginário humano construindo um universo, do qual o criador ocupa o lugar central, através de simbologias originais e inspiradas no universo real de quem brinca. Os mundos fantasiosos do brinquedo revelam a fertilidade inesgotável de simbolizar do impulso lúdico que habita o imaginário humano (SANTIN, 1994, p.23).

O lúdico, segundo FEIJÓ *apud* GROSSO (2003, p.1), é uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente, faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana, e que "(...) caracteriza-se por ser espontânea, funcional e satisfatória, onde nem todo lúdico é esporte, mas todo esporte deve ser integrado no lúdico".

Platão preconizava a importância de se manter a criança em constante movimento. Qual a melhor maneira de se manter uma criança em movimento constante, que não seja através do brincar.

O ludus de que Tomás trata na Suma e na Ética é, sobretudo - o brincar do adulto (embora se aplique também ao brincar das crianças). É uma virtude moral que leva a ter graça, bom humor, jovialidade e leveza no falar e no agir, para tornar o convívio humano descontraído, acolhedor, divertido e agradável (ainda que possam incluir nesse conceito de brincar também as brincadeiras propriamente ditas) (LAVAND, 2000, p.8).

Nesse ambiente que o autor expõe acima que é buscar o convívio agradável e divertido por meio da ludicidade, o esporte poderia utilizar desse recurso para facilitar o ensino-aprendizagem de qualquer modalidade. Pensando nesse fator, é relevante sua utilização nas aulas de iniciação esportiva do judô.

Existe uma quantidade muito grande de conhecimentos teóricos sobre brincadeiras e jogos, sobre atividades lúdicas em geral, sua importância na vida da criança do jovem e do adulto. Podendo encontrar várias referências teóricas como de Huizinga, até os manuais de prescrição de brincadeiras e jogos para facilitar a introdução da criança e ou do adolescente, no mundo dos esportes (KUNZ, 1998, p.94).

Portanto, as atividades do Judô Lúdico são sempre oportunidade de socialização e interação.

CAPÍTULO 2

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO JUDÔ

2.1 Procedimentos metodológicos

A abordagem metodológica para o ensino e desenvolvimento do judô para que os alunos sejam capazes de se envolver e participar do mundo esportivo se desenvolve a partir da criação de oportunidades para a aquisição e promoção de capacidades de criação, percepção, avaliação, re-criação, soluções de problemas. A promoção do desenvolvimento da autonomia entre os alunos dentro do esporte fará com que eles participem mais ativamente das atividades físicas e esportivas? Como realizar esse desenvolvimento é parte integrante da metodologia na pedagogia do esporte. A iniciação esportiva, como oportunidade aos alunos, é um processo que não deve ser visto como privilégio. O processo metodológico deve promover especialmente a participação, a criatividade, a capacidade de atuar em jogos e atividades esportivas ou esportivizadas de forma inteligente, a capacidade de interagir-se com o jogo e com os parceiros de equipe bem como os adversários.

O eixo central da Pedagogia do Esporte e do Projeto Ludicidade do judô, juntamente com este trabalho monográfico, é de formação humana. Isso tem a oportunidade de acontecer numa práxis pedagógica coerente com todo desempenho e contribuição da comunidade para que o processo de ensino-aprendizagem do judô ocorra, ou seja, todos participando em prol do desenvolvimento do indivíduo.

O conjunto de procedimentos metodológicos desta pesquisa pretendeu desenvolver e otimizar a prática das aulas de esporte escolar, aprofundando temas, já que a situação apresentada nem sempre se adequa à realidade de crianças e adolescentes que já dominam conhecimentos básicos de determinado esporte. Nesse sentido, o Projeto Pedagogia do Esporte e este trabalho monográfico têm como suporte teórico vários autores da área de educação física e esporte que possam dar o suporte necessário às discussões teórico-metodológicas casadas com as práticas que estamos desenvolvendo.

A execução do Projeto Ludicidade no judô está sendo realizada no Ginásio de lutas da Faculdade de Educação Física e seus estudos teóricos e sistemáticos ocorrem na sala de Didática da Faculdade de Educação Física, localizada no Campus II (Campus Samambaia da UFG), CEP 74.001-970.

As aulas aconteceram duas vezes por semana, terça-feira e quinta-feira, com os alunos divididos em duas turmas de 20 alunos, as aulas tinham duração de uma hora e a primeira turma iniciava às 17:30 hs e a segunda turma às 18:30 hs.

Os alunos que participam do projeto estudam nos colégios públicos próximos à área do Campus II da UFG, com faixa etária que vai de 07 anos aos 14 anos para ambos os sexos.

Inicialmente, verificamos os conhecimentos dos alunos em relação à modalidade de judô propondo atividades por meio de questionários, respeitando sua prática social. Posteriormente, problematizamos esses dados de conhecimento do aluno, instrumentalizamos como uma prática pedagógica para dar um salto qualitativo no aprendizado dos alunos.

Ministram-se aulas expositivas e práticas, utilizando uma metodologia que dê ênfase à ludicidade das crianças utilizando jogos como ferramenta facilitadora dessa aprendizagem.

Para coletas de dados, foram feitos relatórios de observação, sempre fazendo uma reflexão rigorosa radical do conjunto com a finalidade de alcançar os objetivos propostos.

Utilizamos a análise bibliográfica e fizemos uma interpretação das metodologias na realidade dos alunos, sempre tendo os jogos como eixo norteador do nosso projeto e cuja finalidade é propor uma pedagogia para o judô.

A entrevista semi-estruturada foi direcionada a seis professores (senseis) que atuam na cidade de Goiânia. Somente um dos entrevistados dá aula no colégio e os demais construíram sua prática de ensino nas academias. O período de prática e vivências dos entrevistados com o judô varia de 15 anos (sensei com menor tempo de prática) a 58 anos (com maior prática). O menos graduado é faixa preta, primeiro dan, e o mais graduado, faixa vermelha, considerado mestre (shomen). Entre os entrevistados há pontos relevantes a destacar: senseis com experiência olímpica, sendo que um deles participou dos jogos olímpicos de Tóquio quando o judô entrou nas olimpíadas, senseis descendentes de japoneses e sensei atleta olímpico recentemente.

Estas diversas experiências dos entrevistados possibilitaram identificar opiniões em relação ao judô em diferentes épocas, conhecendo várias realidades.

2.2 Análise de dados

É de interesse também deste estudo verificar, através da análise das entrevistas, da revisão da literatura e da coleta de dados do projeto prolicen, um novo caminho para o ensino-aprendizagem do judô que investigasse a realidade do judô no Estado de Goiás.

Para este estudo, os resultados obtidos, entre as entrevistas e a revisão da literatura, serão comparados enquanto enunciados. A totalidade das entrevistas com os professores estão em anexos, juntamente com os dados colhidos pelo relatório de observação do Projeto Prolicen com os jogos elaborados e construídos durante as aulas podendo ser visualizados em fotos.

Pelos levantamentos dos dados analisados no suporte teórico da literatura do judô contextualizado no capítulo anterior, é relevante cruzar os dados obtidos através das entrevistas semi-estruturadas aos professores de Goiânia e dos relatórios de observação do Projeto-Prolicen.

Esses dados possuem uma riqueza de conteúdos, pois aproxima a situação real do judô. No projeto foram desenvolvidos, catalogados, analisados jogos para iniciação esportiva, com grande contribuição e participação dos alunos que atuaram durante as atividades propostas para elaborar e variar outros jogos. Também foi identificada, tanto pelas entrevistas como pelas aulas, a importância de resgatar os princípios filosóficos, culturais e tradicionais do judô, isso depende primordialmente do trabalho pedagógico do Professor.

Foram entrevistados seis professores (senseis) que atuam na cidade de Goiânia e no projeto analisados 25 aulas com duas turmas com a faixa etária de 7 a 15 anos.

O propósito de analisar os dados obtidos teve os seguintes elementos geradores: a importância da filosofia, a esportivização e os jogos como estratégia de ensino e o lúdico como elemento facilitador da aprendizagem.

Para os alunos do Projeto Prolicen, foi elaborado uma apostila ilustrada com exercícios didáticos, desde a história do judô até as técnicas mais complexas, sempre utilizando imagens para melhor assimilação do conteúdo.

Com a participação e o interesse da comunidade, essas apostilas foram custeadas pelos responsáveis dos alunos sem nenhum ônus para os judocas, ou seja, a comunidade participando do processo educativo dos alunos, ocorrendo assim

um grande desenvolvimento pedagógico com a contribuição de tais materiais como: a disposição de uma máquina de xerox e duas resmas de papel (500 folhas) para fazer as apostilas de judô, contendo informações desde a fundação do judô, com exercícios com imagens do judô até as principais técnicas para contribuir para a sua prática pedagógica; os quimonos (judoguis-vestimenta do judô) foram adquiridos pelos alunos pelo preço de custo conforme tabela de professor.

Também a Escola Municipal João Braz dispôs lanche para os 40 alunos, ocorrendo de forma participativa o interesse da comunidade.

Esses dados obtidos durante as aulas no “Projeto Ludicidade no Judô” foram estruturados de forma a construir uma Pedagogia para a iniciação esportiva dessa modalidade.

Como estratégia de ensino, foi proposto o ensino-aprendizagem dos jogos, como princípio norteador das atividades didático-pedagógicas, possibilitando as manifestações corporais encontrarem significado pela ludicidade presente na relação que os alunos mantêm com o mundo.

Inicialmente foi feito um levantamento dos jogos que se aproximavam com os conteúdos a serem trabalhados durante as aulas através de instrumentos pedagógicos como livros, Internet e a própria vivência dos alunos em relação aos jogos de seu cotidiano.

Nas primeiras aulas, foram realizadas atividades para averiguar, conhecer e analisar a prática social inicial dos alunos em relação aos conhecimentos do judô e dos jogos. Todo esse processo aproximou do método pedagógico proposto pela pedagogia histórico-crítica de João Luiz Gasparin. Em relação aos jogos, teve como embasamento conceitual a Pedagogia do Esporte e os níveis de desenvolvimento do teórico Vigotski. Na prática pedagógica inicial, foi proposta uma atividade aos alunos para que eles escrevessem seu conhecimento acerca do judô. As respostas mais frequentes foram que o judô é um esporte que enfatiza a disciplina. (ver anexos).

No fundamento inicial e essencial para a prática do judô que são os amortecimentos de quedas e rolamentos, foi sugerido que os alunos pesquisassem qual a diferença entre amortecer e rolar. Durante a prática, os alunos foram divididos em grupos e a cada grupo foi estabelecido que analisassem um amortecimento de queda ou rolamento (para trás, para frente, para o lado) identificando os erros e a importância deles. Depois os alunos apresentaram para os outros grupos a discussão e a prática propriamente dita no qual todos também deveriam fazer. Foi

proposto o jogo “tubarão” para adaptação ao tatame e aos fundamentos do judô que estão envolvidos nesse jogo como amortecimento de quedas, rolamentos, movimentos, puxadas, servindo também como um ótimo aquecimento.

Nessas atividades, foi possível identificar a realidade dos alunos em relação ao movimento de rolar, cair, deslocamento espaço-temporal, a integração dos grupos e os valores de respeito, ato disciplinar e amizades, prosperidades mútuas, princípios fundamentais que Jigoro Kano, fundador do judô, enfatizava.

Essas habilidades que a maioria dos alunos dominavam são denominadas pelo teórico Vigotski de nível de desenvolvimento real. Conforme Vigotski (2003, p.112), “É a capacidade mental das crianças aquilo que elas conseguem fazer por si mesmas”.

Verificadas essas vivências e domínio dos alunos por certas atividades propostas foi iniciado o ensino dos amortecimentos de quedas e rolamentos que passaram a ser a um conteúdo novo para eles no qual precisam de ajuda de outras pessoas e estratégias pedagógicas. Nesse momento, problematiza-se o conteúdo a ser trabalhado, ou seja, a importância de se aprender a cair de diversas formas (o porquê de se amortecer) construindo dimensões conceituais, filosóficas, sociais, históricas desse fundamento e do judô de forma global.

Com a orientação do sensei (professor) que utilizou os jogos para o aprendizado, buscando estratégias que os judocas assimilassem de forma interessante como o domínio dos amortecimentos de quedas. Todavia, os jogos que são oferecidos aos alunos devem estar de acordo com a zona de desenvolvimento em que ela se encontra. Desta forma, pode-se perceber a importância de o professor conhecer a teoria de Vygotski. Nessa etapa, os judocas encontram-se na Zona de Desenvolvimento Proximal.

A zona de desenvolvimento proximal é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKI, 2003, p.112).

A solução encontrada foi a proposta de jogos no ensino-aprendizagem do judô no qual o ambiente ficou propício para o aprendizado com os alunos envolvendo-se com o conteúdo trabalhado. Muitos jogos foram elaborados,

avaliados, variados, auxiliando na inteligência social do jogo que tanto a pedagogia do esporte enfatiza. Nesse propósito, o ambiente propiciou que o lúdico acontecesse facilitando ainda mais a aquisição de conhecimentos dos alunos.

Os jogos propostos, desenvolvidos e aplicados com alteração de suas regras para aproximação dos fundamentos, foram realizados e catalogados os seguintes: os pique (bandeira, ukemi, americano, sempre dois nunca três, pique-rabo, gelinho, pique no ar, cabo de guerra); futebol americano adaptado ao judô; tubarão; sumô, Randori com balões e outros que serão descritos como proposta de ensino para iniciação esportiva do judô, principalmente na fase infantil. (Ver anexo 3)

Foi enfatizada nas aulas a conscientização dos princípios filosóficos do judô fazendo-se um paralelo com o cotidiano dos alunos e explicando as diferenças culturais entre o oriente e o ocidente, e a importância de se conservar as tradições culturais e filosóficas do judô, porque isso é a essência deste esporte. Para a compreensão dos nove princípios filosóficos do judô foi sugerido que cada aluno argumentasse com suas próprias palavras o que esses princípios poderiam beneficiar sua vida e seu cotidiano. Esta atividade foi feita de acordo com a apostila. (ver anexos).

Os fundamentos técnicos do judô foram ensinados de forma que os alunos compreendessem porque estavam realizando tal ação, ou seja, a percepção e a função de desequilibrar o companheiro, as pegadas (puxadas), a movimentação espaço-temporal para entrar o golpe, as caídas, as imobilizações etc.

Verificou-se que os jogos realizados e propostos para o ensino-aprendizagem da iniciação esportiva do judô pesquisado através do projeto-Prolicen tiveram várias etapas ou fases de desenvolvimento e acontecimentos.

Com todo esse processo, a parte pedagógica foi elaborada de forma que o ensino-aprendizagem fosse de forma agradável que facilitando a assimilação dos fundamentos e a integração do grupo através dos jogos e do lúdico e dos princípios de valores filosóficos e culturais que o judô proporciona de forma a integrar o processo educativo.

A filosofia do judô sempre era enfatizada nas aulas como a: saudação, a hierarquia, o respeito ao próximo, a disciplina-educativa, a ética e etiqueta, normas e condutas de um judoca buscando conscientizar os alunos sobre “o porquê” dessa filosofia e da aprendizagem dos fundamentos do judô.

Esse foi o processo de sociabilização que não se esquecia das datas comemorativas dos alunos, sempre lembrando com uma cerimônia cordial, ou seja, considerando o judoca na perspectiva da totalidade social. Todo detalhe faz a diferença para a socialização. Mas ocorreram alguns atos indisciplinados que foram solucionados pelos próprios alunos e uma das sugestões para solucioná-los foi que quem desrespeitasse as normas e condutas do judoca teria que levar queda de todos com aplicação de golpes, mesmo que a falta de disciplina fosse fora do Dojo.

Também ocorreram diálogos entre os professores da escola e os responsáveis para saber a realidade social do aluno. Na opinião desses responsáveis, o judô beneficiou o fator disciplinar e o interesse pelo aprendizado dos alunos tanto na escola como na família.

Foi estabelecido que somente faria o exame de faixa os alunos que tivessem um comportamento satisfatório nas camadas sociais de que fazem parte: a escola, a família etc.

Ao sistematizar, elaborar e propor jogos nas aulas de judô do projeto levou-se em consideração a aproximação com os conteúdos estabelecidos que são os fundamentos essenciais do judô: rolamentos, amortecimentos de quedas, deslocamento e movimentação, equilíbrios, pegadas (puxadas) etc. Dentro dessa perspectiva, os jogos propostos para essa finalidade foram sendo modificados ocorrendo variações através das contribuições dos judocas no momento em que ocorreriam os jogos, como coloca a Pedagogia do Esporte.

Nessa perspectiva de desafiar e superar dificuldades oriundas da realidade neoliberal, os princípios filosóficos do judô (amizade e prosperidade mútuas) buscam a união e a consciência de toda a comunidade envolvida com o objetivo do projeto que é, através da essência deste esporte contribuir para o fator educativo e para a formação humana dos alunos participantes.

Segundo Gramsci *apud* Frigotto (1995), “Se se quiser criar uma nova camada de intelectuais chegando as mais altas especializações, própria de um grupo social que tradicionalmente não desenvolveu as aptidões adequadas, será preciso superar dificuldades inauditas”.

Em relação às entrevistas com os professores (senseis) de judô acerca de propor os jogos, a filosofia, a esportivização e suas contribuições, os resultados, com suas respectivas opiniões, foram sistematizados no quadro logo abaixo:

Princípios Filosóficos.			
SENSEIS	Rituais tradições devem ser mantidas na cultura ocidentais?	Filosofia e Competições nas aulas de judô.	Princípios filosóficos do Judô e as duas máximas do judô: JI TA KYO EI (Amizade e prosperidade mútuas) e SEI RYOKU ZEN YO (O melhor uso de energia).
Sensei A	“Os rituais do judô são e fazem parte de sua estrutura, educação, filosofia, concepção, não tendo de forma alguma, como serem retirados de sua origem”.	Competição e filosofia são dois extremos dentro do judô e é muito difícil relacioná-los, pois, a competição se desvirtuou dos princípios filosóficos.	É por isso que o judô se faz diferente dos demais esportes.
Sensei B	Não, ela deve ser citada. “A gente não pode ficar preso na cultura oriental acho que nossa cultura é muito rica e dá para contribuir com ela para ensinar o judô”.	Cita um princípio do judô: “Que a gente nunca pode se orgulhar de derrotar um adversário. Aquele que você derrotou hoje poderá te derrotar amanhã e a única vitória que perdura é conquistada sobre a própria ignorância”.	Eu fui conhecer essa questão de JI TA KYO EI e SEI RYOKU ZEN YO no exame de faixa preta. A amizade através do esporte não existe coisa melhor.
Sensei C	O aprendizado é muito sacrificante, muito penoso, desgastante, por isso é difícil um ocidental se dá bem no judô, pois, o ocidental é imediatista e o povo oriental é conhecido por ter aquela paciência. Entretanto, conservar a tradição ainda é válido.	Mesmo sendo competidor no exame de faixa vai ter que saber também a parte filosófica do judô.	Ensinar os alunos aplicar os princípios no dia a dia com o mínimo de esforço com máxima eficiência visualizada nos treinamentos.
Sensei D	Sim, porque o judô sem a prática desses rituais o judô não tem sentido, o judô é bonito por essa cultura que traz no judô.	A boa competição está intimamente ligada a filosofia.	Bom, isso é à base do judô, o início e para sempre do judô.
Sensei E	Sim, até que haja um melhor desempenho no randori, ou seja, na luta mesmo e na competição.	Raramente induz os alunos a competição e articulo a competição com a filosofia do judô: “Se você hoje for melhor, amanha com certeza o seu adversário poderá derrotar você”.	Faz um paralelo com a amizade em grupo, a disciplina e a máxima eficiência nos treinamentos.
Sensei F	Deve ser mantido para formação das pessoas.	A competição bem orientada sem visar o resultado é muito importante na prática do judô.	Nós temos que nos preocupar para que os praticantes entendam essas frases, esse ensinamento do professor Jigoro Kano.

Observando atentamente as opiniões estabelecidas pelos entrevistados, verifica-se a predominância de manter os rituais e as tradições do judô. Entretanto, alguns professores contrariam essa afirmativa, defendendo que a cultura oriental possui uma doutrina complexa, difícil e severa no qual os ocidentais não se adaptam e nem acompanham, pois a cultura oriental é caracterizada pela meditação e a ocidental pelo imediatismo das ações. Conforme o Sensei B, “Os rituais devem ser citados, mas o judô pode ser ensinado dentro de uma cultura brasileira, dentro da cultura goiana mesmo”. Esse ponto de vista faz com que os senseis mais antigos se pronunciem bastante preocupados com a nova geração de professores, devido ao pouco cuidado ou rigor na transmissão dos aspectos fundamentais do judô, educacional e filosófico.

2).
Todavia, para que se tenha esta conduta correta, é preciso um treinamento sério no que, por vezes, nos parece mera etiqueta ou formalidade de uma cultura severa como é a japonesa. É justamente a exigência dessas formalidades que garante a segurança do aprendizado e da prática, e é a mesma que contém todos os fundamentos éticos da arte (OIDE *apud* SUGAI, 2000, p.51, vol. 2).

Em relação aos termos em japoneses utilizados nas aulas de judô, um dos entrevistados contesta essa obrigatoriedade e norma. Segundo o sensei B, “Por exemplo, no judô todos os golpes têm o nome em japonês, para os meus alunos eu coloquei tudo com nome em português”.

Utilizam-se os termos japoneses da técnica de judô pelos seguintes motivos: a) por não existirem no idioma português palavras que descrevam termos de Judô de maneira uniforme e precisa; b) porque a língua técnica japonesa de judô tem aplicação em todos os cursos, estágios, provas para faixas e competições;c) porque ela é universal, utilizada no mundo inteiro; portanto compreendida em qualquer lugar; d) porque através dela todos os praticantes de judô, independente do seu país de origem, podem comunicar-se;e) porque também os juizes se comunicam através dos termos japoneses (VELTE, 1989, p. 12).

Por outro lado, a polêmica reside em relacionar nas aulas a filosofia com a competição, pois como foi institucionalizada com interesses capitalistas desvirtuou dos princípios filosóficos. Todavia, os professores utilizam os princípios filosóficos para explicar qual é a finalidade dos campeonatos. Dentre os princípios filosóficos

mais citados destaca este: “O que venceste hoje, poderá derrotar-te amanhã. A única vitória que perdura é a que se conquista sobre a própria ignorância”.

Segundo Silva (2003), “a tradição é fundamental para quem treina Judô”. “Esquecer todos os preceitos que ordenaram séculos de existência do Judô é perder a identidade e renegar a riqueza de conhecimento e experiência que existe implícita neste passado”.

ESPORTIVIZAÇÃO

SENSEIS	PONTOS POSITIVOS	PONTOS NEGATIVOS
Sensei A		Valoriza mais os aspectos físicos, técnicos em detrimento dos aspectos filosóficos.
Sensei B	Se bem trabalhado pode contribuir para a formação do cidadão.	
Sensei C	No Brasil algumas academias conservam as tradições do judô como: a fotografia de Jigoro Kano, a saudação, a imagem de Jigoro Kano.	A perda dos rituais, das tradições, ou seja, da cultura e essência filosófica do judô. Judô força. A obrigatoriedade do Kimono branco e azul.
Sensei D	Divulgação do judô, muitos adeptos, a técnica melhorou.	A parte filosófica foi esquecida.
Sensei E		A perda da sutileza das técnicas em detrimento da utilização da força.
Sensei F	Depois do Japão, o Brasil dá maior importância em manter essa parte filosófica, principalmente na função dos praticantes.	Esquecida a parte filosófica.

Pelo quadro verifica-se que o judô passou pelo processo de esportivização e de forma gradativa, os fatores culturais que estavam impregnados nessa arte foram descaracterizando e o judô que passou a ser caracterizado pelo valor competitivo. Os treinamentos puramente técnicos visam o rendimento físico e competitivo desvalorizando os fatores culturais, filosóficos e as tradições japonesas que deram origem ao judô.

A esportivização do judô faz com que, os senseis (professores) vem a se preocupar com a perda dos ensinamentos filosóficos do judô, pois este é a base de princípios éticos e morais que norteiam o seu ensino. Isso é problema por reduzir o judô a puro treino e técnica. (Sugai 2000, p. 46, vol. 1).

ENSINO-APRENDIZAGEM DO JUDÔ

SENSEIS	O que os professores dos entrevistados priorizavam nas aulas.	Metodologia dos professores entrevistados.	O que os entrevistados prioriza em suas aulas.
Sensei A	Os Senseis mais antigos sempre priorizavam a parte técnica do Judô, como instrumento de diferenciação do rendimento dos alunos. A parte física e condicionamento faziam parte integrante desta preparação, mas sempre suplantadas pela parte técnica.	Existem várias metodologias. Para crianças utilizamos o lúdico, como forma mais prazerosa de ensino-aprendizagem. Para os adolescentes e adultos, há o uso constante da melhora no condicionamento físico, bem como o aprimoramento das técnicas.	A filosofia, o condicionamento e a parte técnica. "O judô sem o ensinamento da técnica não é judô".
Sensei B	Eu tive vários tipos de professores, mas cada um priorizou um estilo: o professor "W" a prioridade dele era competir; o professor Amilton já era um professor mais voltado para a pessoa humana, formação do cidadão.	Metodologia, eu não tenho uma linha que eu sigo a aula é planejada de acordo com o nível da turma.	Se for criança, promover o desenvolvimento motor e psíquico. À medida que vai crescendo (adolescente) você vai introduzindo a filosofia e a técnica.
Sensei C	O meu primeiro sensei lá em Belo Horizonte buscava sempre a competição. E depois passei por sensei Antonio Carlos em Goiânia não buscava tanto a competição, mas existia e quando cheguei nas mãos do sensei Shiozawa com doze anos de idade, ai sim, ai foi direcionado especificamente para a competição.	Depende da pessoa que eu estiver treinando	A Parte filosófica, a parte de exame, isso daí é cobrado de todos, agora a parte de competição é quem tiver disposto.
Sensei D	É praticamente, os senseis que eu tive foram dois e somente priorizava a parte treino, treino, treino, treinar, treinar, e treinar muito.	Sim, a metodologia, isso aí de acordo com a faixa etária, nas crianças a gente procura fazer um judô mais leve, mais de companheirismo, mais pra incentivar o conhecimento do que é o judô.	Priorizo a parte filosófica, com o tempo eu vou condicionando o aluno e partindo para o lado da técnica, competitiva e ai é um todo, no final a gente trabalha um todo.
Sensei E	O sensei Romeu sempre priorizou a formação de homens e não de atletas, mas homens. Embasados na filosofia, nas teorias do judô, formação do homem mesmo.	Sempre a metodologia do respeito ao adversário, da amizade, da prosperidade do atleta, sempre da questão da formação do homem e não do atleta e que possam trazer pro dia a dia o que eu sempre explico em minhas aulas.	Alto muito bem a técnica, a filosofia e os alongamentos.
Sensei F	Visava mais a formação dos meninos, a parte educativa não só a física mas também a parte espiritual, então, graças a Deus eu tive bons professores lá em	Eu procuro mais ao treinamento científico, assim sendo há condições de levar esses meninos mais para o judô, diria para o judô mais	usar a parte filosófica para que eles entendam no porquê eles estão praticando e como eles podem usar a parte filosófica na parte competitiva.

	São Paulo.	avançado e em condições de disputar até no nível mundial.	
--	------------	---	--

Ao se refletir sobre as questões investigadas da referida pesquisa, notou-se uma tendência na diretividade da metodologia aplicada à prática do judô com ênfase as técnicas.

Uma boa metodologia, respaldada por uma inovadora pedagogia, não é aquela que demonstra um gesto para ser imitado, automatizado, mas é aquela que permite ao educando vivenciar em processo de ensino-aprendizagem, na qual, por meio da possibilidade de exploração, a criança constrói não um gesto motor apenas, mas uma conduta motora, fruto de sua competência interpretativa (SCAGLIA, 1999 apud Ministério do Esporte).

Várias opiniões dos entrevistados são relevantes a destacar como: utilização do lúdico, a filosofia como meio para conscientizar as técnicas. O que falta é um planejamento de ensino que direcione o desenvolvimento das aulas.

O JOGO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO JUDÔ

SENSEI	As principais funções dos jogos segundo os entrevistados:	Segundo os entrevistados os jogos não podem ser utilizados:
Sensei A	Lateralidade, desenvolvimento de coordenação motora.	Para a prática do judô não funciona como aprimoramento de técnicas, não traz grandes benefícios.
Sensei B	Como recurso pedagógico para ensinar não só o judô, mas qualquer esporte e nas aulas de Educação Física. "A brincadeira, a diversão tem que existir sempre".	Não cita.
Sensei C	Aquecimento, deixar mais atento, reflexo, coordenação motora.	Para as técnicas do judô.
Sensei D	Utilizar os jogos para facilitar o ensino das técnicas. Motivação para que os alunos continuem e goste do treinamento.	Não cita.
Sensei E	Movimentação. Cita uma brincadeira "Tubarão".	Não cita.
Sensei F	Incentivar os praticantes, coordenação motora. "É muito importante dentro da prática não só do judô, mas em qualquer esporte".	Não cita.

Este quadro procura mostrar as opiniões dos professores em relação a função do jogo no ensino-aprendizagem do judô, identificando de que forma os

senseis utilizam e com qual finalidade dos jogos em suas aulas.

Na maioria das respostas verifica-se que o jogo é utilizado nas aulas com o objetivo de alcançar: a lateralidade, coordenação motora, aquecimento, reflexo, movimentação, motivação ou incentivo. O sensei A e C opinaram que os jogos não trazem nenhum benefício para o aprimoramento técnico do judô. Entretanto, alguns autores discordam desse ponto de vista, defendendo que o jogo pode contribuir para a melhoria das habilidades técnicas. Conforme Sadi (2000, p.68) “Compreender primeiro o jogo e, depois, preocupar-se com o ensino da técnica enriquece a própria função técnica”. Na mesma direção é importante deixar claro que o professor quando propõe jogos deve compreendê-lo aproximando dos fundamentos que pretende alcançar, nesse caso, se for o fundamento técnico utilizam os jogos fazendo que os alunos façam o uso das técnicas como esquema tático para solucionar problemas dentro dos jogos. Segundo Sadi (2002, p.68) “O estudo de habilidades técnicas ainda tem seu lugar, mas nunca isolado sempre como se fosse em um jogo e, na maioria das vezes, como meio para resolver um problema tático”.

Diante da afirmativa os demais professores entrevistados concordam que o jogo pode ser utilizado como um recurso pedagógico para ensinar não só o judô mais qualquer esporte. Na fala do Sensei D isso fica claro “Utilizo os jogos para facilitar o ensino das técnicas”.

Segundo Huizinga (2004, p.221), “No caso do esporte temos uma atividade nominalmente classificada como jogo, mas levada a um grau tal de organização técnica e de complexidade científica que o verdadeiro espírito lúdico se encontra ameaçado”.

Os professores devem repensar em relação ao ensino da técnica, pois, esse fundamento é uma parte do ensino do judô e não um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto monográfico teve o intuito de esboçar, refletir e construir uma Pedagogia do Judô voltada para a formação humana com uma prática pedagógica que englobasse a importância de conservar de forma consciente os princípios filosóficos dessa luta oriental que contribui para a formação de valores morais e sociais dos judocas.

Dessa forma, o judô como pedagogia ou simplesmente a dimensão pedagógica do judô é o caminho para conscientizar os alunos acerca da importância da essência filosófica e da compreensão dos fundamentos técnicos da sutileza do caminho, da suavidade e não da brutalidade e do uso excessivo da força.

Na mesma direção vale ressaltar que o foco central ao longo desta pesquisa foi construir uma pedagogia do judô que tivesse os seguintes temas abordados, analisados e contextualizados pertinentes a este estudo: A conscientização dos princípios filosóficos na utilização da ação prática do judô; utilização de jogos para o ensino-aprendizagem na iniciação esportiva; uso do lúdico como recurso pedagógico propiciando um ambiente agradável e prazeroso. Também a participação no Projeto de Pesquisa Pedagogia do Esporte: em busca de novos caminhos que tem a preocupação é (re) significar o esporte, teve grande contribuição e relevância para a construção deste trabalho monográfico. Ainda foram relevantes as entrevistas com os professores de Goiânia sobre esses temas geradores e a minha atuação como professor (sensei) no projeto de Bolsa de Licenciatura da UFG. Ao aplicar esses objetivos supracitados para a construção pedagógica, teve-se o judô no aspecto educacional, ou seja, a educação esportiva com trabalho didático.

Primeiramente em relação à filosofia do judô verificou-se a importância desta no processo pedagógico identificada por meio das entrevistas e opiniões contrárias do professor acerca dos princípios filosóficos oriundos de uma cultura oriental inserido na cultura ocidental.

Segundo K'ung (2003, p.13) "Se um homem continuar a apreciar seu conhecimento antigo, ao mesmo tempo em que continuamente adquire conhecimento novo, ele poderá se tornar um professor para os outros". Diante desta

afirmativa todos os integrantes do judô, principalmente os senseis, devem-se conscientizar que essa luta, que prioriza o caminho da suavidade e do autoconhecimento, precisa da utilização dos rituais, das tradições e da filosofia que vem contribuindo para o desenvolvimento da autonomia e da cidadania dos praticantes, tornando-os seres humanos conscientizadores, críticos e criativos e que podem contribuir para mudanças significativas no meio onde estão inseridos.

Essa preocupação reside no fato de que o judô ou o esporte não é vivenciado nem ensinado, mas reproduzido como movimento mecânico seguindo regras, performances, alto rendimento, tabelas de classificação e obediência total as confederações e federações que infelizmente institucionalizaram no modelo capitalista propiciando o judô para poucos.

Pensando nessa realidade foi elaborada uma proposta de construir uma Pedagogia que valorizasse as tradições, os costumes, os princípios filosóficos, a ética, a moral, a compreensão da tática dos jogos e o lúdico com eixo facilitador para o ensino-aprendizagem nas aulas.

Sem ideologia, o propósito é conscientizar a sociedade sobre o valor que o aprendizado influencia na formação dessas pessoas que interessam e procuram o judô, “O esporte a todos”.

Com o interesse e a organização dos governantes e dirigentes esportivos, o judô, na perspectiva pedagógica, poderia ser custeado para que essa arte não ficasse restrita somente à academia, mas sim ao alcance da população de uma forma geral. Nesse caminho, haveria a capacitação dos professores e a conscientização para que grande parcela de crianças e jovens tenha a oportunidade de vivenciar essa prática corporal oriental.

No transcorrer desta monografia, buscou-se caminhos pedagógicos para o desenvolvimento educativo do judô por meio do levantamento da fundamentação teórica dos depoimentos de vários senseis e dos resultados da pesquisa do Projeto Prolicen que buscaram a essência do judô e traçando caminhos para uma metodologia de ensino que re-significasse a filosofia, a técnica afiada ao processo de formação humana.

Houve entendimento que, através de um esporte baseado na educação esportiva e na pedagogia do esporte, pode-se transformar e modificar nossa realidade.

Os dados obtidos da Pedagogia do Esporte podem contribuir para buscar

novos caminhos para o esporte escolar auxiliando e favorecendo a Pedagogia do Judô que busca também a unidade de ensino através desse paradigma ainda em construção.

Pensar e agir são construções pedagógicas que influenciam na realidade judoística cujo pensamento analítico e reflexivo contribui com a razão de ser o judô na sua essência com seu ensino-aprendizado re-significado, importante para a formação humana dos futuros cidadãos na sociedade.

Pensar em um esporte de qualidade em que os responsáveis repensem seu planejamento, não enfatizando somente as competições, mas sim promovendo congressos, oficina de idéias para melhorar o aspecto educacional do judô.

Conforme Medeiros; Sadi; Scaglia (2003) ao se discutir o ensino de esportes não se pode descartar a necessidade de se ensinar a competir, pois a competição como um conteúdo do planejamento do professor pode enriquecer e incrementar o processo de ensino.

Viu-se então a importância dos jogos na iniciação esportiva do judô, recomendando que o professor os utilize metodologicamente de forma a contribuir para o processo pedagógico dos fundamentos dessa arte suavizante, possibilitando uma melhor aprendizagem, pois os alunos ficam motivados, interessados em realizar tais atividades. Conforme Sugai (2000, p.122,vol.2) “Por isso é importante a criatividade, que só é possível quando a técnica está a serviço da expansão e da transformação das possibilidades do indivíduo em sua totalidade, ou seja, corporal, mental e espiritual. Cabe aos senseis dedicar, esforçar e usar a criatividade em prol de um ensino-aprendizagem de qualidade. Essa nova forma de ensinar o Esporte, possibilita um melhor envolvimento dos iniciantes com o conteúdo proposto, não treinando na perspectiva meramente para competir, mas sim aprendendo a cada dia com seus companheiros os valores humanos de socialização e integração que o judô possibilita por meio dos seus princípios filosóficos e das belíssimas técnicas. Essas características inerentes ao judô devem ser compreendidas pelos seus praticantes conscientizados pela sua prática. Para isso é necessário que todos da comunidade judoística se envolva, principalmente o professor (sensei), que durante suas aulas priorize a formação humana de seus alunos”. Enfatizando os valores de: solidariedade, amizade, honestidade, respeito, perseverança, e conscientização de sua prática.

Portanto, é importante que professores e todos os responsáveis pelo judô

do Estado de Goiás façam um planejamento ou projeto no qual essa arte oriental abranja grande parcela da comunidade de forma qualitativa e que haja um ensino de esporte que priorize o desenvolvimento total de seus praticantes dando ênfase à filosofia e aos jogos. Como pedagogia é importante também a utilização dos jogos para propiciar o espírito lúdico aos alunos, uma vez que as aulas e o aprendizado tornam-se interessantes porque o processo pedagógico ganha caráter educacional. Segundo Santin (1994, p.52) “Por atleta humano entende-se o praticante de esporte que desenvolve suas atividades dentro de seus próprios limites, estabelecidos pela dinâmica do viver”.

É nessa dinâmica de viver que o lúdico é peça fundamental a quaisquer “afazeres” do cotidiano, principalmente, no ensino-aprendizagem propiciando o desenvolvimento de forma simples e agradável.

Segundo Kano *apud* Sugai (2000, p.192, vol.2) “Seres humanos que pelo próprio aperfeiçoamento se tornarão úteis a humanidade; e este é o objetivo capital do judô”. Não obstante, esse pensamento do fundador do judô é o clímax dessa arte suavizante do autoconhecimento.

Apesar de todas essas mudanças ocorridas, o judô ainda não perdeu a sua “magia” que o distingue de outras lutas. Os ensinamentos deixados por Jigoro Kano têm como um dos pontos de destaque o seu perfil educacional e filosófico, faz com que o judô mantenha em sua prática um equilíbrio entre a “tradição e a modernidade”, o “esporte e a cultura”, fazendo também com que ele se desenvolva na racionalidade de pensamentos, no autocontrole e na determinação de vencer. Jigoro Kano nos deu um esporte riquíssimo de conteúdo teórico e técnico, cabendo agora aos professores saber interpretar e adaptar todo esse conhecimento aos nossos tempos atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Eduardo. **O Judô e Suas Simbologias Ocidentais**. São Luis, 2005. Disponível em: < <http://www.ligadejudo.com.br/pordentro4.htm>. >. Acesso em: 12 maio 2005.

CARVALHO, Mauri de. **Competição ou cooperação**. Santa Tereza, 2003. Disponível em: <<http://www.judobrasil.com.br>>. Acesso em: 01 ago. 2005.

CORDEIRO JUNIOR, Orozimbo. **Proposta teórico-metodológica do ensino do judô a partir dos princípios da pedagogia crítico-superadora: uma construção possível**. Goiânia, 1999. Monografia de Graduação – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

ESCOBAR, Micheli Ortega. **A Produção de Conhecimento em Educação Física e o Materialismo Histórico Dialético como Método**. Salvador, 2002. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/destaques/micheli_ortega.htm>. Acesso em: 10 maio 2005.

FREIRE, João Batista Freire. **O Jogo: entre o riso e o choro**. São Paulo: Autores Associados, 2002.

GROSSO, Francisco. **A ludicidade como estratégia motivacional da aprendizagem de judô para crianças na faixa etária de quatro a doze anos**. 2003. Disponível em: <fgrosso@openlink.com.br>. Acesso em: 20 jan 2003.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1995.

HIRATA, Luiz Carlos Guenzo. **Filosofia do Judô**. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.ligadejudo.com.br>>. Acesso em: 4 jun 2005.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva S.A, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

K' UNG, Ch'iu. **Aforismos de Confúcio**. Tradução de Martha Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2003.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

LASSERRE, Robert. **Judô – Manual Prático**. São Paulo: Mestre Jou, 1951.

LAVAND, L.Jean. **Deus ludens: o lúdico no pensamento de Tomás de Aquino e na pedagogia medieval**. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.hottoppos.com/vidé>>. Acesso em: 15 jan 2005.

MEDEIROS, Mara; SADI, Renato Sampaio; SCAGLIA, José Alcides. **Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos: Questões Pertinentes Ao Treinamento Esportivo**. Seminário Nacional Esporte Escolar e Inclusão Social. Brasília: Ministério do Esporte, 2003.

MORANDINI NETO, Adolfo. **Apostila de Graduação**. São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://www.ligadejudo.com.br/graduacaoAPOSTILA.html> >. Acesso em: 15 jun 2005.

MUBARAC, Uaidi; TAMBUCCI, Luis. **Reflexões sobre a história do judô no Brasil**. Tóquio, 1955. Disponível em: < <http://judobrasil.com.br/histnet.htm>> Acesso em: 4 jul 2005.

ROBERT, Luís. **O Judô**. Bélgica: Editorial Noticia, 1976.

RUFFONI, Ricardo. **Análise Metodológica na Prática do Judô**. Disponível em: <<http://www.equiperuffonni.com.br/artigos/A050215.Doc>>. Acesso em: 18 mar 2005.

SADI, Renato Sadi et al. **Pedagogia do Esporte : esporte escolar-curso de extensão** . Brasília, CEAD, 2004.

SADI, Renato Sampaio. **Pedagogia do Esporte: descobrindo novos caminhos**. Goiânia: Faculdade de Educação Física - UFG, 2005. 40 p. Projeto de Pesquisa.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 1994.

SILVA, Sérgio Hassi Antunes da. **O judô como forma de educação**. São Paulo: Academia Budôkan, 2003.

SONOO, Rosa T. **Judô curiosidades**. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <http://www.sonoo.com.br> >. Acesso em: 12 maio 2005.

SUGAI, Vera Lucia. **O Caminho do Guerreiro: a contribuição das artes marciais para o equilíbrio físico e espiritual**. São Paulo: Gente, 2000. Vol.1.

SUGAI, Vera Lucia. **O Caminho do Guerreiro: integrando educação, autoconhecimento e autodomínio pelas artes marciais**. São Paulo: Gente, 2000. Vol.2.

SUGAI, Vera Lucia. **Qualidade de vida na Web-Veja Estelar**. Disponível em: < <http://www.uol.com.br/vyaestelar/samurai.htm>>. Acesso em: 17 ago 2005.

VELTE, Herbert. **Dicionários de Termos Técnicos de Judô**. Brasil, Tecnoprint S.A. 1989.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martim Fontes, 2003.

VIRGILIO, Stanlei. **A arte do judô**. Campinas: Papyrus, 1986.

ANEXOS

ANEXOS-1

Conforme Neto (2004, p.10), Entre elas estão:

- Trate os instrutores, superiores e colegas com respeito e cortesia.
- Treine com o máximo esforço e dedicação.
- Quando estiver descansando, sente-se em Seiza ou permaneça em pé observando os outros praticantes.
- Antes e depois de cada treino, sente-se em Seiza e faça o Za-rei mostrando respeito pelo seu colega. O mais graduado ficará do lado direito e o menos graduado do lado esquerdo em relação a Shomen.
- Quando entrar ou sair do Dojo, arrume seu Judogi, fique em pé respeitosamente e faça o Ritsu-Rei.
- Não sente com as pernas esticadas ou com o corpo reclinado.
- Não ande com seu Judogi aberto ou sem a parte superior do mesmo.
- Não use chapéus ou bonés.
- Não pendure sua faixa sobre o pescoço.

Em relação as normas e condutas:

- Nunca se atrase para o início de um treino.
- Tradicionalmente, no Japão, as saudações são feitas sem nenhum contato físico. Portanto, apertos de mão, abraços ou batidinhas nas costas não são necessários dentro do Dojo. Por causa dos costumes ocidentais, porém, é comum vermos a saudação (Ritsu-Rei) muitas vezes ser seguida de um aperto de mão. Quando estiver cumprimentando um Sensei, espere que qualquer atitude mais calorosa parta dele, não tomando nunca a iniciativa.
- Quando o Sensei estiver conversando ou ocupado com alguma atividade, cumprimente-o (Ritsu-Rei ou Za-Rei) sem interrompê-lo nem fazendo com que ele pare somente para cumprimentá-lo.
- Ao cumprimentar um Sensei, posicione-se de frente para ele e não faça com que ele tenha que se virar para ficar de frente para você.

- Caso o Sensei esteja sentado ou ajoelhado, cumprimente-o em Za-Rei, não esperando que ele se levante para cumprimentá-lo.
- Ao fazer a saudação para dois ou mais judocas, você pode cumprimentá-los individualmente ou a todos eles. Nunca, porém, faça o Ritsu-Rei girando o corpo na direção de todos em semicírculo. Ao cumprimentar o grupo todo, o Ritsu-Rei deverá ser feito em direção ao grupo, como fosse uma só pessoa.
- Nunca cruze a frente de um judoca, principalmente um Sensei ou companheiro mais graduado.
- Jamais passe no meio de dois colegas.
- Quando estiver descansando ou observando o treino, nunca dê as costas para Shomen.
- Quando estiver em pé, ouvindo alguma explicação ou observando o treino, a postura correta é Shizen-Hontai, ou seja, com o corpo ereto e as mãos soltas ao lado do corpo. Cruzar os braços, apoiar as mãos na cintura ou cruzá-las atrás das costas denota falta de interesse ou respeito.
- Exceto por estar machucado, nunca recuse treinar com um Sensei.
- Ao treinar com os Senseis, faça isso da maneira mais solta possível. Deixe que ele faça sua pegada (Kumi-Kata), demonstrando respeito e consideração.
- Ao ser chamado para alguma demonstração, dirija-se com presteza ao Professor. Faça o Ritsu-Rei e coloque-se à sua disposição, colaborando ao máximo para sua explicação.
- Caso o Sensei (responsável pelo treino ou de alta graduação) adentre o Dojo após o início do treino, as atividades deverão ser interrompidas pelo mais graduado (Mate). Será dado o comando Kiotsuke (todos se voltarão para o Sensei). Após o comando 'Rei' todos saudarão o Sensei em Ritsu-Rei.

Em relação ao código moral:

- Gentileza – é respeitar os outros.
- Coragem - é fazer o que é justo.
- Sinceridade – é se expressar sem ocultar seus sentimentos.
- Honra – é manter a palavra.
- Modéstia – é falar de si sem vaidade.
- Respeito – sem respeito não há confiança.
- Autocontrole – é ficar quieto quando a raiva aflora.
- Amizade – é o mais puro dos sentimentos humanos
- O judô é o buquê de todas essas flores

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO JUDÔ.

ANEXO-2

Prática

**PROJETO LUDICIDADE NO JUDÔ.
CEPAE-UFG-FEF**



FICHA DE INSCRIÇÃO:

ALUNO:

ALTURA:

ENDEREÇO:

NOME DA ESCOLA:

NOMES DOS PAIS:

TELEFONES PARA CONTATO:

OBSERVAÇÃO: Já teve ou tem algum problema no sistema locomotor, cardio-respiratório, neurológico ou quaisquer problemas de saúde, quais?

AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL:

IDADE: / /

NATURALIDADE:

ESCOLARIDADE:

ANEXO-3

FOTOS



Prática social inicial dos alunos. Objetivo conhecer o que significa o judô para os alunos.



JOGOS PARA O FUNDAMENTO RANDORI (LUTA LIVRE EM PÉ).
Nome do jogo: “Randori com Balões”.
Objetivo: Possibilitar a iniciação da luta de forma lúdica. Os alunos em dupla sem soltar a pegada e utilizando golpes do judô tentará estourar o balão do companheiro que estará amarrado no tornozelo.



Momento lúdico durante o jogo “tubarão”.
OBJETIVO: Um aluno ajoelhado no meio do tatame. Os outros tentarão passar por ele, sem ser tocado. Quem for tocado e derrubado, vira ajudante de tubarão.

Continuação do Anexo 3



Nome do jogo: “Briga de galo”.
OBJETIVO: Dois a dois, agachados, tentando derrubar um ao outro, empurrando ou puxando o colega. Proporciona o desenvolvimento da puxada e do equilíbrio.



Nome do jogo: Pique-rabo.
Objetivo: O jogo consiste em defender o elástico colocado atrás e pegar do seu companheiro possibilitando movimentação de corpo e aquecimento.



Nome do jogo: bola com ne-waza.
Objetivo: A pessoa que estiver com a bola vai ter proteje-la o outro companheiro vai ter que tomar proporcionando os fundamentos do solo.



Oficina de judô apresentada no IX Encontro Regional de Estudantes de Educação Física (EREEF) no 27 de maio de 2005. Jogo que desenvolve puxada, concentração, equilíbrio e motivação.



Conservar os princípios filosóficos do judô.
Momento de concentração (mokusso) e saudação zarei (ajoelhado).

Continuação Anexo 3



Nome do jogo: “kumikata (puxadas)”.

Objetivo: Esse jogo consiste em levar seu companheiro pela realização somente de puxadas até a extremidade do tatame, ganha que conseguir puxar o colega até o final e virando ele de costas.

Finalidade: Trabalha a posição de defesa no judô(jigo tai) e kumikata (puxada).



Nome do Jogo: Pique-pegue ukemi (amortecimento de queda) com pique-gelinho e pique ajuda.

OBJETIVO: Essa atividade tem como função a realização de amortecimentos de quedas e rolamentos, juntamente para como exercícios de puxada (kumikata) além de ser um ótimo aquecimento. Esse jogo foi variado com sugestões dos alunos , tornando uma atividade lúdica e dinâmica.

OUTROS JOGOS CONHECIDOS MODIFICADOS PARA O ENSINO DO JUDÔ:

SEMPRE 3.

SUMO.

PIQUE BANDEIRA.

Desenvolvimento: As crianças são divididas em dois grupos de igual número. No campo, dividido também em dois, são plantadas duas bandeiras (de cada lado). Cada grupo deve tentar roubar a bandeira do lado oposto, sem ser tocado pelos jogadores daquele lado. Se for tocado fica preso. lado que tiver, mais meninos presos perde e o outro partido consegue finalmente roubar a bandeira.

Variação para o judô: associar o pique bandeira com o jogo tubarão, quem for pego vira tubarão (proposta sugerida pelos alunos do projeto), aula fica dinâmica

Ocasionalmente vários amortecimentos de quedas e rolamentos, agilidade e tática de grupo.

CABO DE GUERRA: Os partidos alinham-se, com os jogadores uns atrás dos outros, segurando cada lado metade de uma corda dividida igualmente entre ambos. A um dado sinal, começam a puxar a corda. Ganha o partido que se apossar dela toda, ou que houver conquistado a maior parte da corda ao cabo de um período de um ou dois minutos. Proporciona o trabalho de puxada e equilíbrio no judô.

QUEIMADA: Desenvolvimento; Dois grupos de crianças. Uma de cada lado. Observa-se a mesma distância no meio do campo, traça-se uma linha, chamada fronteira. O grupo fica distante da fronteira por alguns metros. Atrás do grupo, uma segunda linha, onde fica o cemitério local, para quem for desclassificado. Cada grupo possui o seu cemitério. Os componentes do primeiro grupo chegam a fronteira e atiram a bola no segundo grupo. Se a bola acertar alguma criança do segundo grupo, esta irá para o cemitério do primeiro grupo. Se a criança consegue pegar a bola, ela passa, então ao segundo grupo e este fica com maior poder de atirar a bola. No final, o grupo que tiver menor número de crianças no cemitério, venceu. A bola é atirada com a mão.

Variação para o judô: Os alunos para desviar da bola terão que fazer amortecimentos de quedas ou rolamentos.

FUTEBOL AMERICANO: Antes de o jogador arremessar a bola é necessário fazer um amortecimento de queda ou rolamento.

Variação: Tubarão, que estiver com a bola os outros podem derrubá-lo.

JOGO PARA EXAME DE FAIXA.

ANEXO- 4

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Professor (Sensei): Rafael Vieira de Araújo.

Local: Centro de Lutas - Faculdade de Educação Física. Número de turmas: 2; número de alunos por turma: 20 alunos; faixa etária: 7 a 15 anos.

PLANO DE ENSINO

OBJETIVOS GERAIS:

- Analisar e Re-significar as aulas de judô para esboçar uma nova pedagogia que busque a unidade de ensino dessa modalidade de luta para a formação humana dentro da iniciação esportiva.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Iniciar os fundamentos básicos do judô.
- Promover brincadeiras no aprendizado do judô enfatizando o lúdico.
- Proporcionar o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo-social dos alunos.
- Desenvolver e elaborar uma Pedagogia do judô.
- Construir caminhos para elaborar uma proposta de ensino de judô para iniciação esportiva.
- Re-significar e investigar o judô no seu contexto histórico, filosófico e sua tradição e seu processo de esportivização .
- Verificar e Analisar a existência de metodologias de ensino aplicadas na prática do judô
- Discutir o judô como instrumento pedagógico em busca de uma unidade de ensino.

- Relacionar e analisar o ensino do judô no esporte escolar através da pedagogia do esporte
- Identificar a importância do componente lúdico nas aulas de judô.
- Avaliar o jogo como estratégia de ensino nas aulas de judô.

CONTEÚDOS: Histórico do Judô; filosofia e princípios do Judô; Fundamentos do judô (Saudação, posturas, movimentação do corpo, controle do corpo, quedas, forma de pegar, desequilíbrios), técnicas em pé e no solo; golpes (projeções).

Procedimento Metodológico: Ministraremos aulas expositivas e práticas, utilizaremos o eixo central da Pedagogia do Esporte que a utilização de jogos para o ensino-aprendizagem da iniciação esportiva judô que dê ênfase a ludicidade das crianças utilizando brincadeiras como ferramenta facilitadora dessa aprendizagem e re-significar o judô na sua essência. E os três princípios básicos para o aprendizado do judô: Ju-Suavidade (no sentido de flexibilidade); Seiryoku-Zen-Yo-Máxima eficiência e mínimo esforço e Jita-Kyoei-Bem estar e benefícios mútuos.

Avaliação: Presente em todas as fases do processo, os instrumentos são: Observação, análise e relatório da produção, auto-avaliação, textos e materiais produzidos pelos alunos, expressão escrita, conversa informais, atividades extra-dojo/ culturais/ lúdicas e criativas, subjetivas, seminários temáticos e dinâmicos de grupo, conselho de classe e áudio e vídeo.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relato de algumas aulas.

Relatório Diário – 01.

Campo de Pesquisa: Lutas

Data: 19/05/2005

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

Área de Pesquisa: Judô

Horário: 18:00 a 19:00 h

1.TEMA: Histórico do judô e seus fundamentos.

2.Objetivos:

Objetivo Geral: Promover aos alunos o conhecimento do que vem ser o judô.

Objetivos Especifico:

- Resgatar a história do judô de seu surgimento, lendas e seu fundador
- Promover a explicação da posição natural (Shizen-tai), posição de defesa (jigô-tai) através de jogos.
- Promover atividades para a iniciação dos rolamentos para adaptação dos alunos ao tatame através de jogos.

Conteúdo:

Histórico de Judô; Posições no judô; Amortecimentos de quedas e rolamentos;

Procedimentos Metodológicos: Os alunos sentados em fileira por ordem decrescente de tamanho, o professor contara duas histórias sobre o surgimento do judô, também explanara sobre o projeto “Ludicidade no Judô” e seu objetivo.

3. LINHAS DE AÇÃO:

Os alunos sentados em fileira por ordem decrescente de tamanho, o professor contou duas histórias sobre o surgimento do judô, também explanou e explicou sobre o projeto “Ludicidade no Judô” e seu objetivo.

Os alunos espalhados no tatame voltados de frente para o professor, o sensei explicou a brincadeira “espelho”, ou seja, todos vão ser o espelho dele, e o sensei enfatizou a posição Shizen-tai- Posição Natural e Jigô-Tai- Posição de Defesa.

O professor solicitou para turma em dividir em duas equipes, e cada equipe ficou em fila um atrás do outro sentado na extremidade do tatame, colocamos dentro de um arco uma bola, ou seja, cada arco e cada bola para cada equipe, os alunos sairão cada um de sua equipe por vez no comando do professor vai até no arco pega a bola e volta

também rolando com a bola. Observação: O professor pode variar o fundamento de rolar, ou seja, rolar com o corpo estendido, fazendo cambalhotas ou de costas, etc.

4. Recursos Materiais: bolas, arcos.

5..Espaços Pedagógicos: Área de treinamento (Dojo) no espaço reservado no Centro de Lutas da UFG-FEF..

6.Reflexão da Aula: Houve participação total dos alunos, (total interação) as atividades propostas forma recebidas com interesse, os alunos tiveram uma boa assimilação das regras propostas pelo “Projeto Ludicidade no Judô”, o reconhecimento do espaço físico foi feita de forma rápida (nenhum aluno infringiu nenhuma regra do jogo e nem do judô)

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-02.

Campo de Pesquisa: Lutas

Data: 07/06/2005

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo.

Área de Pesquisa: Judô

Horário: 18:00 a 19:00 h

1. Tema: Princípios do Judô, Rolamento, Amortecimento de quedas e Equilíbrio.
2. Objetivos: Proporcionar a integração dos alunos e desenvolver os amortecimentos de quedas, rolamentos e equilíbrio utilizando um jogo como estratégia de ensino.
3. Linhas de ação:

Saudação inicial ajoelhado, alongamento com ênfase nos exercícios de equilíbrio (imitando um aviãozinho, ou seja, ficar equilibrado somente em um pé). Posteriormente foi proposto o jogo “pique-bandeira” no qual os alunos contribuíram que incluísse dentro do jogo também o jogo tubarão com alteração de regras, foi divertido, pois, os alunos fizeram os fundamentos do judô brincando: rolamentos e amortecimentos com deslocamento e movimento espaço-temporal.

Depois os alunos em fila fizeram o jogo “carrinho de mão” como aquecimento para os braços.

Foi explicados todos os amortecimentos de quedas (Ukemi) e rolamentos.

Logo após os alunos divididos em dois círculos segurados nas mãos em pé com um aluno no meio da roda, o objetivo era que o aluno estivesse no meio tinha que sair fora do círculo e os outros impedir sua saída com movimentação para direita ora para esquerda, no qual trabalha com agilidade, equilíbrio na equipe e integração de grupo.

Para o início do desenvolvimento das técnicas em pé foi proposto o jogo “sumo” que assemelha aos fundamentos de puxada (kumikata), equilíbrio, deslocamento e quedas.

Saudação final com esclarecimento de dúvidas dos alunos e recapitulação da aula.

4. Recursos Materiais: canetas, papéis, lápis, tatame, rodo, panos, etc.

5. Espaços Pedagógicos: Área de treinamento (Dojo) no espaço reservado no Centro de Lutas da UFG-FEF..

6. Reflexão da Aula: Os jogos propostos facilitou o alcance dos objetivos propostos.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-03.

Campo de Pesquisa: Lutas

Área de Pesquisa: Judô

Data: 14/06/2005

Horário: 18:00 a 19:00 h

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

1. Objetivos: Proporcionar a integração dos alunos e desenvolver os amortecimentos de quedas, rolamentos, equilíbrio e treinamento no solo utilizando um jogo como estratégia de ensino.

2. Linhas de ação: Saudação inicial.

Realização do futebol americano como aquecimento com regras alteradas para o judô. Foi divertido o aluno queriam exclamando “professor já acabou?” Não professor só mais um pouquinho “.

Foi explicados e realizados todos os amortecimentos de quedas (Ukemi) e rolamentos.

Logo após os alunos agachados um de frente para o outro com a mão na frente empurrava simultaneamente outro colega para ocorre o amortecimento de queda para trás e equilíbrio.

Depois ocorreu o treinamento no solo com a explicação da finalidade desse treinamento, propondo um jogo, no qual os alunos um de frente para o outro em duplas no solo deveriam um deles dispor de uma bola, este que estava com a bola deveria segurar e proteger a bola sem que o outro pegasse, desenvolvendo posição de guarda e adaptação da luta no solo.

Saudação final com esclarecimento de dúvidas dos alunos e recapitulação da aula.

3. Recursos Materiais: canetas, papéis, lápis, tatame, rodo, panos, etc.

4. Espaços Pedagógicos: Área de treinamento (Dojo) no espaço reservado no Centro de Lutas da UFG-FEF..

4. Reflexão da Aula: Os jogos propostos facilitou o alcance dos objetivos propostos.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô
Relatório Diário-04.

Campo de Pesquisa: Lutas

Área de Pesquisa: Judô

Data: 23/08/2005

Horário: 18:00 a 19:00 h

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

3. Tema: Princípios do Judô, Rolamento e Amortecimento de quedas.

4. Objetivos: Proporcionar a integração dos alunos e desenvolver os amortecimentos de quedas e rolamentos utilizando um jogo como estratégia de ensino.

3. Linhas de ação:

Os alunos em posição de saudação inicial ouvem a explicação do sensei sobre uma citação de um pensamento: O bêbado não se machuca porque ele não se opõe à queda "-provérbio taoista. O sensei explica que não devemos se apegar ao medo de cair pois dificulta o desenvolvimento da aprendizagem e do cotidiano. Depois foi realizada a saudação posteriormente o alongamento e o aquecimento como a proposta de um jogo de pique-pega ukemi. Posteriormente foi realizada o amortecimento de queda pedindo aos alunos que definisse o que seria amortecer a fala de alguns alunos foram essas: "cair sem machucar, proteção, não quebrar a cabeça". Depois foi executados todos os tipos de amortecimentos de quedas e rolamentos. Logo em seguida o sensei pediu para formar 3 colunas para atividade de fortalecimento de braço , ou seja, os alunos deitados em decúbito ventral e só utilizando o impulso e a força das mãos deveria puxar o corpo para frente.

Mantendo a formação das colunas foram feitos os rolamentos e a explicação detalhada do sensei sobre o rolamento para frente (Zenpo-kainten).

Logo em seguida duas colunas uma em frente para outra, explica a etiqueta no judô e o desequilíbrio com o auxílio de um recurso visual a foto. Explicando os três momentos para a realização de uma projeção de um golpe: Kuzushi (Desequilíbrio), Tsukuri (Construção do Movimento), kake (projeção). Definindo a posição do corpo sempre de frente para o oponente e explicando como define o lado de uma pegada(kumi kata). O golpe ensinado foi o osoto gari e explicando quem projeta o golpe e o tori e quem recebe é o uke. Demonstração em três etapas e realização com dez entradas de cada lado.

No final a saudação e pediu para os que tragam na próxima aula a definição de rolamento e amortecimento de queda.

4. Recursos Materiais: canetas ,papeis, lápis, tatame, rodo, panos, etc.

5. Espaços Pedagógicos: Área de treinamento (Dojo) no espaço reservado no Centro de Lutas da UFG-FEF.

6. Reflexão da Aula: A reflexão sobre o pensamento no início da aula levou associação com os amortecimentos de quedas aumentando os questionamentos dos alunos. O eixo central foi alcançado, pois, os alunos compreenderam que os amortecimentos de quedas e os rolamentos no judô são essenciais na vida de um judoca. O jogo proposto pique-pegas ukemi houve maior participação e realização dos amortecimentos de quedas e rolamentos do que se tivesse colocado em fila e esse jogo é uma boa atividade de aquecimento.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-05.

Campo de Pesquisa: Lutas

Data: 25/08/2005

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

Área de Pesquisa: Judô

Horário: 17:20 a 18:00 hs

5. Tema: Princípios do Judô, Rolamento e Amortecimento de quedas.

6. Objetivos: Proporcionar a integração dos alunos e desenvolver os amortecimentos de quedas e rolamentos utilizando um jogo como estratégia de ensino.

7. Linhas de ação:

Como o Centro de Lutas estava em reforma, houve uma pintura que sujou o tatame de poeira, antes de iniciar a aula solicitei aos alunos que juntos limpásemos o local de treinamento sem nem um tom de autoridade e sim um convite, os alunos surpreenderam-me quando todos estavam motivados a realizar a limpeza e dois alunos ficaram com rodo limpando o tatame e revezando com os outros os demais alunos disponibilizei um pedaço para cada um pedi a eles que molhasse o pano para ficar úmido e passa no tatame todos desempenharam a função com motivação sem reclamação. Uma observação relevante é que um dos alunos comentou para mim "sensei o tatame está limpinho porque é regra do judô não é? Respondi explicando os deveres de um judoca. A aula começa com uma saudação, perguntei aos alunos quem trouxe a atividade proposta na aula passada que era pesquisar sobre amortecimentos de quedas e rolamentos. As metades fizemos expliquei a responsabilidade que o judoca deve ter com seus deveres enfatizado a disciplina. Então como procedimento metodológico foi proposto que os alunos que fizeram a atividade formassem uma fileira na frente e os outros que não realizaram ficasse atrás formando duplas e solicitei para

eles que fez a tarefa explicasse para o colega que não fez e este escreveria o entendimento da explicação do colega e para cada dupla determinei um amortecimento de quedas ou rolamento e que no final da discussão cada um explicaria o que seria amortecimento de queda e rolamento bem como realizaria sua função dada juntamente com os colegas”. Posteriormente houve essa discussão cada dupla explicou o que seria rolamento ou amortecimento e um dos momentos eu ia intervindo e as duplas que apresentava ficaria na frente e quando realizava na prática os demais alunos ficariam em fila.

8. Recursos Materiais: canetas, papéis, lápis, tatame, rodo, panos, etc.

5. Espaços Pedagógicos:

Área de treinamento (Dojo) no espaço reservado no Centro de Lutas da UFG-FEF.

6. Reflexão da Aula:

A limpeza do tatame todos participou. Em relação à atividade proposta que era para escrever a diferença de amortecer e rolar ocorreu boa integração do grupo com assimilação tanto teórica como prática.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-06.

Campo de Pesquisa: Lutas

Data: 25/08/2005

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

Área de Pesquisa: Judô

Horário: 18:00 a 19:00h

1.Tema: Princípios do Judô, Rolamento e Amortecimento de quedas.

2.Objetivos: Proporcionar a integração dos alunos e desenvolver os amortecimentos de quedas e a iniciação de alguns golpes e utilizando um jogo como estratégia de ensino

3.Linhas de ação:

Saudação inicial em ritsu-rei (saudação em pé) o Sensei pergunta quem trouxe o material pedido na aula anterior, aos que não trouxeram foi entregue folha e caneta para fazer durante a aula, mas não foi compreendido pelos alunos, por dividir a turma em grupos.

Cada grupo definiria o que seria: amortecimento de queda e rolamentos.

Cada grupo apresentou seu tema, demonstrou e o sensei refazia a apresentação, mais demonstração, seus principais erros a execução foi em grupo.

Posteriormente o sensei solicitou que formasse duas filas e realizasse o amortecimento de queda para trás (ushiro ukemi) com obstáculo, ou seja, o sensei e outro aluno graduado na faixa marrom ficaram ajoelhados inclinando o corpo para frente e os outros

alunos viam em direção a eles andando de costas quando chegavam no obstáculo caíam para trás realizando o amortecimento de queda para trás.

Depois realizou atividade de deslocamento no solo deitado em decúbito dorsal para trabalhar a agilidade do quadril e ao mesmo tempo posição de defesa e saída de uma imobilização. Posteriormente foi realizado o rolamento para frente (Zempo Kaiten) com o professor e aluno graduado explicando em individual quem estava com dificuldade na realização do rolamento.

Depois o sensei pediram aos alunos que ficasse em duplas, um de frente para o outro em semelhança de peso e altura para a explicação das técnicas e m pé (tachi-waza). O sensei explicou como diferencia uma pegada (kumi kata) se é do lado direito ou esquerdo enfatizou que o tachi-waza subdivide em técnicas de pé , quadril e mão enfatizando os termos em japonês e sua significação para uma melhor assimilação. O primeiro golpe a ser explicado foi o O soto gari explicando o significado do nome do golpe em português como sua realização e projeção. Depois pediu para os alunos executar o golpe 10 vezes de cada lado sem derrubar, ou seja, (uchi komi).

No final da aula houve a realização de uma brincadeira que é conhecida como Pit-bull ou tubarão havendo uma descontração dos alunos. Depois foi feita a saudação em pé e o informe da compra do judogui (kimono).

4. Recursos Materiais: canetas ,papeis, lápis, tatame, rodo, panos, etc.

5. Espaços Pedagógicos: Área de treinamento (Dojo) no espaço reservado no Centro de Lutas da UFG-FEF..

6. Reflexão da Aula: Os alunos conseguiram distinguir a diferença entre rolar e amortecer, tanto na parte teórica como na prática. A assimilação do golpe foi realizada com interesse dos judocas e o jogo descontraiu os alunos.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-07.

Campo de Pesquisa: Lutas

Data: 01/09/2005

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

1. Tema: Amortecimentos de quedas e rolamentos

Área de Pesquisa: Judô

Horário: 17:20 a 18:00

2. Objetivos: Proporcionar aos alunos o aprendizado dos amortecimentos de quedas de forma lúdica.

:

3. Linhas de ação:

O início da aula foi feita a saudação inicial em ritsurei, logo após ocorreu um jogo "tubarão" as regras foram modificadas durante o jogo, misturando pique-pega ukemi

com o tubarão. Depois o sensei realizou a explicação dos amortecimentos de quedas e rolamentos, usando um recurso do simbolismo, ou seja, fez um paralelo com avião, explicando os movimentos através de um paralelo com o avião. Os alunos gostaram da iniciativa, pois, relacionamos as partes e o funcionamento do avião com os amortecimentos. Por exemplo: as asas do avião são os braços não devemos encostar os braços nem o ombro durante o vôo (o rolamento) e sim as costas; os pés eram os pneus do avião quando o avião subir os pneus devem fechar, ou seja, os pés devem pegar impulso, no final do rolamento era o pouso do avião, foi divertido os alunos criaram as histórias e o objetivo proposto foi alcançado de uma forma lúdica e pedagógica. Antes da saudação final um aluno me perguntou “sensei como eu faço para não rir durante o momento de concentração, não porque eu quero, mas eu não sei como fazer”. O sensei respondeu: Concentre-se lembre de alguma dificuldade ou problema, depois sinta um vazio, por isso é concentração. O aluno depois da saudação falou para o sensei que tinha mordido no judogi (kimono) para não rir.

4. Recursos Materiais: tatame

5. Espaços Pedagógicos:

6. Reflexão da Aula: Os jogos propostos tornaram os movimentos dos fundamentos mais dinâmicos e a imitação do aviãozinho expressa o simbolismo de Vigotski, facilitando o processo de aprendizagem e assimilação dos alunos.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-08.

Campo de Pesquisa: Lutas

Data: 06/09/2005

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

1. Tema: Golpes iniciais

Área de Pesquisa: Judô

Horário: 18:00 a 20:00

2. Objetivos: Proporcionar aos alunos a conscientização dos fundamentos dos golpes.

:

3. Linhas de ação: Saudação inicial, alongamentos com todos contando em japonês ao mesmo tempo, durante os amortecimentos de quedas e rolamentos variando o grau de dificuldade colocando obstáculos como pular por cima da faixa e fazer o rolamento logo em seguida (zempo kaiten). Depois utikomi (entrada de golpes) explicando o porque do equilíbrio, da puxada (kumikata), e dos três momentos para realização de qualquer golpe no judô. Para enfatizar o ensino da puxada realizou uma brincadeira na qual os alunos em duplas um de frente para o outro tinha como objetivo com a puxada levar o outro colega até a extremidade do tatame e esse o mesmo, que conseguisse puxar até a extremidade ganhava, depois o sensei juntamente com os alunos fizeram uma reflexão sobre essa brincadeira na questão da puxada e na posição do corpo de forma

defensiva. Na saudação final comentei(sensei) sobre a construção da apostila, os pais que estavam assistindo a aula propuseram ajudar: um pai deu 2 resmas de papel e outro presenteou com as cópias dessas xerox, pois, ele tem uma maquina em casa. O judô é isso amizade e prosperidade máxima.

4. Recursos Materiais:

5. Espaços Pedagógicos:

6. Reflexão da Aula: Os alunos alcançaram a zona de desenvolvimento real dos amortecimentos de queda e rolamentos realizando atividades complexas com pular por cima da faixa, ou seja, alcançaram a autonomia do aprendizado. Outro acontecimento a destacar foi a participação da comunidade em relação as copias da apostila sistematizada do judô para os alunos de forma gratuita.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-09.

Campo de Pesquisa: Lutas

Área de Pesquisa: Judô

Data: 08/09/2005

Horário:

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

Acadêmica que observa e relata as aulas: Bárbara Torres Sacco.

1. Tema:

2. Objetivos

:

3. Linhas de ação: Saudação inicial, realização de uma brincadeira: pique-rabo, que desenvolve a noção de movimentação de corpo importante para realização de algum golpe no judô, depois a seqüência de amortecimentos de quedas e rolamentos, depois os alunos em duplas um de frente para o outro realizaram outra brincadeira “briga de galo” bom para o equilíbrio, agilidade e puxada. Posteriormente foi explicado o primeiro golpe o-soto-gari, alguns alunos sentiram muita dificuldade, mas depois tiveram facilidade na sua execução. Depois da saudação final os alunos ganharam lanche contribuição de uma professora do colégio João Braz.

4. Recursos Materiais: Elásticos.

5. Espaços Pedagógicos: Dojô (sala de treinamento).

6. Reflexão da Aula: Os jogos propostos como “briga de galo” proporciona aos alunos equilíbrio, agilidade, puxada aproximando dos fundamentos do judô. A aprendizagem ocorreu de forma descontraída aumentando o interesse dos judocas.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-10.

Campo de Pesquisa: Lutas

Área de Pesquisa: Judô

Data: 08/09/2005

Horário:

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

1.Tema: Conscientização dos golpes

2.Objetivos: Proporcionar aos alunos consciência crítica em relação aos fundamentos aprendidos (amortecimentos de quedas e rolamentos, movimentação e golpes) possibilitando identificar os erros mais comuns e buscar uma melhor tática durante as atividades propostas.

:

3.Linhas de ação: Saudação inicial, alongamentos com os alunos dispostos em círculo, depois foi realizada uma brincadeira com os alunos dispostos em círculo um teria que pegar o outro correndo lateralmente em zigue-zague entre os alunos.Posteriormente o ensino da movimentação no judô Tai-sabaki, posteriormente rolamentos e amortecimentos de quedas com variações na seqüência dessa maneira repete o exercício, ex: 1º koho kaiten (rolamento para trás), 2º ushiro ukemi (amortecimentos de quedas para trás), 3ºyoko-ukemi (amortecimento para o lado), 4ºmae-ukemi, 5ºzenpo kaiten(rolamento frontal) esses números era falado aleatoriamente e o aluno deveria fazer o fundamento correspondente ao número. Depois entrada de osotogari corrigindo os erros mais comuns, no final cada um fez e comentamos sobre o golpe, ou seja, fizemos uma reflexão sobre o golpe. Interessante que depois da saudação final os alunos permaneceram no tatame com minha autorização relembando as atividades dadas durante as aulas.

4.Recursos Materiais:

5.Espaços Pedagógicos:Dojô.

6. Reflexão da Aula: O jogo proposto aumentou a assimilação dos alunos em relação a movimentação no tatame e os amortecimentos de quedas aprendendo pronunciar em japonês com atividade proposta que desenvolve a atenção juntamente com a realização do fundamento.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-11.

Campo de Pesquisa: Lutas

Área de Pesquisa: Judô

Data: 18/10/2005

Horário: 17:10 as 18:10

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

1.Tema: Técnicas em ne-waza (treinamento no solo).

2.Objetivos: Proporcionar aos alunos o desenvolvimento das técnicas no solo através de jogos.

:

3.Linhas de ação: Saudação inicial, para o aquecimento foi realizado o jogo “tubarão” depois foram feito amortecimentos de quedas e rolamentos. Posteriormente, houve explicação sobre qual a finalidade do ne-waza (luta no solo) e foi aplicado um jogo com os alunos dispostos em sei-za (posição ajoelhada) em duplas um de frente para o outro, sendo que um segura uma bola, a função de quem segura essa bola era protegê-la e assim proporcionar os fundamentos de ataque e defesa do solo de forma motivadora.

Depois houve uma explicação da aula anterior das imobilizações e saídas ensinadas, depois foi realizada luta no solo. Saudação final, entregue das apostilas e do lanche.

4.Recursos Materiais: Bolas

5.Espaços Pedagógicos:Dojo.

6. Reflexão da Aula: Verifica-se que os jogos contribuem de forma sistemática para o aprendizado dos fundamentos do judô. Na análise que foi proposto o jogo com a utilização da bola para o aprendizado da luta no solo, houve uma facilidade de assimilação e desenvolvimento dos alunos durante a luta no solo. Foi entregue algumas apostilas para aos alunos disposto em grupo para estudar.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-12.

Campo de Pesquisa: Lutas

Data: 18/10/2005

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

1.Tema: Técnicas em ne-waza (treinamento no solo).

Área de Pesquisa: Judô

Horário: 18:00 as 19:30

2.Objetivos: Promover a aula com um modelo de academia para verificar as opiniões do alunos em relação ao condicionamento físico e ao ensino tecnicista e paralelamente propondo jogos.

:

3.Linhas de ação: Saudação inicial, o aquecimento foi realizado com: corrida com variação, saltitando fazendo rolamentos e amortecimentos de quedas e apoio. Depois joga-joga. Durante o final da corrida alguns alunos foi escolhido(os que chegaram atrasados no treinamento) para ser o tubarão e os outros continuado correndo mesmo os alunos cansado houve um descontração da turma, depois eles tomaram água. Luta no solo sempre enfatizando qual é função dos alunos, sempre conscientizando os alunos do que fazer. Depois foi feito um relaxamento com a luz apagada e os alunos deitados no tatame com os olhos fechados durante 10 minutos. Depois saudação final e entregue do lanche.

4.Recursos Materiais:

5.Espaços Pedagógicos:Dojo.

6. Reflexão da Aula: Os alunos opinaram que aula foi cansativa até o momento que foi proposto a brincadeira “tubarão”, eles estão cada vez mais conscientes da filosofia, sempre atentos e chamando atenção aos amigos que estão dispersos na aula ou não cumpre com alguma etiqueta ou norma do judô.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-13.

Campo de Pesquisa: Lutas

Data: 03/11/2005

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

1.Tema: Aperfeiçoamento de amortecimentos de quedas e desenvolvimento do golpe:o-soto-gari e o-goshi.

Área de Pesquisa: Judô

Horário: 17:00 as 18:00

2.Objetivos: Proporcionar variadas formas de amortecimento de quedas e rolamentos através do jogo proposto na aula passada.

3.Linhas de ação: Saudação inicial em zarei com mokusso(momento de concentração); Depois para o aquecimento juntamente com as variadas formas de fazer os amortecimentos de quedas e rolamentos foi proposto um jogo que eles conheciam “pique-gelinho” só que adaptado para o judô, ou seja, o jogo foi construído com as contribuições dos alunos, o jogo foi adaptado da seguinte forma:Seguia as mesmas regras do pique gelinho só que quando o perseguidor pegava os fugitivos esses deveriam ficar ajoelhados até que outro fugitivos pudesse salva-lo pulando e fazendo um amortecimento de queda ou rolamento logo em seguida, posteriormente foi variando o jogo, com dois perseguidores e com os alunos sugestionaram que quando os perseguidores pegasse os fugitivos, estes deveriam ajudar pegar o restante e os fugitivos poderiam fazer pique antes que o perseguidor fosse pegá-los eles fariam um amortecimento de quedas ou rolamentos mas ficariam como gelinho e só poderiam voltar a fugir de novo se outro Fugitivo salvasse, pulando realizando amortecimento de queda ou rolamento logo em seguida. Ocorreram variadas formas de amortecimentos de quedas e rolamentos, no qual o objetivo foi alcançado realizar oportunidades para fazer maior números de amortecimentos de quedas.

Logo em seguida os alunos dispostos em círculos fizeram os amortecimentos de quedas, sempre o sensei conscientizando o erro e o porque de realizar esse fundamentos. No zempo kainten (rolamento para frente) que são movimentos complexos um por um foi fazendo continuando os alunos dispostos em círculos levando todos os alunos analisar o erro e o acerto de cada um dos seus companheiros.

Por conseguinte foi proposto o treinamento em pé (tachi waza), com o desenvolvimento do ensino-aprendizagem do golpe: o-soto-gari e o-goshi.Foi realizados o Randori e o relaxamento.

Saudação Final e avaliação dos alunos em relação a aula dada, depois os aluno lançaram.

4.Recursos Materiais:

5.Espaços Pedagógicos:Dojo.

6. Reflexão da Aula: O jogo proposto para os fundamentos dos amortecimentos de quedas e rolamentos teve grande significado pedagógico contribuindo para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do mesmo. O interesse dos alunos é relevante para a construção dos jogos e do conhecimento do judô educacional no qual os alunos participam da prática pedagógica enriquecendo-a.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação Física
Cepae
PROLICEN-Projeto Ludicidade no Judô.

Relatório Diário-14.

Campo de Pesquisa: Lutas

Área de Pesquisa: Judô

Data: 03/11/2005

Horário: 18:00 as 19:00

Acadêmico e Sensei: Rafael Vieira de Araújo

1.Tema: Aperfeiçoamento de amortecimentos de quedas e desenvolvimento do golpe:o-soto-gari, o-gosh. koshi-guruma, ipon seio nage, morote-seio-nage.

2.Objetivos: Proporcionar variadas formas de amortecimento de quedas e rolamentos através do jogo proposto na aula passada.

Propor atividades para melhor assimilação e conscientização dos golpes aprendidos: o-soto-gari, o –goshi, koshi-guruma, ipon seio nage, morote-seio-nage.

3.Linhas de ação: Saudação inicial em zarei com mokusso(momento de concentração); Depois para o aquecimento juntamente com as variadas formas de fazer os amortecimentos de quedas e rolamentos foi proposto um jogo que eles conheciam “pique-gelinho” o mesmo proposto para turma anterior. Entretanto essa turma variou o jogo da seguinte forma: o perseguidor que ia pegar os fugitivos esses deveriam dar as mãos para o perseguidor ajudando-o, ou seja, os alunos chamaram de pique ajuda ou pique-corrente, foi interessante, pois, desenvolveram juntamente a puxada, pois eles não poderiam largar a manga(sode) do colega e quem poderia somente quem estava nas extremidades, realizando vários fundamentos somente em um jogo.

Saudação Final e avaliação dos alunos em relação a aula dada, depois os alunos lançaram.

4.Recursos Materiais:

5.Espaços Pedagógicos:Dojo.

6. Reflexão da Aula: O jogo proposto para os fundamentos dos amortecimentos de quedas e rolamentos teve grande significado pedagógico contribuindo para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do mesmo. O interesse dos alunos é relevante para a construção dos jogos e do conhecimento do judô educacional no qual os alunos participam da prática pedagógica enriquecendo-a

ENTREVISTAS AOS PROFESSORES (SENSEIS) DE GOIANIA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Aprofundamento em DESPORTO – Monografia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Pedagogia do judô: a busca da unidade de ensino.

Pesquisador responsável: Rafael Vieira de Araújo

Telefones para contato: (62) 96817836 (62) 3271-2020

Esse projeto de pesquisa tem como intuito (re) significar o ensino-aprendizagem do judô na sua essência, ou seja, no seu aspecto filosófico, histórico, cultural, social e educacional que o judô pode proporcionar com uma práxis pedagógica adequada. Dentro dessas possibilidades viu-se a necessidade de esboçar uma nova Pedagogia do Judô, que busque trabalhar o judô pedagogicamente para a formação humana e não fragmentado visando somente a competição, mas sim a sua totalidade. Esse projeto monográfico também aderiu-se ao Projeto Pedagogia do Esporte: em busca de novos caminhos, elaborado, desenvolvido e contextualizado pelo professor doutor Renato Sampaio Sadi que exerce suas funções docentes na Universidade Federal de Goiás com participação dos acadêmicos e dos alunos da especialização dessa mesma instituição de ensino. O Projeto Pedagogia de Esporte busca também uma nova significação de prática-pedagógica para o Esporte, ou seja, a formação humana, propondo como metodologia de ensino para o Esporte o ensino dos jogos. Nessa linha também é relevante propor jogos para iniciação esportiva do judô. Também esse trabalho monográfico tem como objetivos: análise da esportivização do judô, os jogos como estratégia de ensino e o lúdico como ferramenta facilitadora da aprendizagem para iniciação dos fundamentos do judô.

Tendo em vista essa rápida explanação acima, peço-o a vos autorização para fazer a entrevista de caráter semi-estruturada, que será de grande contribuição e relevância social, contribuindo para o desenvolvimento educacional do Judô.

O período da pesquisa se estende até novembro de 2005, prazo final para a conclusão da pesquisa e defesa da monografia. A sua identidade é de caráter sigiloso e jamais será revelada, bem como você tem o direito de retirar o seu consentimento a qualquer tempo.

RAFAEL VIEIRA de ARAÚJO.

CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, CPF/RG: _____
abaixo assinado, concordo em participar do estudo, como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido(a) pelo pesquisador *Rafael Vieira de Araújo* sobre a pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Goiânia, ____ de _____ de 2005.

Assinatura: _____

Perguntas da entrevista semi-estruturada aos professores (senses) da cidade de Goiânia:

- 1) Desde quanto tempo você pratica o judô?
- 2) Como você acredita ser visto no meio do judô? (atleta, bom judoca).
- 3) Qual a sua formação profissional?
- 4) Durante sua prática no judô, o que os senses priorizavam em suas aulas?
- 5) Sendo o judô uma prática filosófica, qual a contribuição que você acredita que a filosofia traz para a formação humana?
- 6) Você acredita que, mesmo o judô sendo uma prática da cultura oriental, os rituais devem ser mantidos? Porquê?

- 7) Desde a entrada do judô nos Jogos Olímpicos em 1964, o judô está cada vez mais competitivo, e a filosofia sendo esquecida nas aulas do judô. Qual a sua opinião sobre esta realidade? Você acha que o judô perdeu com esse processo de esportivização?
- 8) Você faz uso de alguma metodologia para o ensino do judô? Qual?
- 9) Você utiliza alguma brincadeira durante suas aulas para o ensino do judô? Isso contribui para o aprendizado do judô? Por quê?
- 10) Qual a relação que você faz entre a competição e a filosofia em suas aulas?
- 11) O que você prioriza em suas aulas (filosofia, técnica, condicionamento físico)?
- 12) O seu objetivo no judô consiste em contribuir para formação humana ou para o auto rendimento nas competições?
- 13) Qual a sua opinião, em relação às duas máximas ou princípios que Jigoro Kano idealizava? JI TA KYO EI (Amizade e prosperidade mútuas) e SEI RYOKU ZEN YO (O melhor uso de energia).

ENTREVISTA ao Professor (sensei A).

1. Qual a perspectiva no judô atual?

O judô atualmente ele dentro da filosofia japonesa ele ainda prevalece a técnica, ele estava perdendo essa base filosófica tentando inserir a força dentro dos campeonatos mais pelo o meio do judô competitivo e hoje eles já estão tendo a visão se o judô não voltar ter a técnica que sempre teve o Japão estaria perdendo muito com isso e algumas olimpíadas atrás eles ficaram sem conquistar medalhas e já na última olimpíada eles conquistaram novamente a supremacia total dentro do judô foram 8 medalhas de ouro tanto no feminino quanto no masculino demonstrando que a técnica tem que prevalecer sobre a força.

2. Tem alguma diferença do judô competitivo e do tradicional?

Tem, o judô competitivo não visa, deslocamento, desequilíbrio e projeção, o judô competitivo só visa a força e arremesso de qualquer maneira do atleta no chão, tem que jogar de qualquer forma. O judô técnico prevalece pegado, movimentação desenvolvimento da luta combate e prioriza sobre judô a supremacia de técnica da filosofia da humildade sobre a parte competitiva.

3. O judô pode contribuir pra formação humana do aluno?

Pode, ele contribui com a prática da humildade, do respeito, da dedicação, da sabedoria ele inclui totalmente na educação e na vida de qualquer praticante dessa arte marcial.

4. Em relação a metodologia de ensino no judô, qual seria viável uma vez alcançada a parte técnica e de formação humana, como seria a metodologia de ensino?

É um ponto meio complicado pra se destacar, porque na metodologia ela tem vários aspectos, lúdico o aspecto do ensino propriamente dito o aspecto da parte filosófica, o aspecto da parte espiritual o aspecto de rendimento então são várias nuances que para ser colocada tem que ter pré disposição tanto do aluno quanto dos professores em ensinar se o aluno estiver pré disposição para aprender o professor tem pré disposição a saber também se o professor não sabe ele não ensina de forma alguma.

5. Em relação a propor jogos como estratégia de ensino para o judô você acha viável por iniciação esportiva principalmente na idade criança e adolescente?

Só com intuito de lateralidade e desenvolvimento de coordenação motora, para a prática do judô propriamente dito não funciona.

6. Com a relação a metodologia, há uma diferença entre jogo e lúdico? O jogo só visa competitividade e a lúdico é brincadeira a diferença e gritantes são dois extremos.

Por opção do entrevistado ele achou melhor responder outras questões na forma de questionário via e-mail.

RESPOSTAS ÀS PERGUNTAS – elaboradas por RAFAEL:

1) Desde quanto tempo você pratica o judô?
Desde os 11 (onze) anos de idade. Iniciei em 1984. Hoje estou com 32 (trinta e dois) e sou faixa PRETA desde os 18 (dezoito) anos.

2) Como você acredita ser visto no meio do judô? (atleta, bom judoca).
Sempre fui um bom atleta e um ótimo judoca, em todos os aspectos (humildade, disciplina, carisma, dedicação, etc.). Hoje sou respeitado pelo que sempre desempenhei e pelo que sou, pois ainda participo de competições como atleta e como dirigente. Durante quase oito anos fui Diretor Jurídico da FEGOJU. Atualmente ocupo o cargo de Coordenador de Arbitragem da Entidade.

3) Qual a sua formação profissional?
Sou formado e especializado em Direito, formado e especializado em Educação Física. Sou Árbitro FIJ C e Faixa Preta 5º Dan.

4) Durante sua prática no judô, o que os senseis priorizavam em suas aulas?
Os Senseis mais antigos sempre priorizavam a parte técnica do Judô, como instrumento de diferenciação de um bom e um ruim atleta. A parte física e condicionamento faziam parte integrante desta preparação, mas sempre suplantadas pela parte técnica.

5) Sendo o judô uma prática filosófica, qual a contribuição que você acredita que a filosofia traz para a formação humana?
Se todas as pessoas tivessem acesso à Filosofia, seja ela em qual ramo for, tanto pelo Judô como pela Filosofia propriamente dita, seriam seres com melhor raciocínio lógico e com melhor visão de mundo. Teriam humildade e compaixão pelo seu próximo. Seria de grande importância para a formação do ser humano.

6) Você acredita que, mesmo o judô sendo uma prática da cultura oriental, os rituais deve ser mantido? Porquê?

Os “rituais” do Judô são e fazem parte de sua estrutura, educação, filosofia, concepção e construção, não tendo, de forma alguma, como serem retirados de sua origem. São sim necessários, pois nos mostram como é importante o respeito e a humildade, para com qualquer que sejam as pessoas. Isto é a CULTURA que o nosso povo não tem e não entende.

7) Desde a entrada do judô nos Jogos Olímpicos em 1964, o judô está cada vez mais competitivo, e a filosofia sendo esquecida nas aulas do judô. Qual a sua opinião sobre esta, realidade? Você acha que o judô perdeu com esse processo de esportivização?
A Filosofia do Judô nunca foi esquecida e não está sendo perdida nas aulas praticadas. O que está acontecendo é que os ditos Senseis não absorveram o era necessário para o ensinamento da prática do Judô aos seus alunos e só querem priorizar a parte física. O condicionamento físico está superando a parte Filosófica em alguns momentos. Mas a humildade e o respeito

ainda são peças-chaves no ensinamento do Judô. Os atuais Senseis não ensinam mais da Filosofia porque a sabem. E isto é que está dando um aspecto de perda dos princípios do Judô.

8) Você faz uso de alguma metodologia para o ensino do judô? Qual?

Existem várias metodologias. Para crianças utilizamos o lúdico, como forma mais prazerosa de ensino-aprendizagem. Mesmo assim priorizamos o uso das técnicas, para melhor desenvolvimento da atenção, respeito e humildade. Para os adolescentes e adultos, há o uso constante da melhora no condicionamento físico, bem como o aprimoramento das técnicas. E existe a metodologia que aplica ao Judô, bem como aquecimento, parte técnica e tática (uti-komi e handori) e relaxamento.

9) Você utiliza alguma brincadeira durante suas aulas para o ensino do judô? Isso contribui para o aprendizado do judô? Por quê?

As “brincadeiras” devem ser utilizadas como forma de aprimoramento de algumas nuances, mas não como aprimoramento de técnicas. Para desenvolvimento físico o lúdico funciona em alguns aspectos. Mas no que diz respeito a parte técnica propriamente dita, não traz tantos benefícios. A técnica só é treinada com muita repetição e aprimoramento-correção da mesma.

10) Qual a relação que você faz entre a competição e a filosofia em suas aulas?

Competição e Filosofia são dois extremos dentro do judô. É muito difícil relacioná-los, pois a filosofia do judô consiste em humildade e respeito, e hoje o aspecto competitivo não está mais desta forma. Ensino que deve haver respeito com seus colegas de treino, por que se um deles se machucar não teremos pessoas para treinarmos. Do mesmo modo é na competição. Deve-se tomar cuidado para não machucar-se e não machucar o oponente.

11) O que você prioriza em suas aulas (filosofia, técnica, condicionamento físico)?

Existe uma mescla de todos os valores, porque o Judô é uma gama muito grande de valores. A Filosofia não pode ser deixada de lado, porque temos o aspecto do respeito mútuo. O condicionamento não pode ser deixado de lado, pois quem está treinando quer uma melhora na sua condição física. E a parte técnica esta está embutida nas demais. O judô sem o ensinamento da técnica não é judô.

12) O seu objetivo no judô consiste em contribuir para formação humana ou para o auto rendimento nas competições?

Depende do que o aluno pretende. No judô podemos ter esta diferença. Dá para ensinar nas aulas os dois aspectos, tanto o técnico-competitivo quanto o filosófico. Se um aluno quer competir, podemos ajudá-lo dando ênfase neste aspecto, mas não temos como separá-lo do que é a filosofia do judô. A formação humana vem sempre em primeiro lugar, depois colocamos os outros aspectos.

13) Qual a sua opinião, em relação às duas máximas ou princípios que Jigoro Kano idealizava? JI TA KYO EI (Amizade e prosperidade mútuas) e SEI RYOKU ZEN YO (O melhor uso de energia).

É por isto que o judô se faz diferente dos demais esportes. A amizade deve prevalecer acima de tudo, pois não vemos o oponente como um mero adversário. O temos como um companheiro de luta e de treinamento. Agora, o uso da energia só vem ao caso se o aluno souber como utilizar-se da técnica. Senão, acontecerá o que está havendo hoje, um grande uso da “força bruta”, deixando-se de lado a técnica, o conhecimento e o aprendizado do judô.

Entrevista com o Professor (Sensei B).

01) Desde quanto tempo você pratica o judô?

R = Desde os oito anos de idade até hoje estou com 31 anos eu pratico o judô há 23 anos.

02) Como você acredita ser visto no meio do judô? (atleta, bom judoca, etc).

R = Minha visão como atleta eu sou de nível médio e ainda sou, mas como professor que eu sou me considero esforçado estou sempre buscando aprender cada vez mais para transmitir para os meus alunos.

03) Qual a sua formação profissional?

R = Eu sou formado em educação física e pós-graduação em fisiologia do exercício e faixa preta em judô primeiro dan.

04) É licenciado pelo Cref e Confef?

R = Sou licenciado pelo Cref apesar de que o Cref foi fechado.

05) Durante sua prática no judô, o que os senseis priorizavam em suas aulas?

R = Eu tive vários tipos de professores, foram primeiro professor Wasghiton, sensei Amilton, sensei Shiozawa depois Julio César e o Amilton de novo. Eu comecei a dar aulas e agora estou tendo aulas Joseph, mas cada um priorizou um estilo, o professor X a prioridade dele era competir e castigar a ponto de por de joelho no carço de milho então era assim, era aprendizado pelo castigo pela opressão chegava a humilhar os alunos mesmo tanto que ele era desequilibrado que ele se suicidou. Então para você ter idéia o desequilíbrio dele. Agora o Amilton já era um professor mais voltado para a pessoa humana formação do cidadão, educar o usar o esporte como meio educacional, usar de várias outras fontes para estar ensinando o judô, fazia brincadeira, jogos usava até o futebol para dar aula de judô, então o Amilton era excelente. Depois que eu fui para o Jôquei Clube eu tava pensando em competir, o Sensei Y que e o "cara do judô" eu passei 3 anos treinando, ele nunca em corrigiu nenhuma vez. Nem me dirigia nenhuma palavra tinha aquele tanto de gente lá cada um procurava seu treino, mais, eu mesmo ninguém nunca me corrigiu eu ia lá treinava apanhava depois eu ia embora.

06) Sendo o judô uma prática filosófica, qual a contribuição que você acredita que a filosofia traz para a formação humana?

R = Bom, na filosofia do judô para ser sincero assim ela é muito bonita na teoria, mas e pouco transmitida na prática, mais eu mesmo fui ter conhecimento da filosofia do judô quando eu fui fazer curso de faixa preta porque para estudar para faixa preta que eu fui conhecer os princípios do judô, que eu fui conhecer essa questão de JI TA KYO EI (Amizade e prosperidade mútuas) e SEI RYOKU ZEN YO (O melhor uso de energia) eu fui conhecer mesmo no exame de faixa preta. Mas eu acho quando a filosofia e adaptada a aula é importante na formação mais não e instrumento único não cabe também você hoje em dia fazer o uso da filosofia do esporte do judô em se todos os ensinamentos do Jigoro Kano para você também trazer para uma prática

acadêmica mesma do curso de educação física associando as aulas para promover o desenvolvimento tanto psíquico quanto motor do aluno estimular auto estima estimular o aluno aprender o esporte como meio educativo não só o meio competitivo.

07) Você acredita que, mesmo o judô sendo uma prática da cultura oriental, os rituais deve ser mantido? Porquê?

R = Eu acho que ela deve ser citada, mas o judô pode ser ensinado dentro de uma cultura brasileira dentro da cultura goiana mesmo. Acho que ela deve ser citada só como um fato de lembrar que surgiu no Japão que existe uma disciplina que a linguagem do judô é toda japonesa, que certa forma deve ensinar para os alunos para que ele tenha o conhecimento quando for participar de algum evento até mesmo de sua aula, mas que a gente não pode ficar preso na cultura oriental acho que nossa cultura é muito rica e dá para contribuir com ela para ensinar o judô.

08) Em qual aspecto que mudaria dentro da cultura ocidental dentro do judô a filosofia sendo a tradição oriental?

R = Por exemplo, no judô todos os golpes têm o nome em japonês, para os meus alunos eu coloquei tudo em nome português. Aí eu cito para eles se eles quiserem aprender o nome em japonês, se quiserem eu ensino dou fonte para eles pesquisarem, mas se eles não quiserem para mim não é importante eles saber o nome em japonês não. Eu ensino as duas linhas se eles preferirem saber outro nome que dizer que ele não é um bom aluno ou que ele não aprendeu o judô só porque ele não sabe o nome em japonês de repente ele é um excelente aluno e não sabe nenhum nome em japonês, já tem aquele aluno que decora tudo e é um péssimo aluno em comportamento desenvolvimento da aula, participação e interação. Então eu preocupo muito com isso, se o aluno é tímido e já consegue vir para aula desenvolver se libertar interagir e conversar, esse aprendizado para mim é mais importante do que o nome em japonês, em si.

09) Desde a entrada do judô nos Jogos Olímpicos em 1964, o judô está cada vez mais competitivo, e a filosofia sendo esquecida nas aulas do judô. Qual a sua opinião sobre esta, realidade? Você acha que o judô perdeu com esse processo de esportivização?

R = Eu acredito nas duas vertentes do judô eu gosto da parte educacional, lúdica formação corporal da formação do cidadão, mas eu também gosto da parte de competição. Então eu acho assim se você pode trabalhar para o desenvolvimento do cidadão do ser humano como todo, mas aquelas crianças que tem condição, crianças não, adolescente diante eu acho para competir para valer e a partir dos 16 anos, porque antes disso só no aspecto lúdico mas eu acho que tem potencial para competir você também não pode tirar ele só por uma questão de formação que existe alguns teóricos que é importante formar o grupo é lógico que vive tem que tentar resgatar todos do grupo nunca excluir mas se você tem alguém que tem o potencial que pode mais para quer seguros ele em função de outros que não consegue de certa forma você está limitando, então eu sou a favor de ensinar o grupo se manter quem gosta de fazer o judô pelo judô em si e gosto de apoiar quem gosta de competir eu acho que o professor de judô deve estar preparado para esses dois lados. Porque é uma realidade do judô eu acho que o judô quando a competição ela é já colocado quando criança e o professor busca o resultado acima de tudo o judô perde, mas quando ele forma desde criança ensinando a criança que a vitória é importante mas que a derrota também faz parte porque a gente tem que contentar em procurar não superar o adversário, mas superar os próprios limites e a partir do momento que o aluno entende que se ele está buscando superar os próprios limites e consegue ter uma

convivência boa dentro da competição com a vitória e com a derrota ele vai achar bom. Eu acho que a competição é importante até pela questão de esta formando o cidadão também, porque a vida infelizmente é uma competição.

10) Em relação a metodologia qual seria a empregada, a mais adequada no ensino do judô? Metodologia, eu não tenho uma linha que eu sigo a aula é planejada de acordo com o nível da turma, se às vezes o é uma criança então é uma aula mais lúdica, uma brincadeira uma diversão e buscar o aquecimento através de brincadeira ensinar o judô através de jogos pré-desportivo.

11) Você utiliza alguma brincadeira durante suas aulas para o ensino do judô? Isso contribui para o aprendizado do judô? Por quê?

A brincadeira tem muito quando criança e na medida que vai crescendo se tornando adolescente adulto vai reduzindo, mas eu acho que a brincadeira a diversão tem que existir sempre, eu acho quando criança ela é um recurso pedagógico para ensinar não só o judô mais qualquer esporte até na aula de educação física.

12) Qual a relação que você faz entre a competição e a filosofia em suas aulas?

Eu vou falar um princípio do Jigoro Kano que acredito nele: " Que a gente nunca pode se orgulhar de derrotar um adversário. Aquele que você derrotou hoje poderá te derrotar amanhã e a única vitória que pendura é conquistada sobre a própria ignorância. "Palavras de Jigoro Kano.

13) O que você prioriza em suas aulas (filosofia, técnica, condicionamento físico)?

Ah varia muito se for criança eu nem estou preocupado com filosofia ou técnica eu estou preocupado em promover o crescimento das crianças e isso eu planejo uma aula e de repente eu, chegou lá à criança mesma já consegue levar por um outro lado a aula eu acho que eu tenho que ter uma capacidade de perceber o momento que a aula tá e as vezes adaptar a aula com a criança o que eu quero mesmo é promover o desenvolvimento motor, porque se desenvolver o conhecimento motor o psíquico está diretamente relacionado e criança é movimento então se eu parar uma aula de criança para estar falando de filosofia."É um saco né". À medida que vai crescendo (adolescente) você vai introduzindo a filosofia como um fato que é importante ser lembrado porque a filosofia a disciplina não é só do judô ela é importante para a vida toda por questão de respeitar o próximo, de respeitar as pessoas mais velhas, de respeitar o companheiro, de preocupar com a integridade física eu acho que isso no judô a prioridade é essa filosofia mas eu acho que ela tinha que ter prioridade na vida em todos os cantos da vida. Então se a gente for aplicar a filosofia do judô e acho que é uma filosofia de vida mesmo que foi adaptado no judô então as pessoas são corretas estão preocupado em formar um cidadão em promover o crescimento contínuo da criança até o ser adulto então não é a filosofia do judô é educação para a vida mesmo e aí simplesmente o Jigoro Kano fez isso ele pegou a educação que deveria ser aplicada para uma formação integral do cidadão através do esporte chamado judô e colocou o nome dela de caminho suave mais é simplesmente a educação respeitando o ser humano como um todo.

11) Então o objetivo além de contribuir para a formação humana, o judô também é um rendimento agora a diferença entre rendimento e alto-rendimento existe no meio judoístico?

Eu acho que você tem que saber separar se você quer avaliar o rendimento e separar do alto rendimento você pode ter um aluno que não ganha nenhuma luta vai no campeonato e perde todas mais ele vai no campeonato e perde todas em 10 s, no segundo campeonato ele perde todas em 1 minuto, e no terceiro campeonato, perde com 4 minutos de luta então mesmo na derrota houve rendimento. Então o professor tem que saber avaliar isso e transmitir para o aluno que mesmo perdendo ele teve um crescimento e que isso foi importante para o desenvolvimento dele agora o alto rendimento não tem conversas e sempre buscar o primeiro

lugar o segundo lugar não é lembrado e sim perdeu o primeiro então tem que saber separar essas duas coisas.

12) Qual a sua opinião, em relação às duas máximas ou princípios que Jigoro Kano idealizava? JI TA KYO EI (Amizade e prosperidade mútuas) e SEI RYOKU ZEN YO (O melhor uso de energia).

Bom eu acho a amizade e prosperidade mútuas, a amizade através do esporte não existe coisa melhor, a primeira coisa quando você traz um grupo cada um com suas diferenças, cada um com sua realidade e traumas, cada um foi educado de um jeito outros nem educados foram você trás eles pra cá colocam eles junto e dá o nome para esse grupo de turma, você já iguala os desiguais e ali você tem que criar um vínculo, criar uma amizade para que todos cresçam juntos e tentar resgatar todos sempre o que nem sempre é possível porque além de estar trabalhando alunos, pessoas adultos você tem um fator externo tão sempre o tempo todo tirando o aluno de você a internet, família é a namorada é uma nota ruim que tirou na escola que como castigo o pai tira o mesmo do esporte então você tem que ficar o tempo todo mantendo esse aluno para que ele crie o espírito de amizade aqui no judô para que ele entenda que o judô que além de ser um esporte uma prática e estar competindo ou não e também aonde ele aprende a ter relações pessoais, vai superar os seus medos interagir a falar em público a lutar as pessoas assistir dependendo do resultado aprender a perder a timidez, dentro do judô a pessoa cresce mesmo a tendência e buscar o equilíbrio mesmo que essa convivência e a questão do judô de você lutar todo dia no judô você educa pelas quedas mesmo só o fato que a cada dez segundos você leva uma queda e você tem que levantar até aquele aluno que é agressivo, nervoso, esse caso cai levanta várias vezes é o exercício da paciência isso ou traz um crescimento e prosperidade não só para ele mais sem para todo grupo aonde passa a conviver a gostar um do outro, passa a cuidar um do outro, sente falta quando falta, então vira uma família, então não existe nenhum professor de judô que não seja apaixonado pela arte, que fale hoje eu irei dar aula mais não gosto do que faço ou você gosta ou então você não ira fazer bem feito.

3ª Entrevista: Sensei C.

01) Desde quanto tempo você pratica o judô?
Desde os quatro anos de idade.

02) Como você acredita ser visto no meio do judô? (atleta, bom judoca).
Bom até o ano passado eu era apenas atleta, competidor, era profissional do esporte, fiquei dez anos dedicando exclusivamente ao judô competitivo fiz parte da seleção desde 92, que eu participo, represento o Brasil fora, mas agora do ano passado em diante que eu me dediquei mais à função de técnico sem abandonar ainda a função de atleta, mas também conciliando as duas coisas, o professor de judô, técnico e competidor ainda.

03) Qual a sua formação profissional?

Minha formação profissional é administrador, sou administrador de empresas. E também tem o CREF, né. Consegui tirar o CREF, então, tenho interesse em dois conselhos regionais profissional: administração e educação física. Que exerço também as duas funções.

04) Durante sua prática no judô, o que os senseis priorizavam em suas aulas?

Bom eu não sei se eu tive sorte, ou foi azar mas desde os 4 anos que eu lembro, que eu era pequeno né. E o meu primeiro sensei lá em Belo Horizonte, sensei Costa, hoje atual ele é nono dan vivo ainda né, e ainda já buscava sempre a competição é tanto que quase toda semana tinha competição interna, sem valer medalha, mas só pra gente poder ta competindo com nossos coleguinhas, então isso ai fico marcado na minha memória, porque eu sempre era mais pesado, tinha uma facilidade né, sempre conseguia ganhar dos meus colegas na época, né. E depois passei por sensei Antonio Carlos, em Goiânia não buscava tanto a competição, mas existia e quando cheguei nas mãos do sensei Shiozawa com doze anos de idade, ai sim, ai foi direcionado especificamente para a competição.

05) Sendo o judô uma prática filosófica, qual a contribuição que você acredita que a filosofia traz para a formação humana?

A questão do judô, a filosofia do judô você buscando o objetivo do seu treinamento pra competição, ou só praticar o esporte, das duas formas tem a filosofia do modo intrínseco, filosofia que eu falo é o seguinte, é você, é no sentido de a relação com seus colegas, relação sua e o seu professor, a hierarquia, todo aquele ritual que o judô tem de cumprir, aquela questão ética, de respeitar o dojo, o sensei a cima de tudo, entendeu, então isso daí porque me ajudou não só dentro do tatame, mas também fora, procuro levar o que eu aprendi no judô também fora, na vida, no dia a dia.

06) Você acredita que, mesmo o judô sendo uma prática da cultura oriental, os rituais deve ser mantido? Porquê?

A questão e o seguinte o judô é um esporte oriental e o povo oriental é conhecido por ter aquela questão da paciência, já o ocidental é imediatista quer resultado a curto prazo, é difícil um brasileiro, alguma outra pessoa do ocidente se dá bem no judô, porque é muito sacrificante, muito desgastante, o aprendizado é penoso, a pessoa sofre pra poder conseguir chegar na faixa preta, são anos de treinamento, anos de dedicação, as vezes a pessoa não suporta isso tudo e abandona no meio do caminho, eu vejo isso no decorrer da minha carreira, observei isso tudo, com o passar dos anos os meus colegas foram parando e eu continuando e hoje eu estou sentido que isso tudo é danoso, muitos entram, poucos continuam, dão seqüência no ensinamento.

07) Desde a entrada do judô nos Jogos Olímpicos em 1964, o judô está cada vez mais competitivo, e a filosofia sendo esquecida nas aulas do judô. Qual a sua opinião sobre esta, realidade? O senhor acha que o judô perdeu com esse processo de esportivização?

Vou citar dois exemplos que eu vivenciei. Eu estive na Europa Varias vezes, nos tatames por onde eu passei nem a imagem de Jigoro Kano, nem o retrato dele tinham. As vezes não tinha nem saudação inicial o judô lá e voltado unicamente como um esporte, aquela parte do ritual, de cumprimentar, de zarei, isso ai já ta em alguns países da Europa, pelos tatames que eu passei já ta esquecido isso daí. É o judô força, judô competição, buscando resultado.

Ainda mais agora, uma questão dessa daí o português busca uma competição e que mudaram a cor do kimono, justamente pra ficar mais atrativo na televisão, porque os dois de kimono brancos, não distinguiam muito. Agora colocou um de azul e um de kimono branco. Um agora eles foram contra, mas eles tiveram que ceder pra conseguir espaço na mídia, por que o esporte hoje em dia precisa de dinheiro, se não tiver público e ate cancelado dos jogos olímpicos. Agora aqui no Brasil ainda, pelas academias por onde eu passo todas elas ainda tem a fotografia de Jigoro Kano e todos, a maioria não todos, faz a saudação à imagem de Jigoro Kano. Então aqui no Brasil ainda tem essa tradição, agora eu conheço tatames que nem tem saudação não.

08) O senhor acha que tem que conservar essa tradição?

Assim, é bom. Porque tudo aqui pra você, conservar a disciplina, tem um ritual, tem um respeito, uma... Um certo tipo de hierarquia, como tipo respeitar o ambiente. Se respeitar, entra no tatame, comprimento a imagem, todo aquele, eu acho valido ainda.

09) Você faz uso de alguma metodologia para o ensino do judô? Qual?

Como professor a gente tem que..., Nós temos vários tipos de pessoas né, lida com todo tipo. De criança ate adulto. Adulto é mais fácil porque já sabe, já chega em você e fala: sensei eu não quero competir, só quero treinar. Então o treinamento pra ele, vai ser uma coisa mais direcionada para treinamento, saber os golpes, saber as técnicas pode passar alguma coisa sobre a competição, mas não vou impor a competição a ele. Com a criança é mais difícil, tem que sentir como que anda a criança na competição, no treinamento, em cima da competição no treinamento pra ver se ela se sente à vontade. Se ela não gostar, se sentir mal, eu nunca vou forçar. Agora se a criança demonstrar que é habita, tem aptidão para competição a ela vou contar com todo meu apoio, eu vou ensinar técnica de competição pra ela. Então depende da pessoa que eu tiver treinando.

10) Você utiliza alguma brincadeira durante suas aulas para o ensino do judô? Isso contribui para o aprendizado do judô? Por quê?

Assim como técnico eu tenho pouco tempo de aula, eu tenho dois anos. O que eu aplico é mais o que eu aprendi com os meus professores, tinha poucas brincadeiras relacionadas ao judô. As brincadeiras que eu faço com as crianças que tem que ter a fase recreativa nasce no convívio das crianças não é direcionado pro judô é mais como pra aquecer, pra deixar eles mais atentos, alguma coisa de reflexo, alguma coisa de coordenação motora. Mas não especifico para o judô, quando entra na questão para o judô, ai e só o judô mesmo. Técnicas para o judô.

11) Qual a relação que você faz entre a competição e a filosofia em suas aulas?

É aquilo que eu..., Procuro separar. Quem vai se dedicar à competição, igual eu tenho uma turma na Faculdade Anhanguera e também tem uns aqui, se eles quiserem só competir vamos só competir, mas vamos supor para eles obterem graduação ele tem que saber toda parte teórica sobre o judô eu não promovo ninguém sem fazer exame, eu faço prova pratica e prova teórica que e prova oral pondo a prova os conhecimentos que eu tem com a apostila que eu formulei sobre essa questão filosófica então pode ser competidor, mas também vai saber a parte filosófica do judô.

12) O que você prioriza em suas aulas (filosofia, técnica, condicionamento físico)?

É claro, isso aí a parte filosófica, a parte de exame isso daí é cobrado de todos, agora a parte de competição e quem tiver disposto.

13) O seu objetivo no judô consiste em contribuir para formação humana ou para o alto rendimento nas competições?

Eu procuro separar bem, existem duas vertentes ou a pessoa é técnica ou é professor de judô, o esporte é o mesmo. Eu além de ser técnico eu também sou professor. Pus os alunos ali em cima, sou professor de judô, vou ensinar as técnicas, e também a filosofia, tudo em embasamentos teóricos, fundamentos, tudo relacionado ao judô, agora aqueles que já vem da seleção Goiana, por exemplo, que eu sou o técnico, aí eu não preocupar em ensinar filosofia pra eles, vou ensinar as técnicas de competição voltadas somente para a competição.

14) Qual a sua opinião, em relação às duas máximas ou princípios que Jigoro Kano idealizava? JI TA KYO EI (Amizade e prosperidade mútuas) e SEI RYOKU ZEN YO (O melhor uso de energia).

Além dessas, na minha apostila tem essas duas máximas, eu ainda escrevo os dez mandamentos, os mandamentos do judô também. Tem uma oportunidade de conhecer tudo isso daí. Agora pra eles aplicarem no dia a dia deles, porque a questão do mínimo esforço, máxima rendimento, isso aí a gente aplica no treinamento, pode ter uma distorcida no seu dia a dia, o mínimo esforço com máxima eficiência porque se não vai achar que é meio indigesto querendo tirar vantagem em tudo, então quando eu vou explicar isso para as crianças principalmente né, eu procuro salientar bem o que quer dizer isso, que, que é usar força do adversário contra ele mesmo o que quer dizer esse mínimo de esforço com máxima eficiência é você fazer o mínimo de esforço pra aplicar os golpes, não o mínimo de esforço pra ficar a toa o dia inteiro.

15) O Gokio que compõe-se de cinco grupos de oito movimentos, ou seja quarenta ao todo proposto pelos estudo de Jigoro Kano, classificados segundo o grau de dificuldade. Na opinião do senhor esses grupos de técnicas atualmente estão sendo utilizada nos campeonatos e ensinado nas academias de forma correta?

Os Japoneses que tiverem experiência com essa questão, eles inicialmente dominaram o judô, porque foram os criadores, tinham o domínio da técnica. Chegou, aí o esporte foi difundido para a Europa, o mundo inteiro a fora e os europeus própria constituição física deles tinha maior força física. Eles conseguiram suplantar os Japoneses supera-los na força e os japoneses caíram na besteira né, dizendo dessa forma né, de querer igualar vence-los na força. O que aconteceu? O judô japonês teve o pior resultado dos últimos tempos nessa época de treinamento de ele estar priorizando a força querendo medir força com os europeus também com os outros países. Yamasha assumiu o controle da seleção Japonesa e resgatou o estudo, a direcionamento voltado para as técnicas, o judô japonês voltou a ser superior no mundo todo, mais uma vez comprovou que a técnica vai superar a força. Então os japoneses e exemplo dessa máxima que as técnicas hoje em dia superam a força. Não adianta ser "malhado", pegar 300 kg de supino e não souber entrar um golpe com os fundamentos, Yamasha mostrou isso pro mundo todo, pode observar isso nos mundiais, nas olimpíadas, o judô japonês voltou a ser dominante.

16) Em relação à linguagem japonesa, o termo usado que são japoneses, você acha que deve conservar esses termos japoneses do judô no Brasil?

Acho, acho que deve manter. Primeiro que não tem tradução para os golpes, se for traduzir ao pé da letra vai ficar sem sentido o nome dos golpes. Outra coisa também no chão, também, se você for ensinar técnica, ensina o nome dela que tá no gokio, o que eu faço no máximo é apresentar uma variação com a combinação desses golpes, mas sempre falo de tal golpe com tal golpe que vai dar nesse movimento.

17) O senhor tem algumas contribuições para o desenvolvimento do aprendizado do judô, o que acontecerá com o judô de amanhã, o judô do presente, qual a contribuição que o senhor tem a fazer ou alguma crítica em relação ao nosso judô?

A minha opinião é uma opinião isolada. Porque eu não consigo é..., Minha opinião é só a minha eu não vou conseguir mudar, e que às vezes eu fico chateado com alguns professores que priorizam só a competição, alguns professores que dão um treino para as crianças achando que está dando treino pra seleção goiana, seleção brasileira e a criança acabam não seguindo adiante porque viveu o sonho deles frustradas porque a cobrança e tanta só pelo resultado que acabo abandonando o esporte, então eu acredito que, eu não sou totalmente contra, mas acho que deveria ter um pouco mais de paciência os professores, pra cobrar resultados dos alunos nas competições, sem impor, sem cobrar, porque isso daí é pra profissional, quem vive ganhando dinheiro com isso daí que eu passei 10 anos da minha vida sendo cobrado por resultado, às vezes não conseguia nem lutar porque eu sabia de judô, porque eu buscava resultado tinha que ser campeão, eu tinha que jogar de ippon, porque eu tinha técnica de jogar ippon, às vezes não precisava de jogar ippon, jogava de koka. Então ocorreu isso de tomar um contragolpe, porque tentou jogar de ippon nem fazia técnica, fazia só força buscando resultado.

18) O judô pra amanhã, a perspectiva do judô pra amanhã. Será que o judô ele vai ser reificado, vai ser além do valor competitivo, ele vai ser reificado na sua essência?

Modificado vai ser difícil porque eu acredito que vai ter sempre professoras, alunos, professores que pensam do modo que eu to tentando te expressar, conservar as técnicas do judô, o judô como é a essência dele, não só com o judô competitivo, mas a filosofia, o ensino as técnicas, os fundamentos, tem professor que ensina contragolpe sem nem antes ensinar o golpe, entendeu? Isso aí a gente tem que corrigir, isso eu torço pra que isso não aconteça e ainda tem professores preocupados com a essência do judô, não só com a competição.

4ª Entrevista: Sensei D

01) Desde quanto tempo o senhor pratica o judô?

Aproximadamente 37 anos

02) Como o senhor acredita ser visto no meio do judô?

Bom, no judô eu fui um bom judoca na parte da filosofia e procuro ser um bom professor.

03) Qual a sua formação profissional?

Superior, formado em educação física.

04) Durante sua prática no judô, o que os senseis priorizavam em suas aulas?

É, praticamente os senseis que eu tive foram dois é somente à parte treino, treino, treino, treinar, treinar, e treinar muito.

05) Sendo o judô uma prática filosófica, qual a contribuição que você acredita que a filosofia traz para a formação humana?

É um bom convívio com os companheiros.

06) Você acredita que, mesmo o judô sendo uma prática da cultura oriental, os rituais deve ser mantido? Porquê?

Sim, porque sem a prática desses rituais o judô não tem sentido, o judô é bonito justamente por essa cultura que traz no judô.

07) Desde a entrada do judô nos Jogos Olímpicos em 1964, o judô está cada vez mais competitivo, e a filosofia sendo esquecida nas aulas do judô. Qual a sua opinião sobre esta realidade? Você acha que o judô perdeu com esse processo de esportivização?

Eu acho que a partir da entrada do judô nos jogos olímpicos em 64 de lá pra cá o judô tem destacado bastante. E com esse destaque no judô eu acho que melhorou foi muito. Porque houve uma esportivização bem maior, então eu acho que melhorou muito, que houve um judô muitos adeptos ao judô quanto mais melhor.

08) Em relação à técnica também do judô?

A técnica também melhorou também, mas só que ficou um pouco pra traz a parte filosófica, né.

09) O senhor faz uso de alguma metodologia para o ensino do judô? Qual?

Sim, a metodologia, isso aí de acordo com a faixa etária, nas crianças a gente procura fazer um judô mais leve, mais de companheirismo, mais pra incentivar o conhecimento do que é o judô.

09) O senhor utiliza alguma brincadeira durante suas aulas para o ensino do judô? Isso contribui para o aprendizado do judô? Por quê?

Sim, através da brincadeira a gente vai encaixando as técnicas que a gente precisa, à parte de flexibilidade, então isso contribui muito para as crianças não saírem do judô, porque eles entram pra saber o que é o judô se a gente começar só com técnica e técnica aí eles vão embora, então a gente tem que começar com brincadeiras dentro do judô.

É os fundamentos é principal.

Essas brincadeiras que eu faço é de acordo na aula que eu vou fazer.

10) Qual a relação, que o senhor faz entre competição e a filosofia em suas aulas?

Bom, a competição pra mim a relação entre competição e filosofia é isto efetivamente ligado e a boa competição está intimamente ligada a filosofia. Porque o aluno tem trabalhado mentalmente quanto fisicamente ele vai render tanto nas aulas e em competições.

11) O que o senhor prioriza em suas aulas, filosofia, técnica, condicionamento físico ou outros fundamentos também?

Não, isso aí é tudo, né. É no início eu priorizo mais a parte de filosofia aia com o tempo eu vou condicionando o aluno e partindo para o lado da técnica, competitiva e ai e um todo, no final a gente trabalha um todo.

12) O seu objetivo no judô consiste em contribuir na formação humana ou para o alto rendimento nas competições?

É, minhas aulas são geralmente para a formação humana e as competições eu considero assim conseqüências.

13) Qual a sua opinião, em relação às duas máximas ou princípios que Jigoro Kano idealizava? JI TA KYO EI (Amizade e prosperidade mútuas) e SEI RYOKU ZEN YO (O melhor uso de energia).

Bom, isso ai e a base do judô, isso ai o inicio e para sempre do judô.

14) Em relação às considerações finais o senhor tem algumas considerações a fazer contribuindo para o desenvolvimento do judô no estado de Goiás a nível também brasileiro e mundial, o que o judô poderia melhorar, o que esta faltando pra melhorar e em relação a outras considerações finais?

É, a aproximadamente há um ano e quatro meses eu estou voltando às atividades do ensino do aprendizado do judô, esclarecendo que a minha volta ao judô e pra melhoria do mesmo e não há rancor por nenhum sensei ou coisa parecida e volto bem melhor que no passado para melhoria do judô no estado de Goiás.

15) Obrigado Sensei é de grande contribuição para o desenvolvimento e (re) significação da essência aqui no estado de Goiás que se perdeu muito porque em relação à formação do professor então você é um dos professores que buscam a essência do judô dentro da nossa cultura e enfatizando a preservar a filosofia mesmo.

Eu tenho que agradecer foi muito bom para melhoria do judô.

16) Surgiu uma pergunta que vai colaborar para o ensino-aprendizado do judô: Professor Eidi porque o judô do estado de Goiás esta com baixo nível técnico?

É isto é justamente porque deixou de existir os professores pra fazer a base, o estado de Goiás não tem professores especializados na iniciação do judô e sem a iniciação do judô que é a base não vai haver nada. Vai aparecer alguns atletas e tal, mas só que não tem professores pra dar inicio ao judoca, então com isso acaba se não houver a formação de base é fatalmente não vai haver alunos tecnicamente bons.

5ª Entrevista Sensei F.

01) Desde quando você pratica o judô?

Desde 1990 hoje esta totalizando 15 anos.

02) Como você acredita ser visto no meio do judô?

Atleta sempre respeitado onde passei.

03) Qual a sua formação profissional?

Sou estudante de Educação Física curso 3º ano na Universidade Federal de Goiás e hoje em dia ministro aula de judô no colégio Delta.

04) Durante a sua prática no judô o que os senseis priorizaram em suas aulas?

De hoje eu me lembro bem, sendo umas falas, que eu já treinei com três senseis diferentes, mais o que mais me marcou mesmo foi o treinamento com o sensei Romeu que sempre priorizou a formação de homens e não de atletas, mas homens. Embasados na filosofia, nas teorias do judô, formação do homem mesmo.

05) Sendo o judô uma prática filosófica, qual a contribuição que você acha que a filosofia traz para a formação humana?

É a partir da metodologia do judô a utilização da força do adversário contra ele mesmo, se você aplicar isso no seu dia a dia você vai perceber quanto é mais fácil dialogar ao invés de brigar a gente tem capacidade de conversar, de raciocínio mais rápido capacidade de concentração que e pra trazer isso pra dia a dia também.

06) Você acredita que mesmo no judô sendo uma prática da cultura oriental os rituais devem ser mantidos. Por quê?

Acredito que sim pelo que a própria pergunta induz é porque por ser um ritual oriental tem que manter esse negócio da rapidez, da utilização da técnica, e devido a ocidentalização do esporte também a gente perde um pouco desse caráter de oriental mas mesmo assim deve ser mantido sim ate que haja um melhor desempenho o randori ou seja na luta mesmo na competição.

07) Desde a entrada do judô nos Jogos Olímpicos em 1964, o judô está cada vez mais competitivo, e a filosofia sendo esquecida nas aulas do judô. Qual a sua opinião sobre esta, realidade? Você acha que o judô perdeu com esse processo de esportivização?

Com certeza perdeu bastante porque hoje em dia você pode em poucos os campeonatos do judô você vai ver a utilização da técnica em si mesmo e sim a utilização de muita força desde como eu falei na pergunta anterior a utilização maior, ou seja, a ocidentalização do judô trouxe o que, mais um pouco de força aonde as atletas tinham um porte fixo maior na Europa por exemplo, Cuba as atletas são mais fortes e utilizam mais de força mesmo para vencer as lutas e não da técnica em si.

08) Você faz uso de alguma metodologia para o ensino do judô? Qual?

Sempre a metodologia do respeito ao adversário da amizade, da prosperidade do atleta sempre da questão da formação do homem e não do atleta e que possam trazer pro dia a dia o que eu sempre explico em minhas aulas.

09) Você utiliza alguma brincadeira durante suas aulas para o ensino do judô? Isso contribui para o aprendizado do judô? Por quê?

Eu sempre utilizo aquela brincadeira que a gente sempre faz quando pequeno que é o tubarão movimentação mesmo de joelhos habilidade de rolar pra frente quanto pra trás, de agarrar, de jogar no chão possibilidade por exemplo de movimentação mais rápido mesmo já que não pode

se levantar enquanto os outros estarão todos correndo a brincadeira tem que ser feia de joelhos, né.

10) Qual a relação que você faz entre a competição e a filosofia em suas aulas?

Nas minhas aulas eu raramente induzo alunos a questão de competição eu sempre demonstro as práticas em si, mas, por exemplo, em competição sou muito fácil eu acho muito mais fácil o diálogo eu falando com eles estas questões técnicas sempre utilizando o nome de golpes coisa assim pra ficar bem mais fácil deles executarem na competição e sem nunca buscar derrota de adversário e, por exemplo, supremacia sobre o adversário só porque venceu, pois como é uma arte marcial se você hoje for melhor, amanhã com certeza o seu adversário poderá derrotado por você, ele vai tá lá treinando pra te derrotar.

11) Em relação às tradições, os cumprimentos a reverência ao Jigoro Kano na entrada do tatame você acha que ainda tem que conservar isso, esse ritual?

Com certeza deve ser respeitado e sempre que puder ter embasamento teórico desse conhecimento sobre Jigoro Kano na forma que ele treinava, a forma que a 1ª academia Judô kodokan foi elevado onde tem muito respeito hoje a gente tem que sempre manter essas teorias de cumprimentar antes de entrar depois de entrar o Jigoro Kano cumprimentar o mais graduado do tatame, sempre pra que mantenha esse fio hierárquico dentro do judô ainda.

12) O que você prioriza em suas aulas (filosofia, técnica, condicionamento físico)?

Eu sempre alio muito bem a técnica, a filosofia e os alongamentos eu sempre tenho essa meta comigo para que não haja lesões a questão do alongamento a filosofia para que a gente já falou questão que não deixe desaparecer para outro lado que ele não se assemelhe tanto ao jiu-jitsu que não tem tantas regras e a técnica para que o atleta tenha um bom rendimento nas competições futuras que ele venha participar.

12) O seu objetivo no judô consiste em contribuir para formação humana ou para o alto rendimento nas competições?

Com certeza eu viso somente a valorização humana, o crescimento do ser humano, o resultado será conseqüente ao treinamento dele, ao seu empenho neste processo de treinamento.

13) Qual a sua opinião, em relação às duas máximas ou princípios que Jigoro Kano idealizava? JI TA KYO EI (Amizade e prosperidade mútuas) e SEI RYOKU ZEN YO (O melhor uso de energia).

Essa questão de amizade, por exemplo, por ser um esporte oriental a questão do respeito ao adversário e pelo adversário tem que ser muito bem frisada, pelo fato de ser um companheiro seu de treino, como eu sempre falo pro meus atletas, sozinho você nunca vai conseguir treinar, nunca vai ter um desempenho esperado nas futuras competições, então respeito ao atleta, respeito pelo professor, respeito aos companheiros de treinamento ele tem que ser muito bem frisado a todos os professores que trabalham com o judô hoje em dia que é um esporte dependendo de mim vai permanecer sempre respeitado e sempre bem visto pela sociedade.

14) O judô na escola, como você da aula no colégio Delta, o judô e como iniciação esportiva ou faz parte do currículo do colégio?

No colégio Delta o judô faz parte do currículo, pois ele se enquadra na área de educação física os atletas que não querem participar das outras atividades, pois Delta possui Futebol, Handebol, Basquete, Vôlei e outras, eles não são obrigados a participar se treinarem judô ou então se treinarem fora como eles treinam judô eu tenho sempre que fazer mensalmente um planejamento todas as aulas com chamada e todo bimestre entrega de notas para que seja aplicada a eles.

15) Você acha que colocar nesse plano de aula jogos como estratégia de ensino para iniciação esportiva do judô né, que busca algum fundamento aproxima o jogo de algum fundamento de judô que é algum amortecimento de queda, igual ao tubarão outras brincadeiras será que isso traz resultado na metodologia?

Eu sempre quis, sempre todos os meus alunos são elogiados porque eu enfoco com eles mesmo que o atleta a judoca ele não tem que ser judoca somente dentro do tatame tem que deixar isso transparecer fora, mais anda mostrando técnica, respeito que ele tem pelo outro, respeito que os outros tem por ele indiretamente sem ter que impor sua força seu conhecimento extra tem que manter o respeito e demonstrar respeito para que se quer ter se dê o respeito também.

16) Então o jogo pode contribuir tudo pra isso. Brincadeiras?

Com certeza o jogo contribui muito pra isso.

17) Considerações finais tem algumas considerações finais pro judô de amanhã o judô de hoje, que e contribuição sua?

Eu quero sempre que ta frisando essa questão mesmo que a gente disse não querer demonstrar o atleta a partir do momento que ele entra na sua academia pra treinar com você não querer mostrar pra ele somente o alto rendimento, somente o melhor, melhor judoca, melhor e bom sempre demonstrar pra ele que, por exemplo, além da técnica pela técnica existe o respeito à consciência, o conhecimento que tem que ser adquirido durante o tempo não adianta você querer aprender do dia pra noite porque não é fácil mesmo, por ser uma técnica oriental por exigir muito raciocínio, muita disciplina demonstrar isso e deixar transparecer para o atleta você sendo sensei, deixar transparecer pra ele a consciência, paciência e a capacidade de ensinar quantas vezes for preciso para aprender.

6ª Entrevista: Entrevista ao sensei F.

1) Desde quanto tempo o senhor pratica o judô?

Eu comecei a pratica do judô desde os seis anos de idade em uma academia em São Paulo que se localizava dentro de uma colônia japonesa.

2) Como você acredita ser visto no meio do judô? (atleta, bom judoca).

Olha graças a Deus pelo que eu fiz dentro do judô, nas competições, hoje eu sou respeitado não só aqui no Brasil, mas sim em vários países do mundo.

3) Qual a sua formação profissional?

Eu me formei em Educação Física e hoje me dedico graças a Deus só ao judô no sentido da formação das pessoas.

4) Durante sua prática no judô, o que os senseis priorizavam em suas aulas?

Eu inicie lá em São Paulo como eu já disse com 6 anos de idade com um professor era que visava mais a formação dos meninos a parte educativa não só a física mas também a parte espiritual, então, graças a Deus eu tive bons professores lá em São Paulo inicie com o professor Sobei Tani, tive também o professor -----, professor -----, são professores renomados aqui no Brasil.

5) Eles priorizavam a parte filosófica também do judô?

Eles não citavam a parte filosófica, mas de vez em quando nos orientavam visando mais à parte educativa então com essa formação graças a Deus eu sou muito respeitado porque eu mantenho essa linha de trabalho.

6) Sendo o judô uma prática filosófica, qual a contribuição que você acredita que a filosofia traz para a formação humana?

Olha o judô o professor Jigoro Kano criou o judô mais visando em formação física, espiritual pra que essas pessoas que praticam o judô fizessem bem para a formação numa sociedade e assim ele visou não só dentro de uma pequena sociedade, mas sim ele visou pra melhorar o país que é o Japão e posteriormente o mundo todo.

7) Desde a entrada do judô nos Jogos Olímpicos em 1964, o judô está cada vez mais competitivo, e a filosofia sendo esquecida nas aulas de judô. Qual a sua opinião sobre esta, realidade? Você acha que o judô perdeu com esse processo de esportivização?

Olha quando o judô foi introduzido na olimpíada está sendo esquecida essa parte filosófica, mas ainda principalmente aqui no Brasil existem muitos professores preocupados nessa parte filosófica, nessa parte de formação das pessoas e o Brasil eu acredito depois do Japão o que da maior importância em manter essa parte filosófica, principalmente na formação dos praticantes.

8) Em 1972 ocorreram os jogos olímpicos de Munique no qual o senhor participou. Fazendo um paralelo com os jogos de Munique e recentemente Atenas o que mudou durante esse período em relação as técnicas, filosofia, etc.

Olho eu participo já nas competições oficiais de nível mundial desde 1961 e em 1964 participei da olimpíada no Japão lá em Tóquio e 1968 no México que era o país organizador não escolheu o judô e participei só em 1972 oficialmente nessa olimpíada. Agora, quando se tratando a uma prática internacional cada ano que passa, tecnicamente falando vem modificando de 1964 pra 1972 houve uma grande mudança. Imagine de 1972 pra Atenas que foi uma olimpíada recente (2004), houve uma grande eu não diria avanço, mas uma mudança tecnicamente falando para o judô técnico para judô mais força, mas mesmo assim agora atualmente o judô mundial está mais preocupado na parte técnica.

- 9) O Gokio que compõe-se de cinco grupos de oito movimentos, ou seja quarenta ao todo proposto pelo estudo de Jigoro Kano, classificados segundo o grau de dificuldade. Na opinião do senhor esses grupos de técnicas atualmente estão sendo utilizadas nos campeonatos e ensinadas nas academias de forma correta?

Sem dúvida que até esse gokio, que são as divisões feitas para facilitar o ensino do judô, a parte técnica, hoje maioria das técnicas que consta do gokio está sendo utilizado nessas competições, claro que existem muitas técnicas que não constam no gokio que é atualmente muito usado nessas competições.

- 10) O senhor faz uso de alguma metodologia para o ensino do judô? Qual?

Quando eu treinava, o treinamento era mais um treinamento empírico, mas atualmente eu procuro mais ao treinamento científico assim sendo as condições de levar esses meninos mais para o judô, diria para o judô mais avançado e em condições de disputar até no nível mundial.

- 11) Você utiliza alguma brincadeira durante suas aulas para o ensino do judô? Isso contribui para o aprendizado do judô? Por quê?

Olha essa questão de usar metodologia de usar brincadeira no sentido assim de incentivar os praticantes, eu uso muito esse método para com as crianças para que o treinamento não se torne muito maçante e também muito intenso. Então essas brincadeiras eu acho um fator muito importante que as crianças principalmente de continuidade na prática.

- 12) Se algum jogo aproximar com os fundamentos do judô, esse jogo poderá ser utilizado no processo educativo?

Sem dúvida ele é muito importante não só os jogos ligados ao judô, mas sim qualquer um jogo que visa mais à parte coordenação motora, isso é muito importante dentro da prática não só do judô, mas em qualquer esporte. Então os professores em creio que tem a formação, principalmente no nível 3º grau eles sabem que é um fator muito importante no uso desse tipo de metodologia.

- 13) Qual a relação que o senhor faz entre a competição e a filosofia em suas aulas?

A competição quando visa somente o resultado até se torna prejudicial aos praticantes, mas usando a competição como um meio deles experimentarem as suas condições, suas capacidades e orientando sempre sem ligar muito para o resultado eu acho que a competição é muito importante dentro da prática do judô.

- 14) O que o senhor prioriza em suas aulas (filosofia, técnica, condicionamento físico)?

Olho eu acho que tudo isso deve ser levado muito bem equilibrado dentro da prática porque a prática do judô principal não deve ser ou somente a linha filosófica, ou somente a parte técnica, nos tempos que ter sabedoria para usar a parte filosófica para que eles entendam no porque eles estão praticando e como eles podem usar a parte filosófica na parte competitiva.

- 15) O seu objetivo no judô consiste em contribuir para formação humana ou para o alto rendimento nas competições?

O trabalho quando a gente visa na parte de formação trabalhando, dando importância nessa área, o resultado vai surgir tanto na parte competitiva quanto na parte de formação das pessoas.

16) Qual a sua opinião, em relação às duas máximas ou princípios que Jigoro Kano idealizava? JI TA KYO EI (Amizade e prosperidade mútuas) e SEI RYOKU ZEN YO (O melhor uso de energia).

Essas duas frases são à parte de fundamento da prática do judô, nos temos que nos preocupar para que os praticantes entendam essas frases, esse ensinamento do professor Jigoro Kano pra que eles pratiquem o judô não somente para vencer, não somente para bater em alguém, ganhar de alguém, mas sim tentar de acordo com esses ensinamentos progredir mutuamente para que uma sociedade tenha paz e que isso atinja o mundo todo que atualmente está atingindo.

17) Qual sua opinião em manter os termos em japoneses para o ensino do judô?

Essa parte eu acho que é muito importante, primeiro que os praticantes começam mais a se preocupar conhecer a cultura através da língua e também devemos manter essa língua, porque toda parte de competição na arbitragem ainda é usado os termos japoneses estão aí à necessidade dos alunos conhecerem essa língua japonesa.

18) Qual a opinião do senhor em relação as reverências, saudações e o mokusso tão esquecidas nas academias?

Essa questão de saudações veio de uma cultura diferente de lá do Japão, então muitas pessoas não conseguem entender essa saudação. Com quem nós estamos reverenciando? Mas particularmente, eu procuro realizar essa saudação para que os alunos aprendam realmente respeitar não só o professor, não só os colegas mais graduados, mas sim os colegas de prática e acredito que essa saudação é muito importante nesse sentido do respeito mútuo. Agora eu particularmente naquela hora de saudação, no início e no final da aula na parte de mokusso eu oriento os meninos a quem acredita em Deus procure memorizar Deus pra aquele que tem alguma coisa contra a reverenciar o objeto que esta na gente procure memorizar Deus, Jesus Cristo procurar reverenciar nessa hora o nosso senhor Jesus Cristo, então eu particularmente procuro fazer dessa forma.

19) O senhor tem algumas contribuições para o desenvolvimento do aprendizado do judô, o que acontecerá com o judô de amanhã, o judô do presente, qual a contribuição que o senhor tem a fazer ou alguma crítica em relação ao nosso judô?

A minha preocupação como eu disse agora é parte de formação eu não saio dessa linha porque se a gente sair dessa linha o judô se torna simples lutas, sem respeito, sem nada e perde o sentido daquele judô, que o criador, o Jigoro Kano idealizou.

20) Na opinião do senhor o judô é considerado atualmente uma arte marcial, uma luta ou um esporte?

O judô não deixa de ser arte marcial porque o judô se originou de uma arte marcial, então hoje é considerado um esporte, porém não deixa de ser arte marcial.

21) Agradeço a entrevista concedida e se o senhor tiver alguma contribuição a dizer, algum agradecimento?

A minha vida toda eu dei aulas na escola de Educação Física. Comecei lá na Universidade de Brasília e a partir de 1977 eu comecei dar aula lá na ESEFFEGO que a atual UEG (Universidade Estadual de Goiás), eu fico muito satisfeito quando os alunos procuram saber realmente o verdadeiro judô e o que eu passei a vida toda na escola de 3º grau nas Universidades.